



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**
N.1 - Primeiro Levantamento – Intenção de Plantio
Outubro/2014

Boletim de Monitoramento Agrícola
Cultivos de Inverno – **SAFRA 2014**
2ª quinzena de setembro de 2014



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Neri Geller

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

João Marcelo Intini

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Francisco Olavo Batista de Sousa

Equipe Técnica da Geasa

Alessandro Lúcio Marques

Bernardo Nogueira Schlemper

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Eledon Pereira de Oliveira

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Roberto Alves de Andrade

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins.



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS

V.2 - **SAFRA 2014/15**

N.1 - Primeiro Levantamento – Intenção de Plantio
Outubro/2014

Boletim de Monitoramento Agrícola
Cultivos de Inverno – **SAFRA 2014**
2ª quinzena de setembro de 2014

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v.2 - Safra 2014/15, n.1 - Primeiro Levantamento, Brasília, p. 1-89, out. 2014



Copyright © 2014 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Tiragem: 1.000

Impresso no Brasil

Colaboradores

Társis Rodrigo de Oliveira Piffer (Geote)	Luciene de Souza Ribeiro (Geint)
Fernando Arthur Santos Lima (Geote)	Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
Francielle do Monte Lima (Geote)	Rogério Dias Coimbra (Geint)
André Luiz Farias de Souza (Assessor DIPAI)	Mozar de Araújo Salvador (INMET)
Patricia Maurico Campos (Geote)	Djalma Fernandes de Aquino (Gefip – Algodão)
Divino Cristino de Figueiredo (Geote)	Fernando Gomes da Motta (Gefip – Algodão)
Lucas Barbosa Fernandes (Geote)	João Figueiredo Ruas (Gerab – Feijão)
Edna Matsunaga de Menezes (Geint)	Paulo Magno Rabelo (Gerab – Trigo)
Elza Mary de Oliveira (Geint)	Sérgio Roberto dos Santos (Gerab – Arroz)
Iure Rabassa Martins (Geint)	Thomé Luiz Freire Guth (Geole – Milho)
Leandro Menegon Corder (Geole – Mamona)	

Colaboradores das Superintendências

Bruno Milhomem **(AC)**; Genival Barros, Paulo Oliveira, Alberthson Houly, Illo Fonseca **(AL)**; Armando Viana, Daysilene Batista, Iriseli Onofre, José Oliveira, José Bitencourt **(AM)**; Ednabel Lima, Gerson Santos, Jair Ferreira, Marcelo Ribeiro, Telma Silva **(BA)**; Eliberton Alves, Fábio Ferraz, Gilson Lima, Luciano Gomes **(CE)**; José Negreiros **(DF)**; Kerley Souza **(ES)**; Adayr Souza, Espedito Ferreira, Fernando Ferrante, Gerson Magalhães, Luiz Golveia, Rogério Barbosa, Ronaldo Campos **(GO)**; Humberto Souza Filho, Luiz Costa Filho, Leidyenne Araújo **(MA)**; Eugênio Carvalho, João Lopes, José Oliveira, Patrícia Sales, Pedro Soares, Sérgio Starling, Telma Silva, Terezinha Figueiredo, Warlen Maldonado **(MG)**; Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Fernando Coelho, Márcio Arraes **(MS)**; Sizenando Santos, Francielle Guedes, Jacir Silva, Marly Silva, Petronio Sobrinho **(MT)**; Alexandre Cidon, Rogério Neves, Moacir Rocha **(PA)**; Carlos Meira, Juarez Nóbrega **(PB)**; Agnelo Souza, Evandra Webber, José Bosqui, Rosimeire Lauretto **(PR)**; Francisco Souza, José Silva, José Nascimento, José Silva **(PI)**; Clóvis Ferreira Filho, José Souza, Francisco Almeida Filho, Frederico Silva **(PE)**; Cláudio Figueiredo, Luciana Oliveira, Olavo Godoy Neto **(RJ)**; Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira **(RN)**; João Kasper, Anderson Gomes **(RO)**; Irisele Onofre, Fábio Magalhães, Maria Almeida **(RR)**; Jaira Testa, Carlos Bestetti, Ernesto Irgang, Carlos Farias, Alexandre Pinto **(RS)**; César Rubin, Dionízio Bach, Edilson Macedo, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra **(SC)**; Fausto Almeida **(SE)**; Antônio Farias, Celmo Monteiro, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli **(SP)**; Jorge Carvalho, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha **(TO)**.

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Gustavo Felipe, Marília Yamashita e Núbia de Castro

Fotos

Arquivo Geosafra/ Conab, Clauduardo Abade, Maurício Pinheiro, Roberto Alves de Andrade

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/1739, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Introdução.....	4
2. Estimativa da área plantada	5
3. Estimativa da produtividade.....	6
3.1. Método estatístico.....	7
3.1.1. Dados.....	7
3.1.2. Séries Temporais.....	7
3.1.2.1. Modelos de Box-Jenkins para séries estacionárias.....	7
4. Estimativa da produção	9
5. Vazio sanitário.....	12
6. Germinação das sementes e a importância da temperatura e disponibilidade de água no solo.....	17
6.1. Fatores que afetam a germinação.....	17
6.1.1. Água.....	17
6.1.2. Temperatura.....	18
6.1.3. Umidade e temperatura do solo.....	18
6.1.3.1. Soja.....	18
6.1.3.2. Milho.....	19
7. Condições climáticas.....	20
7.1. Condições meteorológicas recentes.....	20
7.2. Prognóstico para o trimestre OND/2014.....	21
7.3. Monitoramento agrometeorológico.....	22
8. Monitoramento agrícola via satélite.....	24
8.1. Metodologia.....	24
8.1.1. Monitoramento agrícola via satélite.....	24
8.1.2. Monitoramento agrometeorológico e espectral das lavouras.....	25
8.2. Culturas de inverno – safra 2014.....	25
8.2.1. Noroeste Rio-Grandense.....	26
8.2.2. Oeste Catarinense.....	27
8.2.3. Sudoeste Paranaense.....	28
8.2.4. Sudeste Paranaense.....	30
8.2.5. Centro Sul Paranaense.....	31
8.2.6. Centro Oriental Paranaense.....	33
9. Diversificação da oferta agrícola no Centro-Oeste.....	34
10. Análise das culturas.....	39
10.1. Culturas de verão.....	39
10.1.1. Algodão.....	39
10.1.1.1. Oferta e demanda.....	42
10.1.2. Amendoim.....	42
10.1.2.1. Amendoim primeira safra.....	42
10.1.2.2. Amendoim segunda safra.....	44

10.1.2.3. Amendoim total.....	46
10.1.3. Arroz.....	47
10.1.3.1. Oferta e demanda.....	50
10.1.4. Feijão.....	51
10.1.4.1. Feijão primeira safra.....	51
10.1.4.2. Feijão segunda safra.....	55
10.1.4.3. Feijão terceira safra.....	57
10.1.4.4. Feijão total.....	58
10.1.5. Girassol.....	59
10.1.6. Mamona.....	61
10.1.7. Milho.....	62
10.1.7.1. Milho primeira safra.....	62
10.1.7.2. Milho segunda safra.....	65
10.1.7.3. Milho total.....	68
10.1.7.4. Oferta e demanda.....	69
10.1.8. Soja.....	71
10.1.8.1. Oferta e demanda.....	75
10.1.9. Sorgo.....	76
10.2. Culturas de inverno.....	78
10.2.1. Aveia.....	78
10.2.2. Canola.....	80
10.2.3. Centeio.....	81
10.2.4. Cevada.....	82
10.2.5. Trigo.....	83
10.2.5.1. Oferta e demanda.....	87
10.2.6. Triticale.....	88
10. Balanço de oferta e demanda.....	89

1. Introdução

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), realiza levantamentos e avaliações mensais da safra brasileira de grãos e de outras lavouras.

O principal objetivo dessa atribuição é subsidiar o referido Ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação da Política Agrícola e de Abastecimento e no atendimento aos demais agentes oficiais e privados do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Nas pesquisas são levantadas informações de área plantada e/ou a ser plantada, produção estimada, produtividade média estimada, evolução do desenvolvimento das culturas, pacote tecnológico utilizado pelos produtores, evolução da colheita, influência climática, dentre outras informações pertinentes, objetivando agregar qualidade, como forma de fortalecer os dados divulgados pela Companhia. Essas pesquisas são realizadas graças à colaboração de agrônomos, técnicos de cooperativas, Secretarias de Agricultura, órgãos de Assistência Técnica e Extensão Rural (oficiais e privados), agentes financeiros e revendedores de insumos, que subsidiam os técnicos desta Companhia com informações pertinentes aos levantamentos.

A pesquisa deste primeiro levantamento teve como objetivo mensurar a área a ser cultivada na safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja, além de avaliar o desempenho das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), as quais se encontram em processo de desenvolvimento e de colheita. Além dos aspectos metodológicos que mencionaremos a seguir, cumpre-nos esclarecer que as informações levantadas na oportunidade indicam tão-somente uma intenção de plantio por parte dos produtores rurais e foram coletadas durante o início das operações de preparo do solo e plantio.

A metodologia de avaliação de safras da Conab segue a recomendação expressa do Banco Mundial, no que concerne à criação de mecanismos que possibilitem a obtenção de informações agrícolas precisas e políticas de abastecimento seguras, capazes de contribuir para a minimização da fome no planeta, na direção, também preconizada pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), que tem solicitado aos países-membros uniformização nos procedimentos de avaliação, de modo a reduzir as fortes discrepâncias nas suas estatísticas de produção. Em atenção a essa demanda, os levantamentos têm sido realizados em estreita colaboração com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), consolidando o processo de harmonização das estimativas oficiais de safra para as principais lavouras brasileiras.

Ao longo do tempo, a qualidade alcançada na informação das safras e sua tempestiva divulgação atingiram elevado nível de credibilidade nos mercados agrícolas globais, que a utilizam como parâmetro para a formação de expectativas presentes e futuras.

Vale destacar também que, o presente Boletim de divulgação faz parte do Observatório Agrícola, desenvolvido no âmbito desta Companhia, segundo diretrizes do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

Agradecemos a indispensável participação e colaboração dos profissionais do IBGE e dos diversos parceiros citados, bem como dos demais colaboradores internos, que direta ou indiretamente, participaram da realização deste trabalho.

2. Estimativa da área plantada (56,23 a 58,34 milhões de hectares)

A área plantada estimada para a safra 2014/15 deve variar entre 56,23 e 58,34 milhões de hectares, uma estimativa de redução de 1,2% até um aumento de 2,5%, a depender do andamento do plantio, em relação à cultivada na safra 2013/14, que totalizou 56,94 milhões de hectares (Tabela 1).

Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	13/14 (a)	14/15		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO	1.121,6	948,4	1.074,8	(15,4)	(4,2)	(173,2)	(46,8)
AMENDOIM TOTAL	105,3	92,1	106,0	(12,5)	0,7	(13,2)	0,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	94,2	81,0	94,9	(14,0)	0,7	(13,2)	0,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,1	11,1	11,1	-	-	-	-
ARROZ	2.386,9	2.249,6	2.482,0	(5,8)	4,0	(137,3)	95,1
FEIJÃO TOTAL	3.333,4	3.237,2	3.283,1	(2,9)	(1,5)	(96,2)	(50,3)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.163,6	1.067,4	1.113,3	(8,3)	(4,3)	(96,2)	(50,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.491,2	1.491,2	1.491,2	-	-	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	678,6	678,6	678,6	-	-	-	-
GIRASSOL	145,7	145,7	145,7	-	-	-	-
MAMONA	87,4	90,1	100,6	3,1	15,1	2,7	13,2
MILHO TOTAL	15.800,7	15.081,3	15.526,4	(4,6)	(1,7)	(719,4)	(274,3)
MILHO 1ª SAFRA	6.618,0	5.898,6	6.343,7	(10,9)	(4,1)	(719,4)	(274,3)
MILHO 2ª SAFRA	9.182,7	9.182,7	9.182,7	-	-	-	-
SOJA	30.173,1	30.599,9	31.836,7	1,4	5,5	426,8	1.663,6
SORGO	731,0	731,0	731,0	-	-	-	-
SUBTOTAL	53.885,1	53.175,3	55.286,3	(1,3)	2,6	(709,8)	1.401,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2014 (a)	2015		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	154,5	154,5	154,5	-	-	-	-
CANOLA	45,2	45,2	45,2	-	-	-	-
CENTEIO	1,8	1,8	1,8	-	-	-	-
CEVADA	118,1	118,1	118,1	-	-	-	-
TRIGO	2.698,5	2.698,5	2.698,5	-	-	-	-
TRITICALE	38,8	38,8	38,8	-	-	-	-
SUBTOTAL	3.056,9	3.056,9	3.056,9	-	-	-	-
BRASIL	56.942,0	56.232,2	58.343,2	(1,2)	2,5	(709,8)	1.401,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Destaque para a cultura da soja, responsável pelo possível aumento de área. A estimativa é que o aumento da área cultivada com a oleaginosa fique entre 1,4 e 5,5% (426,8 a 1.663,6 mil hectares). O algodão apresenta uma possível redução na ordem de 4,2 a 15,4% (46,8 a 173,2 mil hectares). Para o milho primeira safra, a exemplo do que

ocorreu na safra passada, a expectativa é que haja redução na área em torno de 4,1 a 10,9% (274,3 a 719,4 mil hectares), área possivelmente cultivada com soja. O feijão primeira safra também apresenta redução de 4,3 a 8,3% (50,3 a 96,2 mil hectares).

3. Estimativa de produtividade

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

PRODUTO	SAFRAS		VARIÇÃO	
	13/14 (a)	14/15 (b)	Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.381	2.461	3,4	80,0
ALGODÃO EM PLUMA	1.546	1.598	3,4	52,0
AMENDOIM TOTAL	2.998	3.476	15,9	477,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.666	3.652	(0,4)	(14,6)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.179	2.085	(4,3)	(93,7)
ARROZ	5.095	5.314	4,3	218,5
AVEIA	2.708	2.708	-	-
CANOLA	1.527	1.527	-	-
CENTEIO	2.000	2.000	-	-
CEVADA	3.528	3.528	-	-
FEIJÃO TOTAL	1.033	988	(4,3)	(44,8)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.076	959	(10,9)	(117,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	878	876	(0,3)	(2,6)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.300	1.284	(1,2)	(15,6)
GIRASSOL	1.597	1.429	(10,5)	(167,3)
MAMONA	440	202	(54,2)	(238,2)
MILHO TOTAL	5.057	5.082	0,5	25,3
MILHO 1ª SAFRA	4.783	4.635	(3,1)	(148,3)
MILHO 2ª SAFRA	5.255	5.381	2,4	126,1
SOJA	2.854	2.903	1,7	48,6
SORGO	2.587	2.537	(2,0)	(50,5)
TRIGO	2.844	2.844	-	-
TRITICALE	2.701	2.701	-	-
BRASIL	3.433	3.453	0,6	20,2

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

3.1. Método estatístico

3.1.1. Dados

Os dados utilizados nesse estudo são baseados na série histórica da Conab e estão disponíveis no site da Companhia (<http://www.conab.gov.br/>). Os dados de produtividade são anuais, separados por cultura e por Unidade da Federação (UF). Para algumas culturas e unidades da federação há dados desde a safra 1976/77, o que já é uma quantidade de observações significativa para uma boa realização do trabalho. No entanto, alguns produtos e UFs possuem poucas observações, o que dificulta o ajuste do modelo.

3.1.2. Séries temporais

Uma série de tempo é uma sequência de observações coletadas em intervalos regulares durante um período de tempo e as observações vizinhas são dependentes entre si.

O conjunto de observações é $\{Y(t), t \in T\}$, sendo que:

- Y: variável de interesse;
- T: conjunto de índices.

Os principais objetivos do estudo de uma série temporal são: compreender o mecanismo gerador da série e prever o comportamento futuro da série. Este último possibilita o usuário da informação a fazer estimativas a curto, médio e longo prazo.

Destacam-se as incertezas das previsões, principalmente quanto as produtividades de culturas anuais, visto que elas são totalmente dependentes das condições climáticas ao longo do desenvolvimento das mesmas. Sendo assim, a Companhia promoverá ajustes nas mesmas de acordo com o impacto mensurado nas visitas in loco. Nesse estudo, estipulou-se 90% de confiança para os intervalos encontrados.

Modelos de produtividade da cultura são apresentações abstratas da interação da cultura com o seu ambiente e pode variar de simples correlação de rendimento com um número finito de variáveis para os modelos estatísticos complexos, com final previsto. As previsões podem ser formadas de muitas maneiras. O método escolhido depende da finalidade e importância das previsões, bem como o custo e a eficiência dos métodos de previsão alternativos.

Devido à quantidade de culturas e unidades da federação, optou-se por um modelo mais simples, mas que cumpre com eficiência a finalidade do estudo. Neste contexto então, foi encontrado um modelo para cada cultura em cada unidade da federação.

Em alguns casos as observações podem ser perfeitamente correlacionadas, mas isso não é uma regra. As previsões não são independentes das observações, mesmo quando as mesmas são, porque as previsões em geral possuem parâmetros iguais.

3.1.2.1. Modelos de Box-Jenkins para séries estacionárias

Esses modelos são utilizados para analisar os modelos não estacionários, transformando-os em estacionários, com média e variância constantes ao longo do tempo, utilizando a ordem de integração (d). Como os dados são estacionários, qualquer modelo inferido a partir desses dados é considerado como estável, fornecendo uma base válida para previsão.

Os modelos são gerados a partir da combinação de três componentes: Autoregressão (AR), Integração (I) e Médias móveis (MA). É definido por ARIMA (p,d,q),

onde p é o número de termos auto-regressivos, d é a ordem de diferenças tomadas para que o modelo torne estacionário e q é o número de termos da média móvel. Sendo assim:

1) O componente autoregressivo (AR) é relacionado ao fato de Z_t no instante t ser função dos p Y 's anteriores a t .

2) O componente de Médias Móveis (MA) é relacionado ao fato de que cada observação de Z_t é gerada a partir da média ponderada do valor presente e de q valores passados de um processo de ruído aleatório;

3) O componente de integração (I) é relacionado ao fato de que a d -ésima diferença da série Z_t pode ser representada por um modelo auto-regressivo – Médias móveis (ARMA), estacionário e inversível.

Modelos Auto Regressivos, Integrados e de Médias Móveis (ARIMA(p,d,q))

Os modelos AR, MA e ARMA são apropriados para descrever séries temporais estacionárias, isto é, séries que se desenvolvem no tempo ao redor de uma média constante. Muitas séries encontradas na prática não são estacionárias, mas quando tomamos a série diferenciada, esta se torna estacionária.

Modelos auto regressivos, integrados e de médias móveis (ARIMA) trata-se de representar série diferenciada por um modelo ARMA.

Portanto, podemos descrever todos os modelos vistos anteriormente utilizando a nomenclatura ARIMA, isto é:

i) $ARIMA(p,0,0) = AR(p)$;

ii) $ARIMA(0,0,q) = MA(q)$;

iii) $ARIMA(p,0,q) = ARMA(p,q)$.

No caso de uma série não estacionária, utilizamos o modelo completo, $ARIMA(p,d,q)$ com d diferenças na série original.

Auto ARIMA

Para a escolha do melhor modelo em cada situação, foi utilizada inicialmente a função “auto arima” do pacote “Forecast”, que devolve o melhor modelo ARIMA de acordo com os critérios AIC, AICc ou valor BIC. A função realiza uma pesquisa sobre o modelo possível dentro das limitações de ordem fornecidas.

Referências

– Brasil. Ministério da agricultura, pecuária e abastecimento (2014). Projeções do Agronegócio: Brasil 2013/2014 a 2023/2024.

– Conab. [Site oficial] Disponível em <<http://www.conab.gov.br>> . Acesso em: setembro e outubro de 2014.

– Morettin, Pedro A.; Toloi, Clelia M. C. Análise de Séries Temporais. ABE – Projeto Fisher e Ed. Blucher, 2004.

4. Estimativa de produção (194 a 201,6 milhões de toneladas)

A produção da safra 2013/14, de 195,47 milhões de toneladas, deve ter uma redução de 0,7% até um acréscimo de 3,2% para a safra 2014/15, ficando entre 194 a 201,65 milhões de toneladas (Tabela 2). Esse resultado representa uma redução de 1,46 a um aumento de 6,18 milhões de toneladas.

O crescimento observado no milho segunda safra se deve à metodologia utilizada, ou seja, manutenção da área plantada na safra anterior e a estimativa da produtividade utilizando modelo estatístico, haja vista que o plantio desta cultura ocorre a partir de janeiro de 2015.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

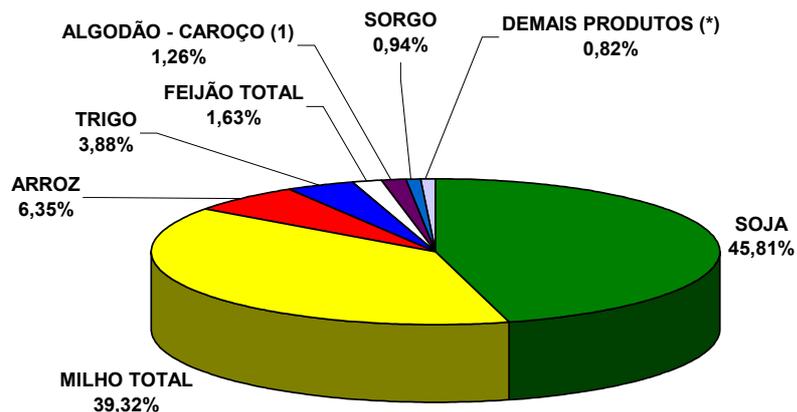
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	13/14 (a)	14/15		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.670,7	2.334,9	2.645,4	(12,6)	(0,9)	(335,8)	(25,3)
ALGODÃO - PLUMA	1.734,0	1.515,6	1.717,8	(12,6)	(0,9)	(218,4)	(16,2)
AMENDOIM TOTAL	315,8	318,6	370,0	0,9	17,2	2,8	54,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	291,6	295,4	346,8	1,3	18,9	3,8	55,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	24,2	23,2	23,2	(4,1)	(4,1)	(1,0)	(1,0)
ARROZ	12.161,7	11.919,7	13.222,7	(2,0)	8,7	(242,0)	1.061,0
FEIJÃO TOTAL	3.444,1	3.191,3	3.253,5	(7,3)	(5,5)	(252,8)	(190,6)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.252,5	1.014,3	1.076,5	(19,0)	(14,1)	(238,2)	(176,0)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.309,7	1.305,6	1.305,6	(0,3)	(0,3)	(4,1)	(4,1)
FEIJÃO 3ª SAFRA	882,0	871,4	871,4	(1,2)	(1,2)	(10,6)	(10,6)
GIRASSOL	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(10,5)	(24,5)	(24,5)
MAMONA	38,5	46,0	51,5	19,5	33,8	7,5	13,0
MILHO TOTAL	79.905,5	76.611,0	78.948,1	(4,1)	(1,2)	(3.294,5)	(957,4)
MILHO 1ª SAFRA	31.652,9	27.200,2	29.537,3	(14,1)	(6,7)	(4.452,7)	(2.115,6)
MILHO 2ª SAFRA	48.252,6	49.410,8	49.410,8	2,4	2,4	1.158,2	1.158,2
SOJA	86.120,8	88.834,6	92.406,2	3,2	7,3	2.713,8	6.285,4
SORGO	1.891,2	1.854,1	1.854,1	(2,0)	(2,0)	(37,1)	(37,1)
SUBTOTAL	186.781,1	185.318,4	192.959,7	(0,8)	3,3	(1.462,7)	6.178,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2014 (a)	2015		Percentual		Absoluta	
		Lim Inferior (b)	Lim Superior (c)	(b/a)	(c/a)	(b-a)	(c-a)
AVEIA	418,4	418,4	418,4	-	-	-	-
CANOLA	69,0	69,0	69,0	-	-	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-	-	-
CEVADA	416,6	416,6	416,6	-	-	-	-
TRIGO	7.673,6	7.673,6	7.673,6	-	-	-	-
TRITICALE	104,8	104,8	104,8	-	-	-	-
SUBTOTAL	8.686,0	8.686,0	8.686,0	-	-	-	-
BRASIL ⁽²⁾	195.467,1	194.004,4	201.645,7	(0,7)	3,2	(1.462,7)	6.178,6

Legenda: ⁽¹⁾ Produção de caroço de algodão; ⁽²⁾ Exclui a produção de algodão em pluma

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Gráfico 1 – Produção total de grãos por cultura

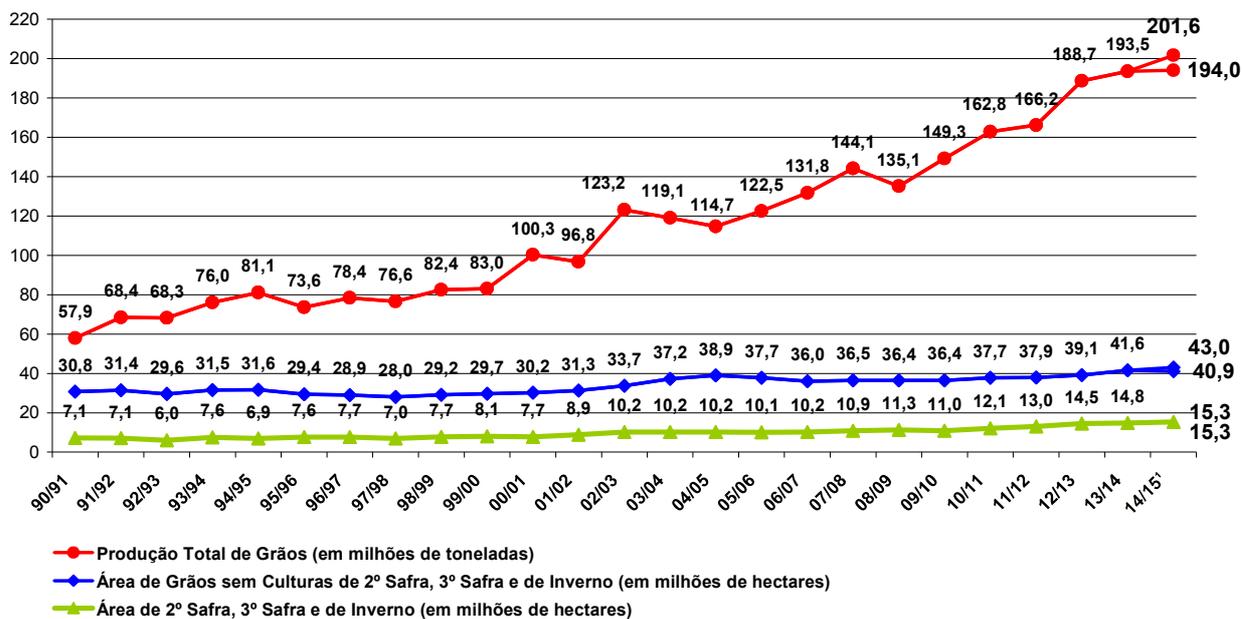


Legenda: (*) Amendoim total, girassol, mamona, aveia, canola, cevada, centeio e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Gráfico 2 – Evolução da área e produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Grãos (*)

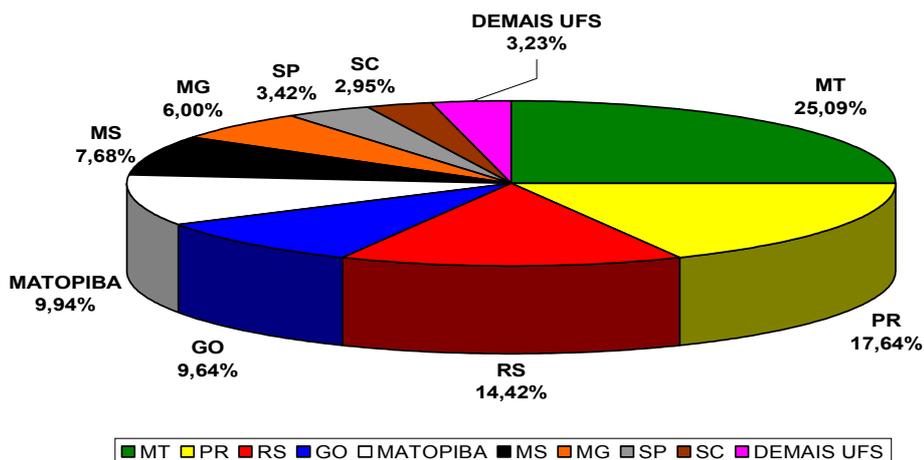
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(e/d)	(e/d)
NORTE	2.126,6	2.124,4	2.188,4	(0,1)	2,9	2.967	3.193	7,6	6.309,8	6.769,9	7.000,2	7,3	10,9
RR	39,5	39,5	45,5	-	15,2	3.600	3.782	5,1	142,2	140,6	180,9	(1,1)	27,2
RO	421,9	422,8	435,3	0,2	3,2	2.900	3.004	3,6	1.223,7	1.268,9	1.308,5	3,7	6,9
AC	64,3	59,9	62,9	(6,8)	(2,2)	1.926	1.970	2,3	123,8	117,7	124,2	(4,9)	0,3
AM	19,7	19,7	19,7	-	-	2.132	2.173	1,9	42,0	42,8	42,8	1,9	1,9
AP	5,5	5,5	5,5	-	-	1.018	1.073	5,4	5,6	5,9	5,9	5,4	5,4
PA	515,1	515,1	515,1	-	-	2.750	2.834	3,1	1.416,5	1.460,0	1.460,0	3,1	3,1
TO	1.060,6	1.061,9	1.104,4	0,1	4,1	3.164	3.514	11,1	3.356,0	3.734,0	3.877,9	11,3	15,6
NORDESTE	8.256,8	8.177,8	8.561,5	(1,0)	3,7	2.033	2.143	5,4	16.788,1	17.420,7	18.459,7	3,8	10,0
MA	1.769,1	1.705,7	1.866,7	(3,6)	5,5	2.431	2.463	1,3	4.300,6	4.222,4	4.577,2	(1,8)	6,4
PI	1.388,4	1.434,7	1.490,6	3,3	7,4	2.000	2.018	0,9	2.777,4	2.888,9	3.015,8	4,0	8,6
CE	923,1	923,1	923,1	-	-	621	664	7,0	573,0	613,2	613,2	7,0	7,0
RN	69,0	69,0	69,0	-	-	555	491	(11,5)	38,3	33,9	33,9	(11,5)	(11,5)
PB	155,3	155,3	155,3	-	-	375	395	5,3	58,2	61,3	61,3	5,3	5,3
PE	478,5	478,5	478,5	-	-	392	386	(1,6)	187,8	184,6	184,6	(1,7)	(1,7)
AL	81,2	81,2	81,2	-	-	828	847	2,3	67,2	68,8	68,8	2,4	2,4
SE	266,5	266,5	266,5	-	-	4.216	4.221	0,1	1.123,5	1.125,0	1.125,0	0,1	0,1
BA	3.125,7	3.063,8	3.230,6	(2,0)	3,4	2.451	2.701	10,2	7.662,1	8.222,6	8.779,9	7,3	14,6
CENTRO-OESTE	22.055,2	22.076,3	22.700,0	0,1	2,9	3.701	3.798	2,6	81.636,5	84.007,7	86.063,1	2,9	5,4
MT	13.323,0	13.392,4	13.761,3	0,5	3,3	3.580	3.656	2,1	47.702,6	49.070,5	50.199,9	2,9	5,2
MS	3.768,5	3.786,1	3.879,0	0,5	2,9	3.840	3.962	3,2	14.470,5	15.037,1	15.332,1	3,9	6,0
GO	4.777,0	4.711,1	4.873,0	(1,4)	2,0	3.838	3.980	3,7	18.333,4	18.756,2	19.387,2	2,3	5,7
DF	186,7	186,7	186,7	-	-	6.052	6.127	1,2	1.130,0	1.143,9	1.143,9	1,2	1,2
SUDESTE	5.064,3	4.844,9	5.057,0	(4,3)	(0,1)	3.532	3.780	7,0	17.887,7	18.295,4	19.137,7	2,3	7,0
MG	3.233,5	3.136,8	3.222,9	(3,0)	(0,3)	3.605	3.731	3,5	11.655,3	11.702,3	12.026,2	0,4	3,2
ES	38,1	36,9	37,7	(3,1)	(1,0)	1.945	1.799	(7,5)	74,1	66,3	67,9	(10,5)	(8,4)
RJ	8,0	8,0	8,0	-	-	1.988	1.988	-	15,9	15,9	15,9	-	-
SP	1.784,7	1.663,2	1.788,4	(6,8)	0,2	3.442	3.922	14,0	6.142,4	6.510,9	7.027,7	6,0	14,4
SUL	19.439,1	19.008,8	19.836,3	(2,2)	2,0	3.747	3.565	(4,8)	72.845,0	67.510,8	70.985,1	(7,3)	(2,6)
PR	9.613,3	9.443,7	9.804,6	(1,8)	2,0	3.728	3.626	(2,7)	35.840,6	34.181,2	35.605,1	(4,6)	(0,7)
SC	1.326,4	1.254,8	1.319,0	(5,4)	(0,6)	4.955	4.528	(8,6)	6.572,2	5.670,0	5.985,2	(13,7)	(8,9)
RS	8.499,4	8.310,3	8.712,7	(2,2)	2,5	3.581	3.352	(6,4)	30.432,2	27.659,6	29.394,8	(9,1)	(3,4)
NORTE/NORDESTE	10.383,4	10.302,2	10.749,9	(0,8)	3,5	2.225	2.358	6,0	23.097,9	24.190,6	25.459,9	4,7	10,2
CENTRO-SUL	46.558,6	45.930,0	47.593,3	(1,4)	2,2	3.702	3.700	(0,1)	172.369,2	169.813,9	176.185,9	(1,5)	2,2
BRASIL	56.942,0	56.232,2	58.343,2	(1,2)	2,5	3.433	3.453	0,6	195.467,1	194.004,5	201.645,8	(0,7)	3,2

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Gráfico 3 – Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

5. Vazio sanitário

O vazio sanitário é definido como um período no qual é proibido cultivar, implantar, bem como manter ou permitir a presença de plantas vivas em qualquer fase de desenvolvimento. Neste período, apenas áreas de pesquisa científica e de produção de semente genética, devidamente monitorada e controlada, são liberadas para o cultivo. A medida é adotada com objetivo específico para cada cultura.

Na soja, ele visa reduzir a quantidade de uredósporos (esporos que aparecem na fase epidêmica da doença) no ambiente durante a entressafra e, dessa forma, diminuir a possibilidade de incidência precoce da ferrugem asiática, doença causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, que já provocou um prejuízo de bilhões de reais à sojicultura brasileira, seja pela perda de produtividade, seja pelo aumento do custo de produção. A pesquisa identificou que o tempo máximo de permanência da ferrugem asiática em plantas vivas (soja tiguera ou guaxa¹) é de 55 dias, por isso, o período mínimo de vazio sanitário da soja é de 60 dias, podendo alcançar 90 dias em alguns estados. Atualmente, 12 estados adotam o período do vazio sanitário regulamentado: Rondônia, Pará, Tocantins, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além do Paraguai, país que também é produtor de soja e faz fronteira com o Brasil.

Apenas quatro estados produtores não adotam o vazio sanitário: Roraima, Piauí, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em Roraima, segundo o Consórcio Antiferrugem/Sistema (www.cnpso.embrapa.br/alerta), a doença ainda não foi detectada nas lavouras do estado. Isso se deve, provavelmente, devido a sua localização geográfica e sua diferente época de semeadura (maio a junho), em relação ao restante do país (outubro a dezembro), por isso não adota o vazio sanitário. No Piauí, a região produtora sofre escassez de chuvas e temperaturas elevadas na entressafra, o que torna o ambiente desfavorável ao desenvolvimento da doença (MEYER, 2007), uma vez que nessas condições a soja tiguera não sobrevive. De acordo com o Consórcio Antiferrugem, não houve relato de foco da doença nas últimas cinco safras no estado. No Rio Grande do Sul e Santa Catarina, as baixas temperaturas (geadas) na entressafra também são desfavoráveis à permanência de soja tiguera, então optou-se pelo não estabelecimento

¹ As plantas voluntárias e/ou plantas daninhas que germinam por si só na lavoura, a partir de grãos perdidos na colheita e assim tornam-se hospedeiras de doenças.

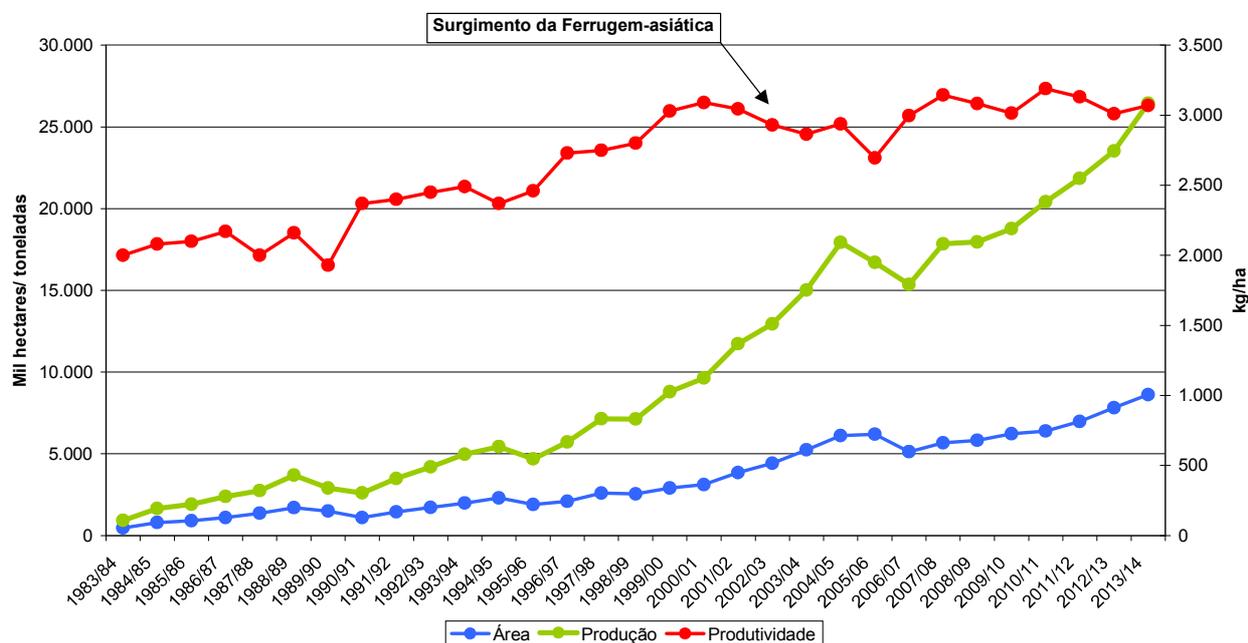
do vazio sanitário, o que ocorre também na Argentina.

Um ponto preocupante, quanto ao manejo da doença, é a situação da Bolívia, onde não ocorre o vazio sanitário e as frequentes correntes de vento, que sopram do Pacífico e do sul da América do Sul, trazem esporos para as lavouras no Brasil (FAEP, 2008), sendo fonte de inóculo para os cultivos de verão, especialmente no Mato Grosso. Na Bolívia são feitas, pelo menos, duas safras por ano (verão e inverno) com ocorrência de fortes epidemias de ferrugem asiática que encontra hospedeiro o ano todo (FAEP, 2008).

A importância do vazio sanitário para a soja no Mato Grosso é maior ainda nesta safra, especialmente após a incidência do cultivo de soja safrinha que induziu a uma forte presença de doenças e culminou com a aplicação acima do normal de fungicidas. Isso ocorreu porque houve migração da doença da soja primeira safra para a soja segunda safra, uma vez que a maturação fisiológica da planta impede que a doença sobreviva, então ela emite esporos e é transportada para outras plantas em pleno vigor. Além disso, o excesso de chuva impediu a aplicação de fungicidas na época ideal. Esse fator coloca em risco o desempenho da safra de verão, com suas implicações na receita de exportações do país, onde o agronegócio, a cada ano, aparece de forma destacada, sobretudo, o complexo soja (grão, farelo e óleo).

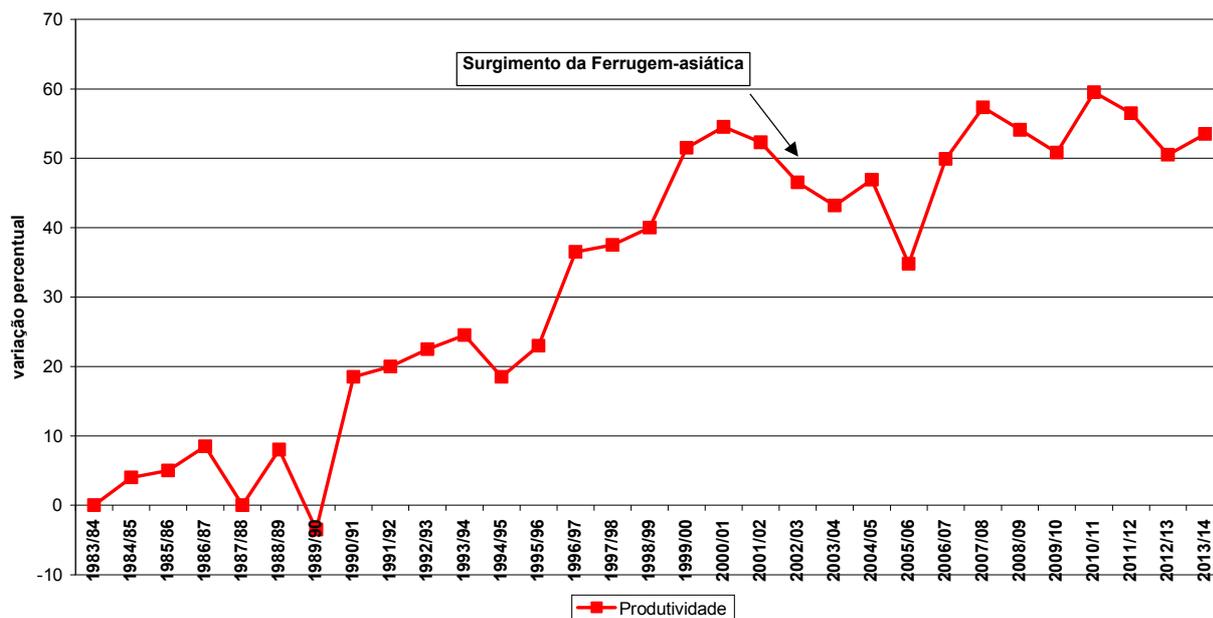
Outros fatores contribuem para isso, mas é importante ressaltar que após a safra 2002/03, quando ocorreu surgimento da ferrugem-asiática no Mato Grosso, a produtividade do estado tem permanecido estagnada, com média de 3.005 kg/ha nas últimas 12 safras. Isso pode ser visualizado nos Gráficos 4 e 5.

Gráfico 4 – Evolução da área, produtividade e produção de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

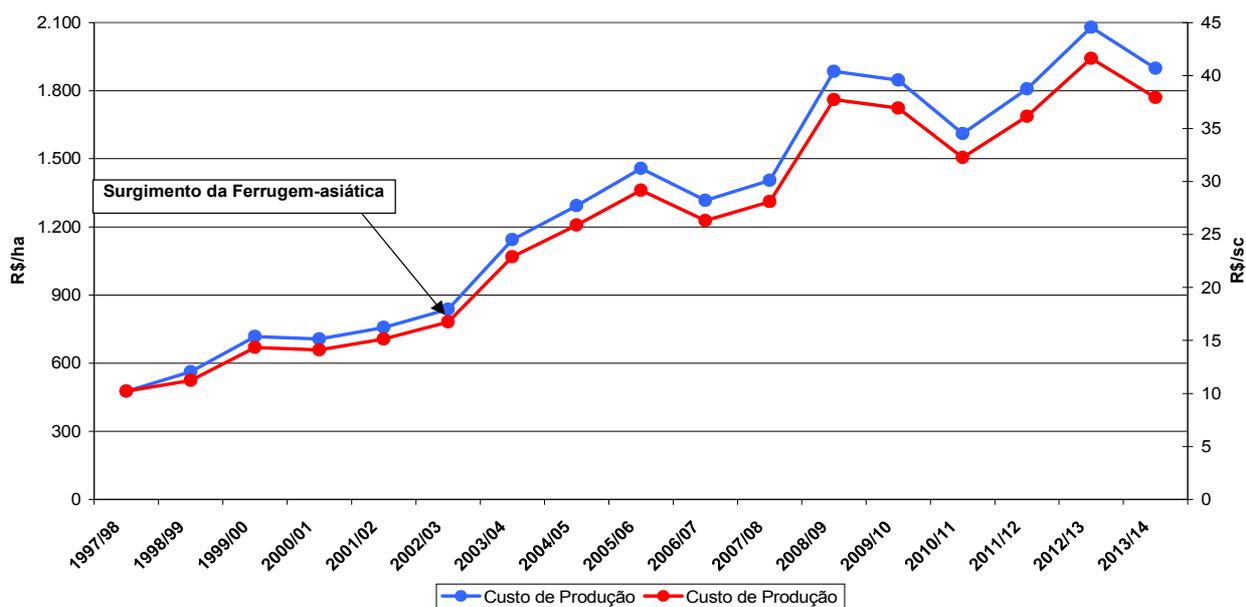
Gráfico 5 – Variação percentual da produtividade de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

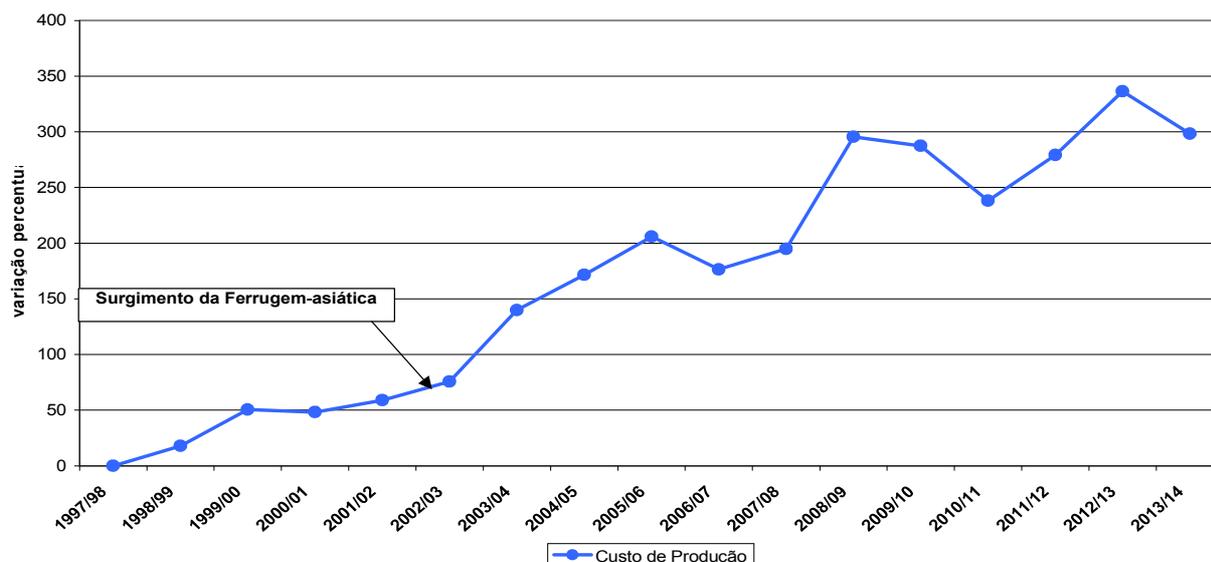
É importante ressaltar que, para a manutenção desse nível de produtividade, o maior uso de fungicidas acabou por elevar os custos de produção que dispararam após o surgimento da doença no estado. É fato que são muitas as variáveis que compõem o custo, como os fertilizantes, mas o controle da doença foi um fator que pesou muito para este aumento. O Gráfico 6 demonstra o aumento do custo de produção da oleaginosa no estado e o Gráfico 7, a sua variação percentual em relação à safra 1997/98, quando iniciou-se a série histórica.

Gráfico 6 – Evolução do custo de produção de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

Gráfico 7 – Variação percentual do custo de produção de soja no Mato Grosso



Fonte: Conab.

Tabela 5 – Período de vazio sanitário para a soja

UF	JUN		JUL		AGO		SET		OUT		NOV		Início	Fim
	1ª Quinz.	2ª Quinz.												
RO													15/06	15/09
PA/Sul													15/07	15/09
PA/Norte													01/10	30/11
TO													01/07	30/09
MA/Norte													15/09	15/11
MA/Sudeste														
BA ¹													15/08	15/10
MT													15/06	15/09
MS														
GO														
DF													01/07	30/09
MG														
SP														
PR													15/06	15/09
PARAGUAI													01/06	30/08

Legenda: ¹ Para cultivos sob irrigação, o vazio sanitário vai até dia 30/09

PA/Sul: Conceição do Araguaia, Redenção, Itaituba (com exceção dos municípios de Rurópolis e Trairão), Marabá e Altamira (distrito de Castelo dos Sonhos).

PA/Norte: Santarém, Itaituba (municípios de Rurópolis e Trairão), Paragominas, Bragançinha, Guamá, Altamira (com exceção Distrito Castelo dos Sonhos).

MA/Norte: Baixada Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó, Coelho Neto, Gurupi, Itapecuru Mirim, Pindaré, Presidente Dutra, Rosário, Paço do Lumiar, S. J. de Ribamar e São Luis.

MA/Sudeste: Alto Mearim, Grajaú, Balsas, Imperatriz e Porto Franco.

Fonte: Conab/Embrapa.

Nota: Levantamento em outubro/2014.

Para o algodão, o vazio sanitário é uma das medidas fitossanitárias para a prevenção e controle do Bicudo do Algodoeiro (*Anthonomus grandis*), visando proteger a produção do estado de prejuízos ocasionados pela praga. Considerado a principal praga da cultura, além de grande capacidade destrutiva, possui habilidade para permanecer nessas lavouras durante a entressafra. Ela foi responsável pela migração do cultivo da cultura do Paraná para o Centro-Oeste do país. No início da década de 90, este estado era o maior produtor nacional, cultivando mais de 700 mil hectares, enquanto no Mato Grosso, por exemplo, se plantava cerca de 30 mil hectares. Na safra 2013/14, o Mato Grosso, maior produtor do país, plantou 643,1 mil hectares, enquanto a área do Paraná não chega a 1.000 hectares. Dos estados que adotam o vazio sanitário, a Bahia é o único onde ele é opcional. Os outros que também adotam o período de vazio sanitário são: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo.

Para facilitar os trabalhos dos cotonicultores e colaborar para a eficiência no

combate ao bicudo, o Mato Grosso do Sul e Goiás (em quatro das cinco regiões produtoras) adotaram 30 de setembro como início do período do vazio sanitário, permitindo que uma grande região produtora que engloba os dois estados fiquem no mesmo prazo para destruição de soqueiras, segundo a Instrução Normativa nº 06/2014 emitida pela Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa). Esta Instrução Normativa terá vigência somente no período da safra 2013/14, expirando a sua validade com o final desta. No Mato Grosso do Sul ainda não há Instrução Normativa para tal finalidade, mas deve se repetir o que ocorreu na safra 2012/13, com o vazio sanitário iniciando-se dia 30 de setembro, visto que a colheita está finalizada.

Para efeito do calendário do vazio sanitário de Goiás, o estado foi dividido em cinco regiões. Na Tabela 6 é possível ter uma visão global de como fica distribuído o período de vazio sanitário no estado e no país. Os municípios que fazem parte do mesmo período do vazio encontram-se na Instrução Normativa nº 04/2014, emitida pela Agrodefesa. Para facilitar a disposição dos períodos, a região 1 compreende, basicamente, a região sul e sudeste de Goiás, a região 2 compreende a região sudoeste goiano, a região 3 compreende o extremo sudoeste goiano, a região 4 compreende o entorno do Distrito Federal e a região 5 compreende o oeste goiano.

Tabela 6 – Período de vazio sanitário para o algodão

UF	JUL			AGO			SET			OUT			NOV			DEZ			JAN		Início	Fim
	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez			
BA ¹																					31/08	15/11
MT																					01/10	30/11
MS																					01/10	30/11
GO Entorno do DF																					01/10	10/11
GO Sul e Sudeste																					01/10	25/11
GO Sudoeste																					01/10	30/11
GO Extremo Sudoeste ²																					01/10	05/12
GO Oeste Goiano																					01/11	20/01
MG																					20/09	20/11
SP																					10/07	10/10
PR																					10/07	20/09

Legenda: ¹ opcional; ² Compreende os municípios de Perolândia, Portelândia e Mineiros (exceto a porção de área descontínua limítrofe com Chapadão do Céu)

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento em outubro/2014.

Para o feijão, o vazio sanitário tem como objetivo o controle da mosca branca (*Bemisia tabaci*) e diminuir a quantidade de alimento para esse inseto, considerado uma das pragas mais prejudiciais para os produtores dessa cultura. A eliminação de plantas vivas neste período evita que o inseto se mantenha ativo e provoque danos às próximas safras, uma vez que ele é vetor de doenças, como o vírus do mosaico dourado do feijoeiro e o transmite no momento da sucção da seiva da planta. Nesta safra, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais determinaram período de vazio sanitário para o feijão, conforme Tabela 7.

Tabela 7 – Período de vazio sanitário para o feijão

UF	AGO			SET			OUT			NOV			Início	Fim	
	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez	1ª Dez	2ª Dez	3ª Dez			
GO ⁽¹⁾														05/09	05/10
GO ⁽²⁾															
DF														20/09	20/10
MG ⁽³⁾															
MG ⁽⁴⁾														15/09	25/10

Legenda: ⁽¹⁾ sudoeste, sul e sudeste; ⁽²⁾ Entorno do DF, Norte, Nordeste, Centro, Noroeste e Metropolitana de Goiania; ⁽³⁾ noroeste; ⁽⁴⁾ demais regiões.

Fonte: Conab.

Nota: Levantamento em outubro/2014.

O descumprimento de qualquer vazão sanitário acarreta em multa ao produtor, interdição da propriedade e destruição do plantio. É de responsabilidade do produtor, proprietário, arrendatário ou ocupante das propriedades produtoras de soja, algodão e/ou feijão, a eliminação das plantas durante o período do vazão sanitário, bem como a destruição de todos os restos culturais ou soqueira.

Referências

- MEYER, M. C. Relato da ferrugem asiática da soja nos Estados do Maranhão e Piauí, na safra 2006/07. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE FERRUGEM ASIÁTICA DA SOJA, X., 2007, Londrina. Anais... Londrina: EMBRAPA Soja.
- FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná. Paraná implanta vazão sanitário da soja pela primeira vez. Boletim Informativo, n. 1008., Curitiba: junho de 2008.

6. Germinação das sementes e a importância da temperatura e disponibilidade de água no solo

6.1. Fatores que afetam a germinação

A velocidade, a porcentagem e a uniformidade de germinação de uma população de sementes são influenciadas por uma série de condições internas, por fatores do ambiente e por práticas de manejo durante e após a colheita.

Dentre os fatores do ambiente a água, a temperatura e o oxigênio são considerados essenciais e exercem influência direta sobre a germinação.

6.1.1. Água

Água apresenta várias funções de grande importância, contribuindo para amolecer o tegumento, intensificar a velocidade respiratória, favorecer as trocas gasosas, induzir a síntese e atividade de enzimas e hormônios e contribuir significativamente para a regularidade da translocação e assimilação das reservas. A entrada de água provoca o aumento do volume do embrião e dos tecidos de reserva, resultando na ruptura do tegumento e facilitando a protusão da raiz primária.

Em sementes secas, há alta força de retenção de água, mas à medida que o material vai se hidratando, essas moléculas vão ocupando posições cada vez mais afastadas da superfície matricial, reduzindo a força de retenção.

As diferenças de umidade determinam o fluxo de movimento da água, sementes secas geralmente apresentam potenciais hídricos inferiores a -100 MPa, possuindo capacidade de captação de água, quando em contato com substratos suficientemente úmidos.

A continuidade da disponibilidade de água para a semente depende do potencial de água da matriz em contato com a semente e da taxa com que a água se movimenta no substrato – Condutividade Hidráulica.

A Condutividade Hidráulica é o fator limitante que governa a absorção de água durante o processo de germinação, pois a água transferida para as sementes não vem de grandes distâncias no solo (aproximadamente 1 cm de distância da semente).

A disponibilidade de água do solo para a semente é determinada pelo potencial hídrico, ou a força com que a água é retida pelo solo. Assim, um solo rico em argila retém muito mais a água do que um solo arenoso. Solos arenosos não saturados têm menor condutividade hidráulica que os argilosos, em função do tamanho das partículas

componentes; área de contato solo/semente.

Quanto maior o contato da semente com o solo, maior é a quantidade de água embebida; inclusive, esta é a razão de os agricultores, no momento da semeadura, cobrirem as sementes com solo.

A quantidade total de água usada pelas sementes durante a embebição geralmente não excede de duas a três vezes a massa da semente seca, como por exemplo, para desencadear-se o processo de germinação de sementes de milho, é necessário haver embebição de 30 a 35% de água em relação à sua massa seca, enquanto que para sementes de soja é necessário haver embebição de ao redor de 50% de água em relação à sua massa seca.

O período de embebição é um período crítico, o que necessita de máxima atenção, pois as sementes possuem diversas peculiaridades que devem ser observadas antes de serem expostas ao ambiente. O conhecimento da relação entre o processo de embebição das sementes em condições de baixa umidade do solo pode minimizar o risco de um baixo desempenho das sementes.

6.1.2. Temperatura

Na ausência de outros fatores limitantes, a germinação ocorre sob limites relativamente amplos de temperatura, cujos extremos dependem, principalmente, da espécie e suas características genéticas, das condições do ambiente durante a produção, do manejo durante e após a colheita e da sanidade.

O processo germinativo envolve diversas atividades metabólicas, durante as quais ocorre uma seqüência programada de reações químicas; cada uma dessas reações apresenta exigências próprias quanto à temperatura. As variações de temperatura afetam a velocidade, porcentagem e a uniformidade de germinação.

A temperatura ótima para a germinação situa-se, para a maioria das espécies cultivadas, entre 20 e 30°C, as temperaturas máximas encontram-se entre 35 e 40°C e as mínimas geralmente são inferiores a 15°C.

6.1.3. Umidade e temperatura do solo

6.1.3.1. Soja

A qualidade da semeadura é função, entre outros fatores, do tipo de máquina semeadora, especialmente o tipo de dosador de semente, do controlador de profundidade e do compactador de sulco.

A profundidade de semeadura deverá ser entre 3 a 5 cm. Semeaduras em profundidades maiores dificultam a emergência, principalmente em solos arenosos, sujeitos a assoreamento, ou onde ocorre compactação superficial do solo.

A semente de soja, para a germinação e a emergência da plântula, requer absorção de água de, pelo menos, 50% do seu peso seco. Para que isso ocorra, devem haver adequadas umidade e aeração do solo e a semeadura deve propiciar o melhor contato possível entre solo e semente. Semeadura em solo com insuficiência hídrica, prejudica o processo de germinação, podendo torná-lo mais lento, expondo as sementes às pragas e aos microorganismos do solo, reduzindo a chance de obtenção da população de plantas desejada. Nessa fase, o conteúdo de água no solo não deve exceder a 85% do total máximo de água disponível e nem ser inferior a 50%.

Se a semeadura for realizada com o solo úmido apenas superficialmente, pode

haver condições para a germinação das sementes e emergência das plantas, mas, se não chover satisfatoriamente em seguida, a taxa de crescimento das plantas pode ser reduzida, podendo resultar em plantas de porte menor que o desejável, menor uniformidade de plantas, menor rendimento, perdas na colheita;

A temperatura média do solo, adequada para semeadura da soja, varia de 20 a 30°C, sendo 25°C a ideal para uma emergência rápida e uniforme. Semeadura em solo com temperatura média inferior a 18°C pode resultar em drástica redução nos índices de germinação e de emergência, além de tornar mais lento esse processo. Isso pode ocorrer em semeaduras anteriores à época indicada em cada região. Temperaturas acima de 40°C, também, podem ser prejudiciais.

6.1.3.2. Milho

As plantas de milho apresentam dois momentos importantes com relação às necessidades hídricas: o estágio inicial, período semeadura e emergência das plântulas e florescimento.

Durante o período de germinação, as temperaturas ideais do solo para a cultura variam entre 25 e 30°C, sendo que temperaturas do solo inferiores a 10 °C ou superiores a 40°C ocasionam prejuízo à germinação. Quando às condições hídricas são irrestritas e a temperatura está acima de 20°C, a plântula emergirá em quatro ou cinco dias; caso contrário, esse tempo poderá ser superior a 15 dias.

A profundidade de semeadura está condicionada aos fatores temperatura do solo, umidade e tipo de solo. A semente deve ser colocada numa profundidade que possibilite um bom contato com a umidade do solo. Em solos mais pesados, com drenagem deficiente, as sementes devem ser colocadas entre 3 e 5 cm de profundidade, e em solos mais leves ou arenosos, as sementes podem ser colocadas mais profundas, entre 5 e 7 cm de profundidade, para se beneficiarem do maior teor de umidade do solo.

O milho é uma cultura muito exigente em água, no entanto, pode ser cultivado em regiões onde as precipitações vão desde 250 mm até 5.000 mm anuais, sendo que a quantidade de água consumida pela planta, durante seu ciclo está em torno de 600 mm. O consumo de água pela planta, nos estádios iniciais de crescimento, num clima quente e seco, raramente excede a 2,5 mm/dia.

Referências

FILHO, J. M. (2005). FISILOGIA DE SEMENTES DE PLANTAS CULTIVADAS. Piracicaba: FEALQ. 495p.

EMBRAPA SOJA (2011). Tecnologias de Produção de Soja – Região Central do Brasil 2012-2013. SISTEMAS DE PRODUÇÃO. Londrina.

PESKE, S. T; PESKE, F.B. (2011). Absorção de água sob estresse. SEED NEWS. maio/junho.

GONÇALVES; S. L. (2005). Determinação da disponibilidade hídrica para definição de épocas de semeadura de milho na região dos campos gerais do Paraná. Universidade Estadual de Maringá. Maringá – PR. Tese de Doutorado. 76 p.

Link visitado em 29/09/2014.
http://www.cnpms.embrapa.br/publicacoes/milho_6_ed/manejomilho.htm.

7. Condições climáticas

7.1. Condições meteorológicas recentes²

Os prognósticos de temperatura da superfície do mar indicam, de forma geral, que há um fenômeno El Niño de baixa intensidade em formação. Contudo, seus efeitos típicos já são percebidos na Região Sul do Brasil, onde as precipitações intensas marcaram o mês de setembro. Nessa região, várias localidades registraram volumes bem superiores às suas médias. Observa-se no mapa de desvios de precipitação que em alguns pontos da região choveu mais de 100 mm acima da média histórica do mês. Na Região Sudeste, as chuvas ficaram mais concentradas no oeste de São Paulo, onde o volume de chuvas ultrapassou a média, enquanto nas outras áreas, o total acumulado ficou abaixo da média (Figura 2).

Figura 1 – Chuva acumulada em setembro de 2014

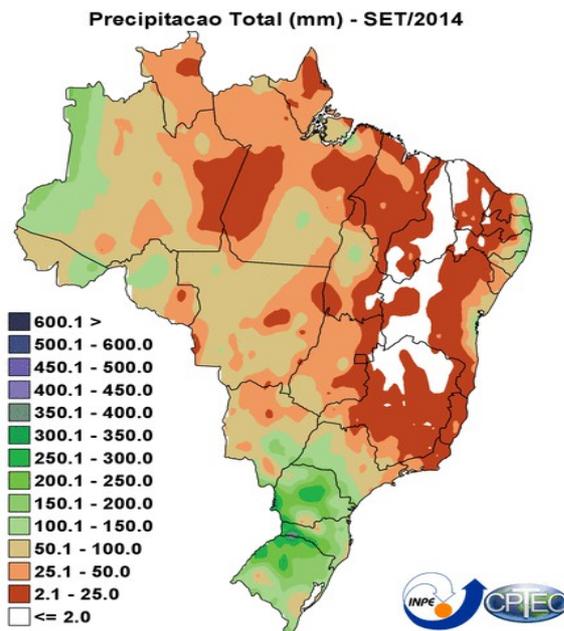
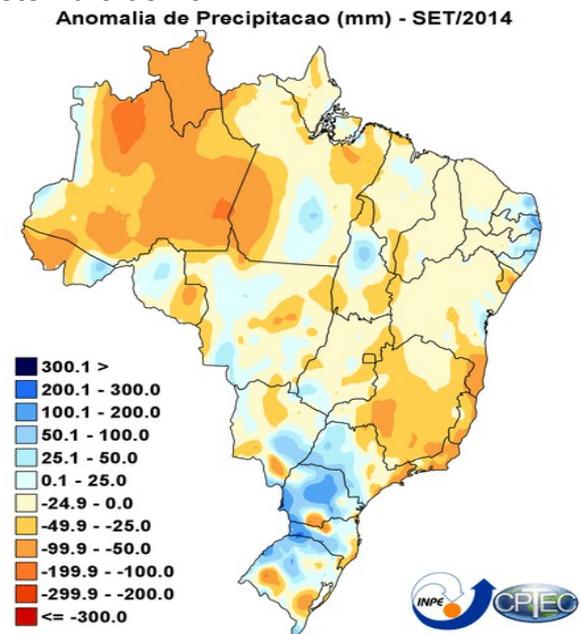


Figura 2 – Anomalia de precipitação em setembro de 2014.



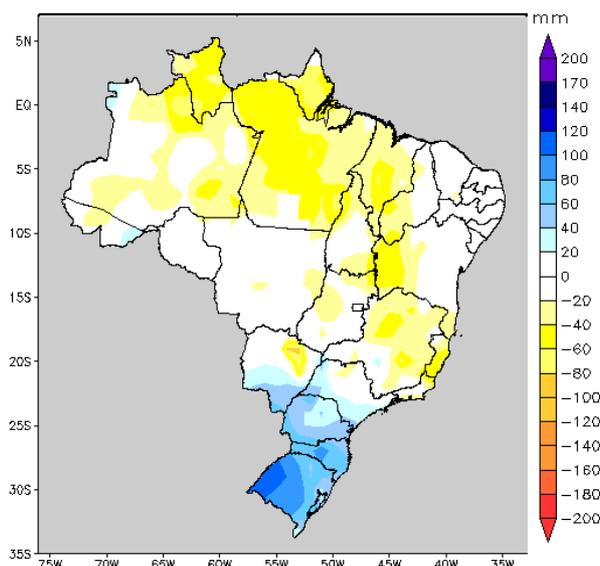
Além da Região Sul, o fenômeno El Niño também influencia as condições climáticas em outras regiões. Em parte do Norte e Nordeste, há uma tendência de maior irregularidade nas chuvas, ocasionando, na maioria das vezes, em déficit hídrico durante o período chuvoso, que por sua vez ocorre em momentos distintos, dependendo da área dessas regiões. No sudoeste do Nordeste, por exemplo, o período chuvoso começa em outubro e vai até abril. No primeiro trimestre desse período chuvoso, na média dos anos de El Niño, observa-se que o volume de chuvas apresenta um desvio negativo, como mostra o mapa da Figura 3.

² Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Figura 3 - desvio médio de chuvas em anos de El Niño

DESVIO MEDIO DE PRECIPITACAO EM ANOS DE EL NINO

Trimestre Outubro, Novembro, Dezembro

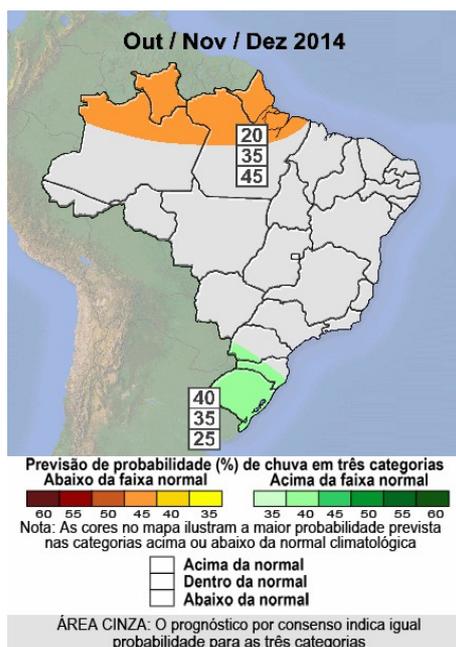


7.2. Prognóstico para o trimestre OND/2014²

Diversos prognósticos climáticos indicam que há uma maior probabilidade de que o acumulado de chuvas no trimestre outubro/novembro/dezembro fique acima ou dentro da faixa normal em toda a Região Sul, podendo estender esse prognóstico até o Mato Grosso do Sul e São Paulo, porém com menor probabilidade.

No norte da Região Norte, o prognóstico se inverte, apresentando maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo. Nas outras áreas, o prognóstico indica igual probabilidade para as três categorias (acima, abaixo e dentro da faixa normal).

Figura 4 - Prognóstico para o trimestre OND/2014



2 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

7.3. Monitoramento agrometeorológico

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos) e no impacto que o clima pode estar causando nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura, e a classificação é feita da seguinte forma:

- baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais por falta ou excesso de chuvas;
- média restrição: quando houver problemas generalizados por falta ou excesso de chuvas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

Nas tabelas são especificadas as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis para o início do plantio (pré-plantio), germinação, desenvolvimento vegetativo, floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. O resultado desse monitoramento é apresentado no capítulo referente à análise das culturas.

Na Região Sul, no mês de setembro, observaram-se chuvas que, devido à sua intensidade e concentração no último decêndio do mês, poderão causar impactos pontuais relacionados, principalmente, à qualidade dos grãos de trigo no sudoeste do Paraná e a doenças no oeste de Santa Catarina e noroeste do Rio Grande do Sul - nas lavouras que se encontravam em florescimento e frutificação. No entanto, essas chuvas favoreceram a manutenção da umidade do solo para a germinação e o desenvolvimento do feijão e do milho, além do plantio e germinação da soja.

Na Região Sudeste do país ocorreram chuvas acima da média (Figura 2) na maior parte de São Paulo. As chuvas foram mais intensas na região sul do estado favorecendo a germinação das culturas de verão. Em Minas Gerais, no noroeste e maior parte do Triângulo Mineiro, as chuvas ficaram abaixo da média e as condições para o início do plantio ainda estão desfavoráveis.

Em relação à Região Centro-Oeste, a umidade no solo foi suficiente para o início do plantio da soja no Mato Grosso do Sul. Na Figura 6, observa-se umidade no solo suficiente para a germinação e o início de desenvolvimento das lavouras. Em partes do Mato Grosso e da região sul de Goiás, as chuvas irregulares também possibilitaram o início do plantio em algumas áreas, e a umidade disponível no solo deverá garantir o suprimento das sementes até meados de outubro, pois para praticamente toda a região central do país não há previsão de chuvas até o dia 13 de outubro. No restante de Goiás ainda não há umidade no solo suficiente, nem previsão de chuvas para o início do plantio da soja e do milho em praticamente todas as regiões.

Figura 5 – Chuva acumulada decenal em setembro de 2014

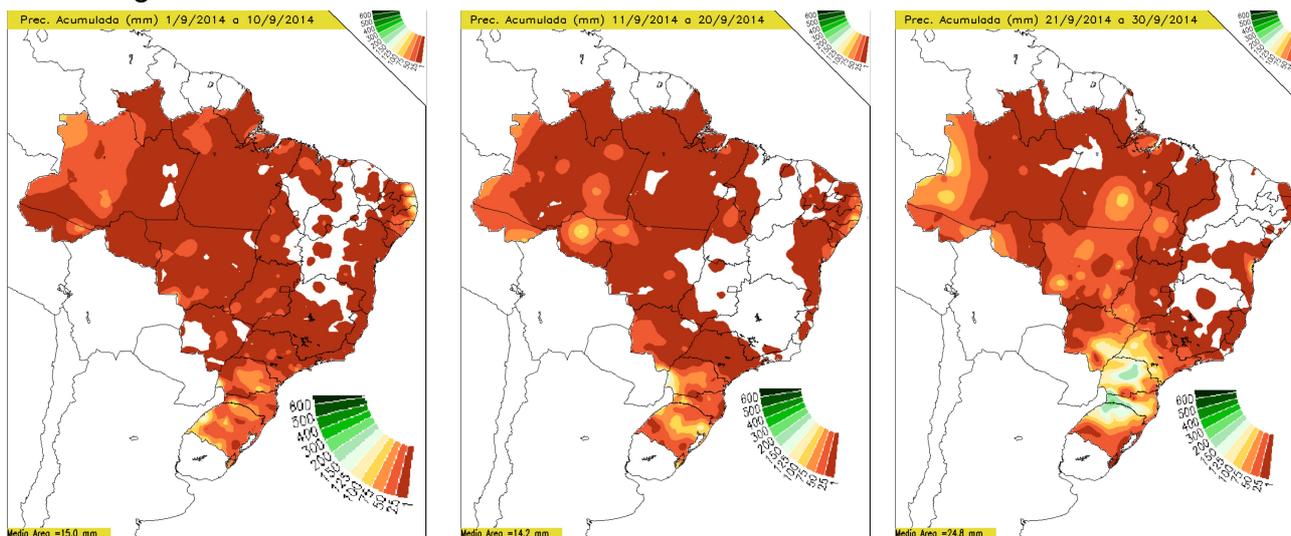


Figura 6 – Umidade do solo (mm^3/mm^3) na profundidade de 9 cm observada em 06 de outubro de 2014

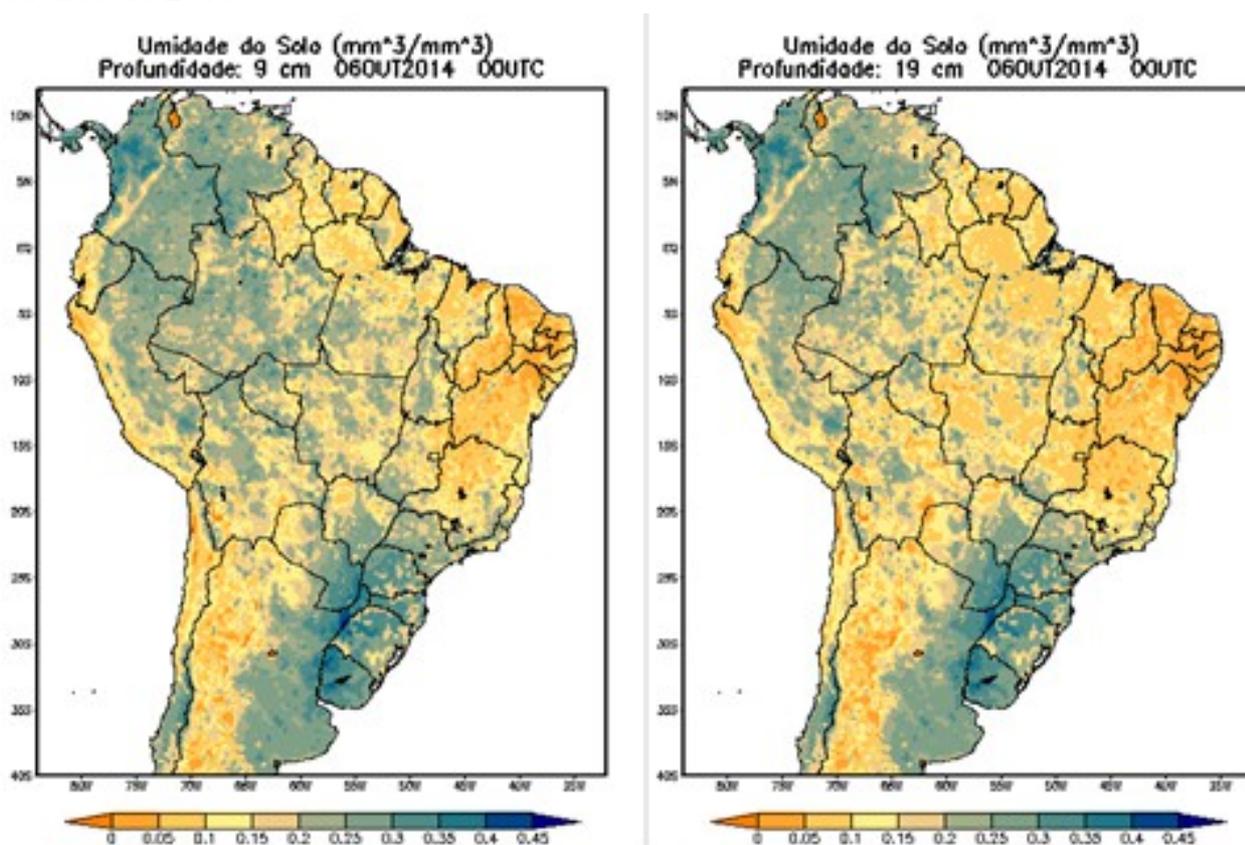
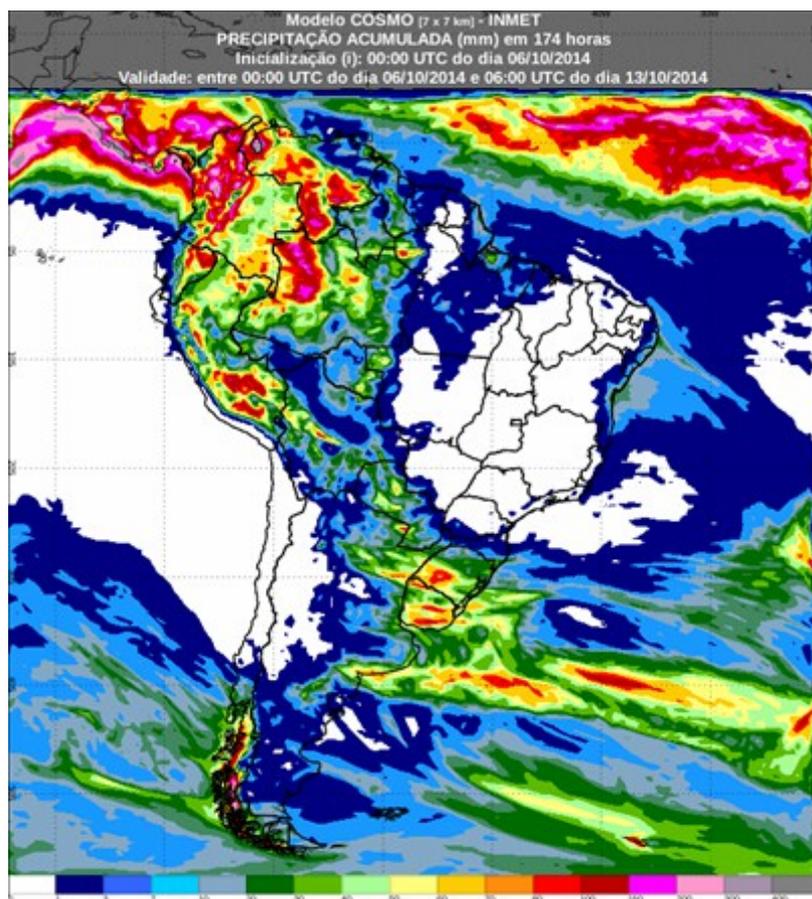


Figura 7 – Prognóstico de chuva até 13 de outubro



8. Monitoramento agrícola via satélite

8.1. Metodologia

8.1.1. Monitoramento agrícola via satélite

Com o intuito de obter informações cada vez mais confiáveis a respeito da estimativa de área das principais culturas, a Conab também utiliza imagens de satélite, fotografias aéreas e informações georreferenciadas para fazer o mapeamento das áreas cultivadas nos principais estados produtores. Essa atividade teve início na Conab em 2004, com a criação do Projeto GeoSafras, cuja finalidade foi o aperfeiçoamento metodológico do sistema de previsão de safras no Brasil, através do desenvolvimento de tecnologias relacionadas ao sensoriamento remoto, posicionamento por satélites, sistemas de informações geográficas e modelos estatísticos, agrometeorológicos e espectrais, a serem aplicados nas estimativas de área e produtividade.

Além de auxiliar as previsões de safras, através da estimativa de área pela análise de regressão; e do monitoramento agrometeorológico e espectral das lavouras, para a obtenção de indicadores de produtividade, esses mapeamentos permitem o acompanhamento da evolução das áreas de cultivo e auxiliam os estudos sobre a dinâmica de uso e ocupação do solo. Os resultados de todos os mapeamentos realizados da safra 2014/15 serão apresentados no último boletim de acompanhamento desta safra, em setembro de 2015.

8.1.2. Monitoramento agrometeorológico e espectral das lavouras

Por fornecerem informações precisas sobre a localização das áreas de cultivo, os mapeamentos são utilizados no monitoramento agrometeorológico e espectral das lavouras, através do acompanhamento das condições agrometeorológicas (ex.: índice pluviométrico, umidade do solo, temperatura, etc.) e de índices de vegetação calculados a partir de imagens de satélite, que refletem a condição da vegetação e fornecem indicativos de produtividade. O monitoramento é feito por mesorregião estadual com áreas mapeadas e/ou produção significativa.

O resultado do monitoramento agrometeorológico é divulgado no item sobre as condições climáticas no boletim de divulgação de safras, e os mapas sobre as condições hídricas para os cultivos são apresentados no capítulo referente à análise das culturas. O fato de haver alguma restrição para determinada cultura em uma mesorregião estadual, não significa, necessariamente, que haverá perda de produtividade no estado, pois a restrição pode ser momentânea e estar ocorrendo de forma pontual.

Para o monitoramento espectral é necessário que as lavouras já estejam em desenvolvimento, pois a análise é feita a partir da resposta da vegetação nas imagens de satélite, através do cálculo de índices que refletem a sua eficiência fotossintética. O valor desses índices e a sua evolução desde o plantio até a colheita, quando comparados a safras anteriores e à média histórica, fornecem indicativos de produtividade. O resultado desse monitoramento é divulgado quinzenalmente nos Boletins de Monitoramento Agrícola e nos Boletins de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, disponíveis na área de destaques da página principal da Companhia.

8.2. Culturas de inverno – Safra 2014

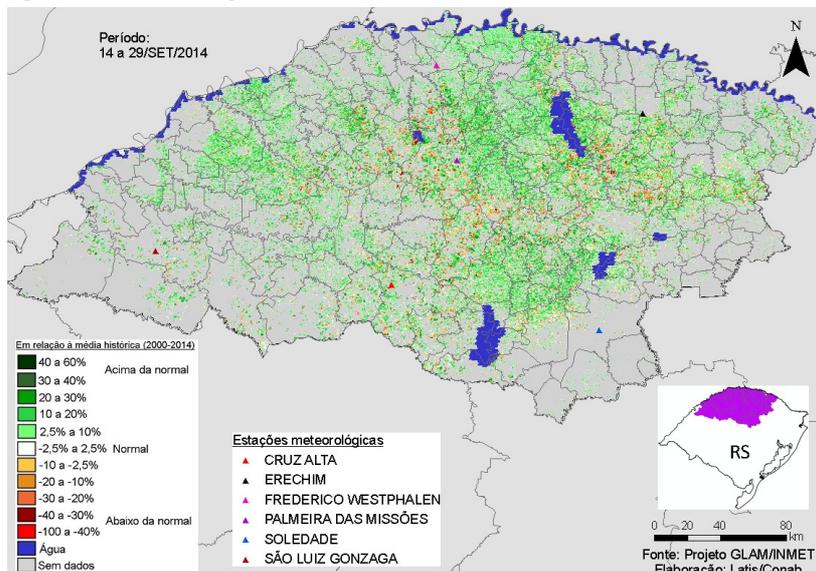
O propósito do monitoramento agrícola é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência das condições meteorológicas recentes, a fim de auxiliar na estimativa da produtividade nas principais regiões produtoras. O monitoramento é direcionado às culturas que estão em pleno desenvolvimento no campo, e que representam maior cobertura de área. Atualmente, os cultivos mais expressivos são os de inverno, em especial o trigo.

O monitoramento atual foi feito a partir do acompanhamento do Índice de Vegetação (IV), calculado a partir de imagens de satélite, ao longo de todo o ciclo fenológico das lavouras. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento da safra atual em relação à média histórica. Os gráficos da quantificação de unidades de área pelo valor do IV mostram a situação das lavouras da safra atual, da safra anterior e da média histórica nas faixas de baixos, médios e altos valores do Índice. Já os gráficos de evolução temporal possibilitam o acompanhamento do desenvolvimento das lavouras e a comparação entre diferentes anos safra.

No total, estão sendo monitoradas dez mesorregiões produtoras, que representam mais de 82% da área plantada de trigo no país. Os resultados de todas as mesorregiões, assim como, informações mais detalhadas sobre os critérios metodológicos, estão disponíveis no Boletim de Monitoramento Agrícola, que é divulgado quinzenalmente pela Conab e cuja última edição está acessível na área de Destaques da página principal. Abaixo, são apresentadas as informações e análises mais recentes de seis dessas mesos, que estão com o trigo em enchimento de grãos, maturação e/ou início de colheita.

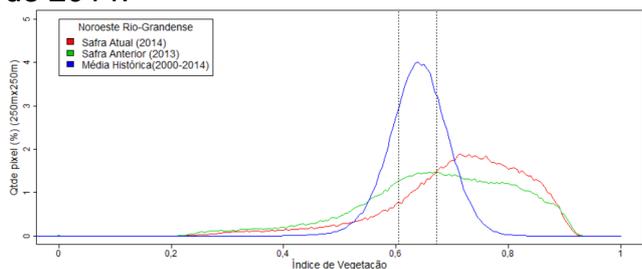
8.2.1. Noroeste Rio-Grandense

Figura 8 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



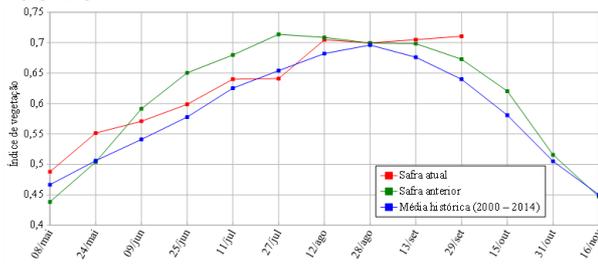
No mapa acima, as cores em verde são cultivos de inverno com padrão de desenvolvimento acima da média e/ou áreas de cultivos de verão recém plantadas. Áreas agrícolas já colhidas e/ou dessecadas para o plantio da safra de verão se mostram em amarelo e marrom no mapa. Uma pequena parcela das lavouras de trigo, que eventualmente tenham sido afetadas por doenças em decorrência de condições climáticas adversas, também respondem com baixos valores de IV, e, nessas condições, elas também se apresentam em amarelo no mapa.

Gráfico 8 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV de 2014.



Valores de I.V.	0 - 0,6043	0,6043 - 0,672	0,672 - 1
Safra Atual (2014)	16,38%	15,33%	68,29%
Safra Anterior (2013)	28,51%	19,14%	52,35%
Média Histórica	25%	50%	25%
Diferença(Safra Atual-Média)	-8,62%	-34,67%	43,29%

Gráfico 9 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras de 2014.



Data (final do período)	Alterações percentuais do desenvolvimento das lavouras												
	08/mar	24/mar	09/jun	25/jun	11/jul	27/jul	12/ago	28/ago	13/set	29/set	15/out	31/out	16/nov
% Relat média histórica	5	9	6	4	2	-2	3	0	4	11			
% Relat safra anterior	11	9	-3	-8	-6	-10	-1	0	1	6			
Fases - cult. de inverno			P	D/G/DV	DV	D/M/F	F/B/G	B3	B2	BGM	M/C	C	C

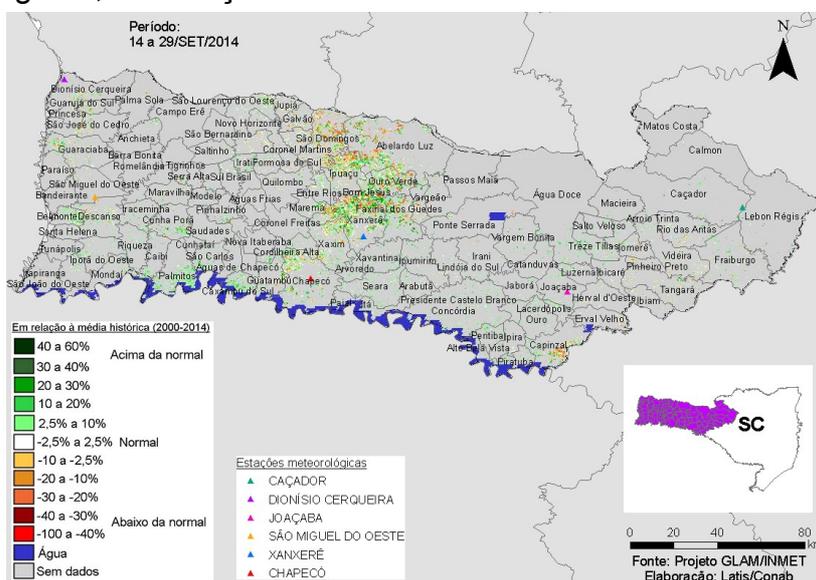
A tabela do gráfico de quantificação de áreas pelo valor do IV mostra que a safra atual tem 8,6% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 34,6% a menos que a média histórica de lavouras com padrão médio de desenvolvimento e 43,3% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde no mapa. A safra atual tem 68,3% das lavouras com alta resposta de IV contra 52,4% da safra passada, no mesmo

período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 11% acima da média histórica e 6% acima da safra passada, de acordo com a tabela do gráfico de evolução.

No gráfico de evolução temporal, a linha vermelha mostra que os atuais cultivos de inverno responderam, nos meses de junho e julho, com atividade fotossintética bem abaixo da safra passada, indicando o atraso no plantio, principalmente do trigo. Os três monitoramentos seguintes mostraram boa recuperação e, no momento, o cálculo ponderado do IV indica um valor bem superior ao da safra passada. Essa superioridade ilustra as boas condições de desenvolvimento do trigo até o final de setembro, mas também está associada ao início do desenvolvimento do feijão e do milho, recentemente plantados na região.

8.2.2. Oeste Catarinense

Figura 9 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



No mapa acima, há predomínio das áreas em verde sobre as demais cores indicando padrão acima da média histórica dos cultivos de inverno, especialmente do trigo. Porém, essa aparente anomalia positiva se deve principalmente ao aumento da área plantada com trigo em relação ao início do período da média histórica. Em amarelo e marrom são áreas prontas para o plantio da safra de verão.

Gráfico 10 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

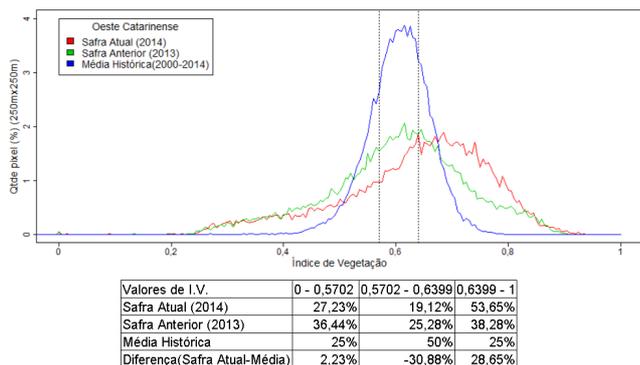
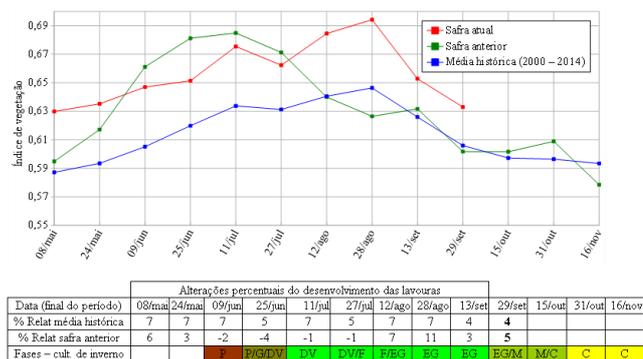


Gráfico 11 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

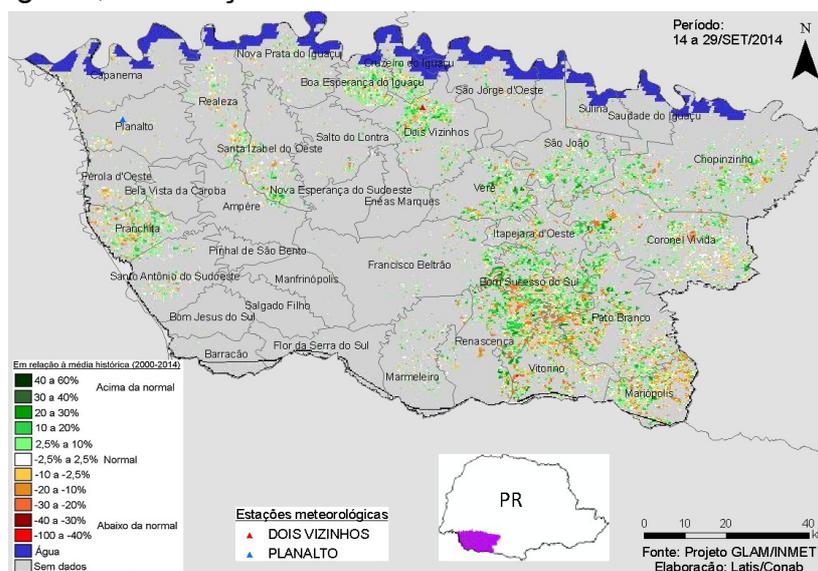


As tabelas dos gráficos acima mostram que a atual safra tem 2,2% a mais que a média histórica de áreas com baixo padrão de desenvolvimento. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 30,8% a menos de cultivos com médio padrão e tem, também, 28,6% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 53,6% de suas lavouras com altos valores de IV contra 38,3% da safra do ano passado, no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 4% acima da média histórica e 5% acima da safra passada.

No gráfico de evolução, a linha vermelha mostra que em junho e julho os cultivos atuais apresentaram comportamento com padrão abaixo da safra passada. Chuvas em excesso atrasaram o plantio e chegaram a prejudicar as lavouras que já tinham sido semeadas. Em agosto houve forte ascensão, mostrando que houve recuperação. Já a queda dos dois últimos trechos indica as dessecagens de áreas de cobertura verde para o início do plantio da safra de verão.

8.2.3. Sudoeste Paranaense

Figura 10 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em verde são cultivos de inverno, em fases reprodutivas, com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são áreas de milho safrinha já colhido e/ou preparadas para o plantio da safra de verão. Essas duas aparentes anomalias (positiva e negativa) decorrem, também, da diferença entre os calendários/ciclos dos cultivares de anos recentes e os da média histórica e, desta forma, não implicam obrigatoriamente em quebra ou aumento de produtividade.

Gráfico 12 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

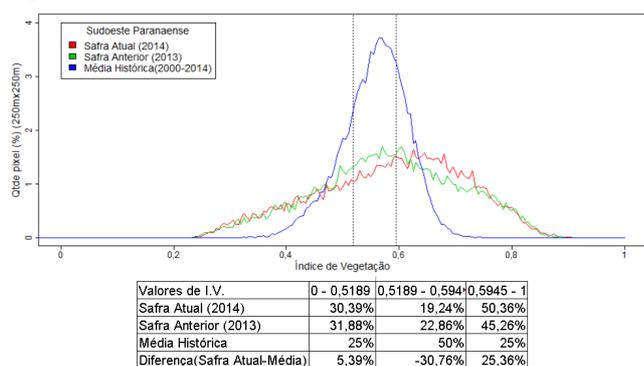
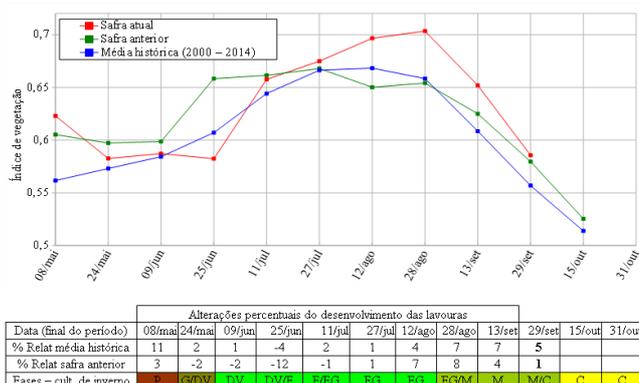


Gráfico 13 - Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras

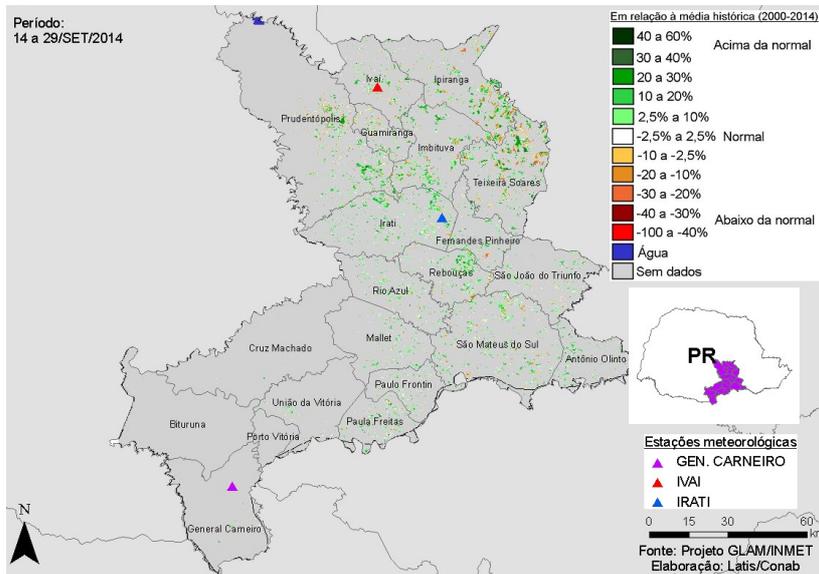


As tabelas dos gráficos acima mostram que a safra atual tem 5,4% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 30,7% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 25,4% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 50,4% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 45,3% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 5% acima da média histórica e 1% acima da safra passada.

No gráfico de evolução, a linha vermelha mostra que as lavouras atuais não responderam bem até o final de junho, que é indicativo de atraso de plantio possivelmente por excesso de chuvas no período regular de semeadura. Porém, no começo de julho teve excelente recuperação, chegando a superar os padrões das safras anteriores nos monitoramentos seguintes.

8.2.4. Sudeste Paranaense

Figura 11 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



No mapa acima, o predomínio das áreas em verde caracteriza bom desenvolvimento dos cultivos de inverno. Perspectiva de normalidade para as lavouras atuais.

Gráfico 14 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

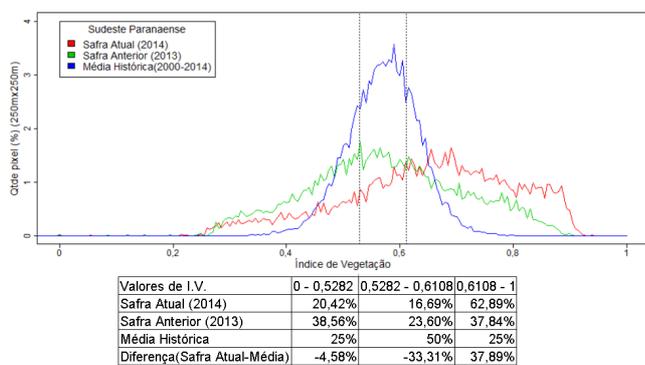


Gráfico 15 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



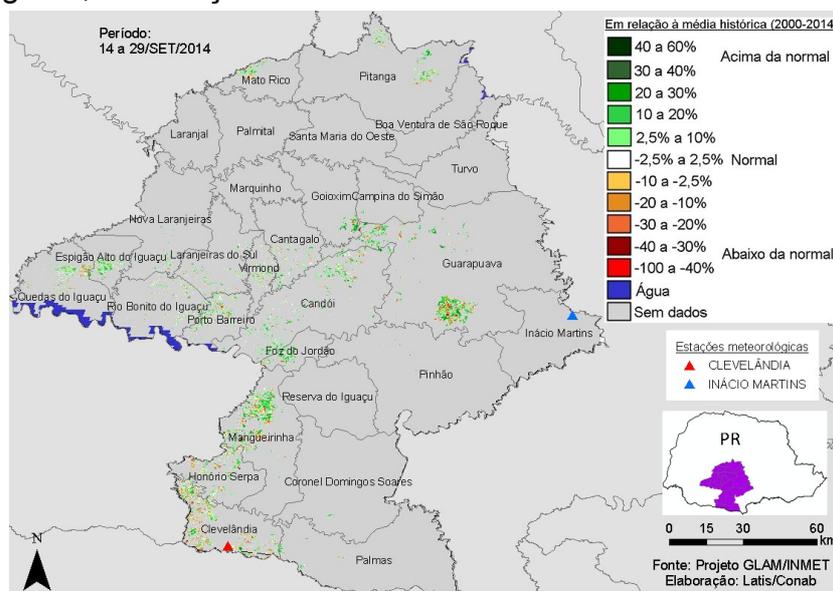
As tabelas dos gráficos acima mostram que a safra atual tem 4,6% a menos que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 33,3% a menos de lavouras com médios valores de IV e 37,9% a mais que a média histórica de cultivos com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 62,9% das lavouras na faixa de altos valores de IV contra 37,8% da safra passada no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 14% acima da média histórica e 13% acima da safra passada.

No gráfico de evolução, a linha vermelha mostra que a safra atual respondeu bem abaixo da safra passada no final de junho. Isso provavelmente devido ao excesso de

chuvas em partes da região que atrasou o plantio dos cultivos de inverno. A partir do início de julho houve recuperação e seguiu bem até o momento. O traçado da linha com altos valores de IV e boa amplitude temporal, cobrindo o período das fases reprodutivas, indica bom potencial de rendimento das lavouras de inverno.

8.2.5. Centro Sul Paranaense

Figura 12 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



No mapa acima as áreas em verde são cultivos de inverno com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são principalmente áreas de milho safrinha já colhido e terras prontas para o plantio de verão. Expectativa de bom potencial produtivo.

Gráfico 16 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

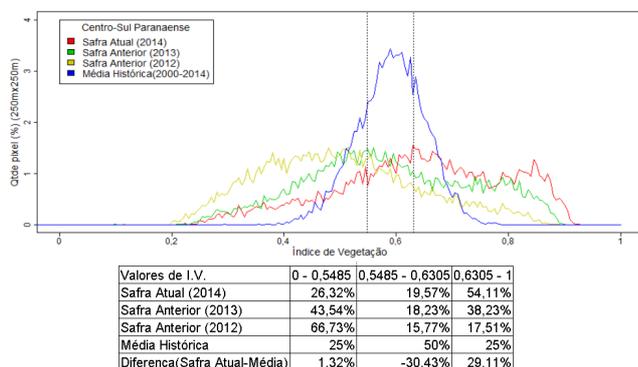
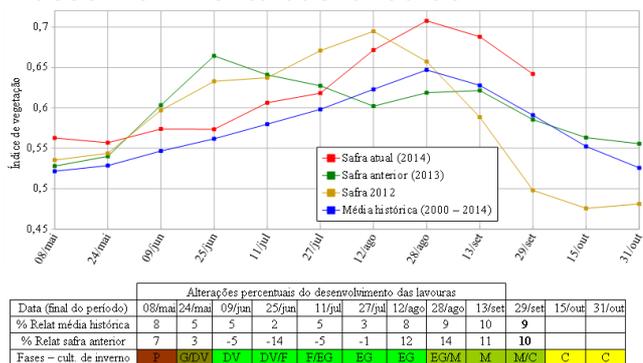


Gráfico 17 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



As tabelas dos gráficos acima mostram que a safra atual tem 3% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 30,4% a menos de lavouras com médios valores de IV e 29,1% a mais que a média histórica de cultivos com altos padrões de desenvolvimento. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 54,1% das lavouras na faixa de altos

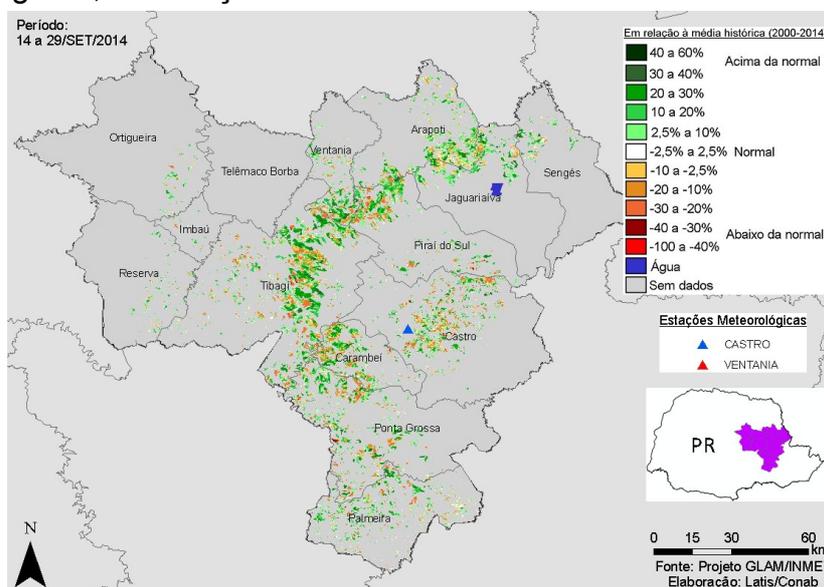
valores de IV contra 38,2% da safra passada e 9% da safra 2012 no mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 9% acima da média histórica e 10% acima da safra passada.

No gráfico de evolução, a linha vermelha mostra que a safra atual foi penalizada, em junho e julho, provavelmente pelo excesso de chuvas em partes da região. No começo de agosto houve recuperação. No momento responde bem acima das duas últimas safras e também em relação à média histórica. Perspectiva de bom potencial de rendimento.

Nota: excepcionalmente para esta mesorregião foi incluída a safra 2012 como base para a análise, devido ao comportamento atípico da safra 2013 nessa região, que foi fortemente afetada por geadas.

8.2.6. Centro Oriental Paranaense

Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos, em relação à média histórica



O mapa acima mostra áreas em dois padrões. Em verde são cultivos de inverno com bom padrão de desenvolvimento. Em amarelo e marrom são principalmente áreas de milho safrinha cujas colheitas já foram concluídas e também áreas de coberturas verde dessecadas para início do plantio da safra de verão. Perspectiva de bom potencial produtivo das lavouras de inverno.

Gráfico 18 - Quantificação de áreas agrícolas pelo valor do IV

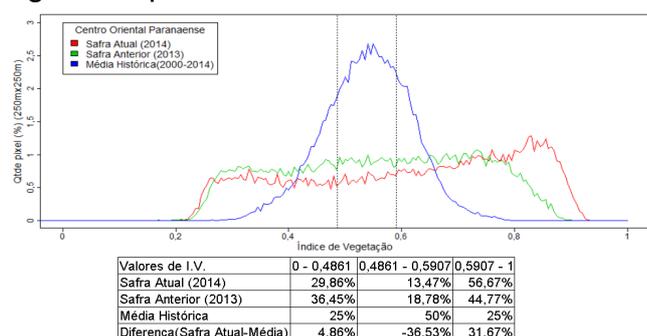
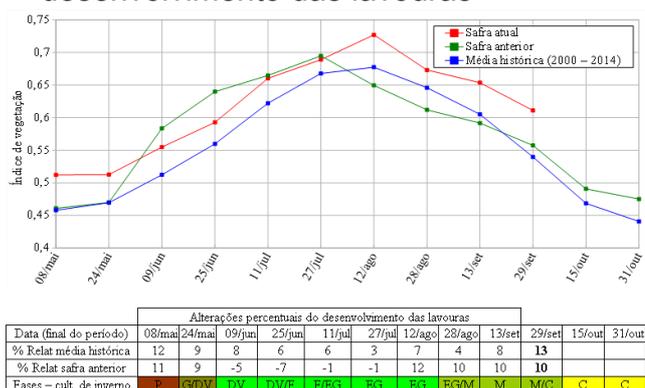


Gráfico 19 – Evolução temporal do desenvolvimento das lavouras



As tabelas dos gráficos acima mostram que a safra atual tem 4,8% a mais que a média histórica de áreas com baixos valores de IV. São as áreas em marrom no mapa anterior. Tem 36,5% a menos de cultivos com padrão médio de desenvolvimento e tem 31,7% a mais que a média histórica de lavouras com altos valores de IV. São as áreas em verde mais intenso no mapa. A safra atual tem 56,7% de suas lavouras respondendo com altos valores de IV contra 44,8% da safra passada neste mesmo período. Em síntese, o cálculo ponderado integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indica: 13% acima da média histórica e 10% acima da safra passada.

No gráfico de evolução, a linha vermelha mostra que a safra atual seguiu com padrão bem inferior ao da safra do ano passado até o final de junho. Entretanto, teve boa recuperação no início de julho e primeira quinzena de agosto. No momento, a linha está em queda indicando início da maturação e também a presença de áreas dessecadas para a próxima safra de verão. O traçado da linha vermelha indica bom potencial de rendimento da atual safra de inverno.

– Fonte: USDA / NASA / UMD – Projeto GLAM – <http://pekko.geog.umd.edu/usda/test>.

9. Diversificação da oferta agrícola no Centro-Oeste

A agricultura brasileira terá um papel cada vez mais forte na economia mundial e no desafio da segurança alimentar, num cenário de mudanças climáticas e também de degradação de terras, florestas e escassez de água. Uma das discussões mais importantes para solucionar esse desafio se refere às relações entre água, produção de alimentos e desenvolvimento tecnológico, que garanta aumentos de produtividade, possibilitando uma intensificação maior das atividades no setor.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), o crescimento populacional, especialmente nos países emergentes – Brasil, China, Índia – aliado à elevação da renda observada, vai impulsionar fortemente a demanda por alimentos, energia e fibras. O órgão, porém, levanta a questão de que as restrições de terras e a racionalização dos recursos naturais – especialmente a água, são alguns dos fatores que podem limitar essa necessidade produtiva. Ainda segundo a FAO, o Brasil deverá responder por 40% do crescimento na oferta de alimentos do mundo, e é da Região Centro-Oeste, representando nesta temporada, 41% do total de grãos produzidos no país, que virá grande parte desse incremento. É lá onde se concentra a maior parte das áreas de pastagens degradadas, e é por aí que se acredita que ocorrerá a expansão do agronegócio brasileiro, sem os riscos de que esse incremento venha acompanhado por um descontrole ambiental.

Detentor em grande quantidade desses fatores essenciais à produção, o país está destinado a assumir essa responsabilidade, e a sua realização implicará na continuidade dos fortes investimentos em tecnologia que irão impulsionar a produtividade nacional. Dessa forma, os produtores terão que fazer mais, num momento em que, apesar dos preços valorizados, veem suas margens serem pressionadas pelos custos.

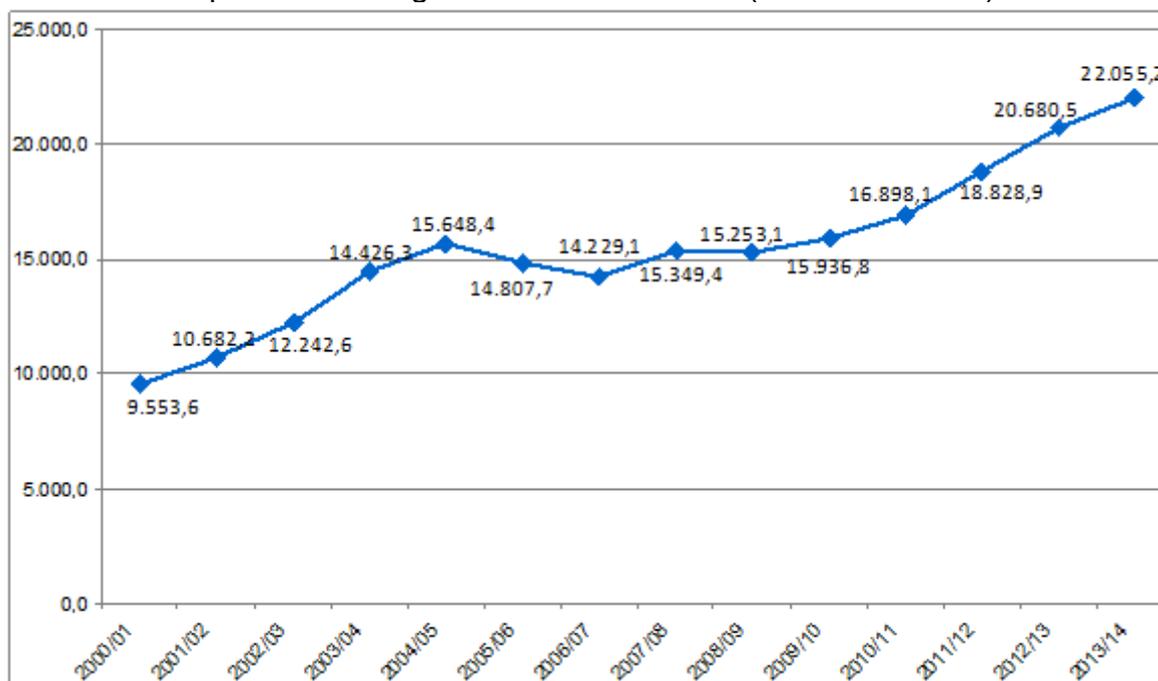
Foi dentro dessas circunstâncias que cristalizou-se no país, uma prática que vem se ampliando a cada safra, da produção intensiva nas propriedades, possibilitando a colheita de até três safras. A busca incessante pelo aumento da receita bruta por unidade produtiva, provocou uma mudança de cenário da gestão produtiva nas regiões onde a janela do clima permite, especialmente nos estabelecimentos situados na Região Centro-Oeste. As áreas de pastagens, principal característica da maioria dessas localidades, começaram a partir da safra 2000/01, a dar espaço às lavouras, aproveitando os bons preços que os grãos passaram a experimentar. Mais recentemente, os produtores intensificaram essa aposta, em detrimento da pecuária extensiva, passando a atuar simultaneamente na oferta de grãos e na de carnes. Não é por outra razão que nessas regiões deparamos com grandes extensões de terra, ainda vistas com cercas e currais, cenas marcantes da pecuária, hoje operando com soja, milho e algodão.

Todo esse cenário veio acompanhado de uma estratégia adotada no país, de forçar a redução do desmatamento e das emissões de gases, causadores do aquecimento global. Essa determinação melhorou sensivelmente nos últimos anos com a intensificação da fiscalização e o resultado dessas autuações tem sido bastante destacado nos vários relatórios divulgados por organizações ambientais citando a contribuição brasileira para retardar o aquecimento global, ocorrido nas últimas décadas, particularmente na Amazônia brasileira.

Na Região Centro-Oeste, o vertiginoso crescimento da área plantada decorre, principalmente, porque os preços dos grãos, em especial os de soja, há quase uma década apresentam-se estimulantes. No entanto, um fato que não pode ser desconsiderado e que tem sido motivo de preocupação no governo, é o da possibilidade de ocorrerem complicações climáticas, tais como um forte veranico, atrasando o plantio dessa oleaginosa. Esse atraso pode não afetar a produção de soja, mas pode interferir na produção de milho naquelas localidades onde o produtor semeia o cereal logo após a colheita da oleaginosa. A partir da temporada 2010/11, a importância da safra de verão de

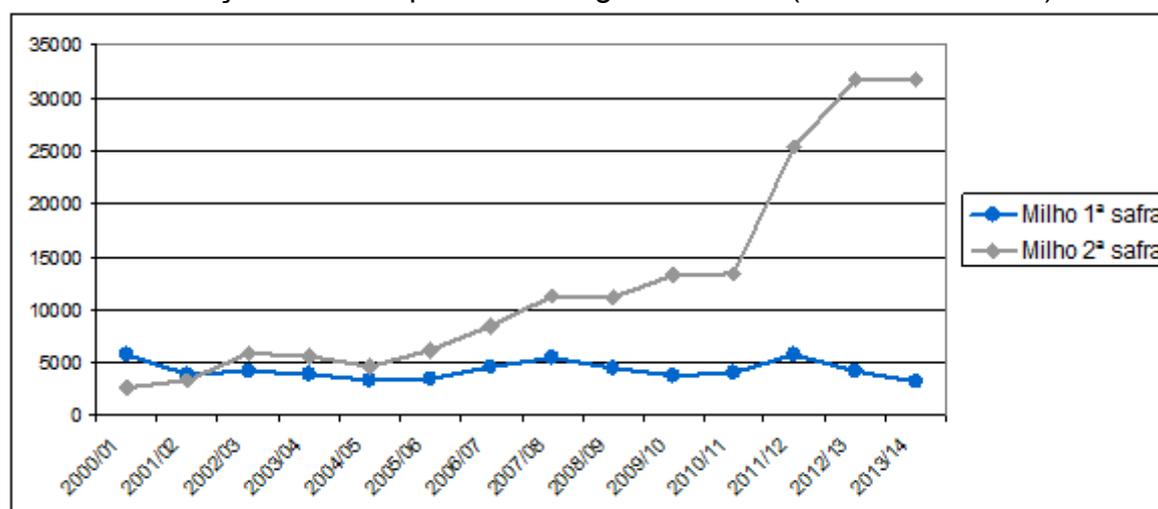
milho, que ocorria no passado, deu lugar a segunda safra de milho, que hoje se apresenta como a maior oferta do cereal durante o ano agrícola.

Gráfico 20 – Área plantada com grãos no Centro-Oeste (em mil hectares) – 2000/14



Fonte: Conab.

Gráfico 21 – Produção de milho primeira e segunda safras (em mil toneladas) – 2000/14

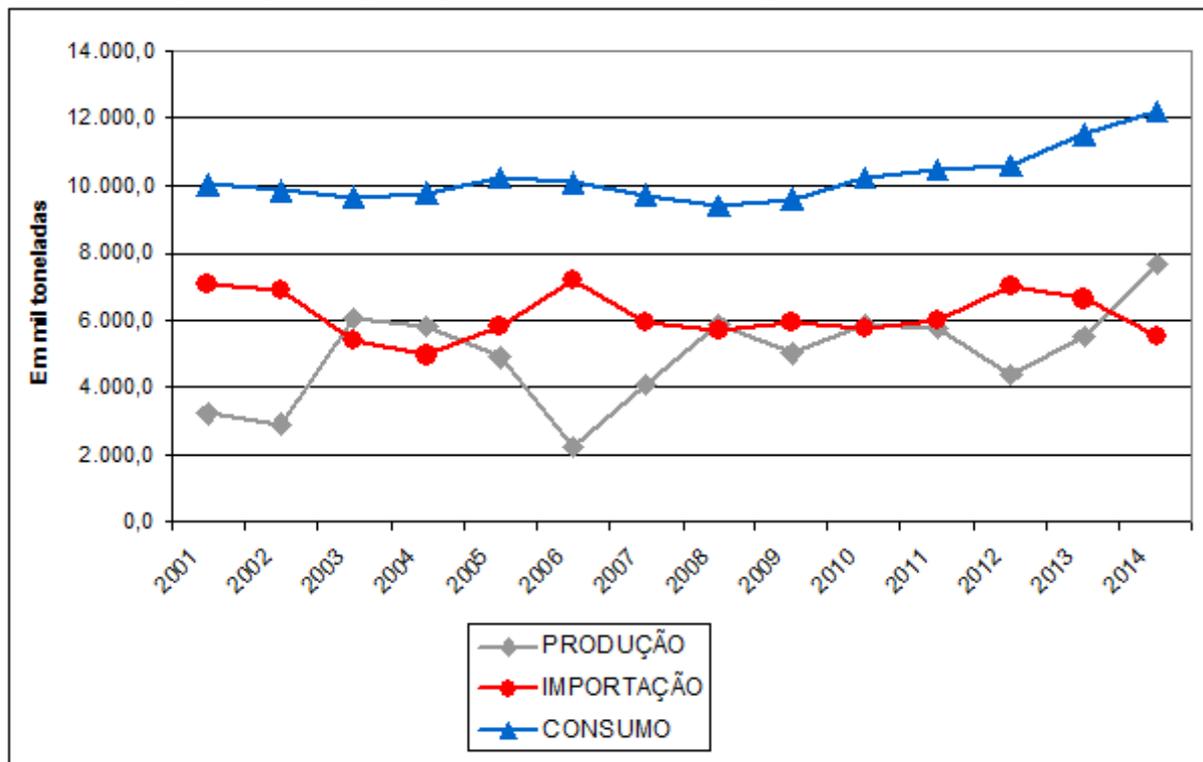


Fonte: Conab.

Adicionalmente, a produção de grãos que tem crescido continuamente nos últimos anos está concentrada basicamente em dois produtos: soja e milho. Juntos, respondem nesta temporada por 89% de toda a oferta nacional de grãos. Esse quadro faz com que o país necessite encarar com a relevância que o caso requer, uma política de estímulos para os demais produtos essenciais à dieta do brasileiro. É o caso, por exemplo dos produtos: arroz, feijão e trigo, cujas ofertas instáveis provocam, particularmente, no caso do trigo, a necessidade de uma forte intervenção das importações, para regularizar o abastecimento interno. A título de informação, a balança comercial do agronegócio brasileiro em 2013 foi positiva em US\$ 82,9 bilhões, exportando soja, milho, arroz, carnes,

entre outros produtos agropecuários. A nossa importação de trigo tem historicamente girado em torno de 50/60% das nossas necessidades de consumo, que atingiram uma média de aproximadamente 11 milhões de toneladas nos últimos cinco anos. Os números para equacionar o abastecimento interno são alarmantes: de 2000 a 2013, importamos 87,6 milhões de toneladas de trigo, gerando um dispêndio de 17,9 bilhões de dólares.

Gráfico 22 – A produção, importação e o consumo de trigo no Brasil-2000/14



Fonte: Conab.

Com o objetivo de aumentar a produção interna, o governo já vem procurando estimular o plantio do cereal na Região Centro-Oeste, numa perspectiva de que o plantio nas áreas centrais do país poderia incrementar a receita bruta das unidades de produção, além de proporcionar uma oferta que venha suprir a nossa demanda interna³

3 O Distrito Federal e o seu entorno, a despeito de utilizar-se de um dos melhores pacotes tecnológicos na produção de grãos do país, a altitude média de mil metros possibilita ao agricultor local, além do plantio da terceira safra com grãos sob pivô, operar também com outros produtos alcançando excelentes resultados, e esse fato tem contribuído para que essa região tenha se notabilizado, por exemplo, como uma importante plataforma produtora de hortaliças. A rentabilidade obtida com essa alternativa, em muito supera a alcançada pelos grãos. Naqueles municípios, onde essa característica não existe, como é o caso da grande maioria das regiões produtoras do Mato Grosso, especialmente naquelas, ao longo da BR 163 e BR 158, essa restrição reforça para o plantio da terceira safra, sua destinação para os grãos.

Figura 14 – Cultura do trigo



Fonte: Embrapa Cerrados

Sem implicar necessariamente na abertura de novas áreas e concentrando essa operação naquelas localidades onde a tecnologia permite, o objetivo passa a ser o de criar mais uma alternativa para a terceira safra na unidade produtiva, incentivando uma reconversão das áreas já ocupadas com outros grãos, aumentando o leque de oportunidades para aquele produtor que hoje opera com pivô (feijão da terceira safra, sorgo, milho, girassol, etc.), desviando sua atenção para a produção do trigo⁴.

Essas políticas anunciadas para alavancar a produção, têm encontrado respaldo nas pesquisas, que vêm apontando indicativos de variedades adaptadas para o

Centro-Oeste, com produtividades que podem atingir 8.000 kg/ha, apresentando índices encorajadores para a qualificação do cereal, tais como: força de glúten, falling number, ph acima de 80 - que garantem um bom rendimento de farinha.

Apesar dessas referências apresentarem-se ainda distantes dos parâmetros americanos e canadenses, já criam boas expectativas, uma vez que poderemos produzir a quantidade necessária de trigo para suprir com folga, a nossa demanda interna, promovendo assim a nossa auto-suficiência. Na Região Centro-Oeste a produção do cereal está estimada em 86,0 mil toneladas, plantadas numa área em torno de 23,5 mil hectares. Com uma população de 15,2 milhões de habitantes, o consumo estimado de farinha de trigo corresponde a 670,0 mil toneladas, que representa uma equivalência em grãos de 1,0 milhão de toneladas necessárias para atender tal demanda, com forte

4 A agricultura irrigada contribui para o meio ambiente, pois ela diminui a necessidade de expansão da área plantada. Num quadro de normalidade, uma área de plantio precisa ser ampliada várias vezes para se aumentar a produtividade, o que não é necessário quando a lavoura é irrigada.

impacto para os consumidores, em função da redução prevista nos fretes, ao evitar os grandes deslocamentos. Adicionalmente, os fatores que ajudarão a impulsionar essa tomada de decisão, estarão associados ao fato de que a colheita ocorrerá na entressafra, a produção estará situada próxima aos centros consumidores e por conta do clima seco, será obtido um produto com excelente qualidade industrial e sanitária.

Os estímulos que precisam ser ampliados já vêm sendo introduzidos, por exemplo, via preços mínimos de garantia governamental. Para o exercício de 2014, o preço mínimo do trigo estabelecido pelo governo federal para a Região Sul foi fixado em R\$ 33,45/ 60kg, para o produto classificado como – pão tipo 1 - enquanto para a Região Centro-Oeste esse preço atingiu R\$ 36,80, num claro indicativo de estímulo ao plantio na região central do país.

10. Análise das culturas

10.1. Culturas de verão

10.1.1. Algodão

O Brasil já foi um grande importador de algodão em fibra. Na safra 1999/00, por exemplo, o país chegou a importar 300 mil toneladas de fibra. Desde então, as importações ultrapassaram a casa das 100 mil toneladas apenas na safra 2010/11, sendo que a média de importação das últimas dez safras foi de 49,9 mil toneladas. Na safra 2003/04 a produção de pluma ultrapassou, pela primeira vez, 1 milhão de toneladas e tem se mantido acima deste valor até a última safra. A baixa produção brasileira antes da safra 2002/03 ocorria em virtude da ausência de variedades adaptadas às diversas condições climáticas existentes no país. Com o salto de tecnologia das variedades disponíveis no mercado com o ciclo mais definido, rendimento de pluma mais alto, alta produtividade, resistência ao ataque de pragas e tolerância às principais doenças, e com o aumento da demanda mundial, a safra de algodão em pluma foi de 1,46 milhão de toneladas na média das últimas 11 safras.

A cotonicultura é um segmento agrícola que requer alto investimento e, consequentemente, são os produtores mais tecnicizados responsáveis pela maior parte da produção brasileira. Como o consumo interno não tem muita variação ao longo dos anos (média de 922,8 mil toneladas nas últimas 15 safras), o produtor é, de certa forma, refém da demanda externa, o que requer um cuidadoso planejamento na área a ser plantada. Neste contexto, as cotações agrícolas são fatores determinantes para a tomada de decisão da área a ser plantada.

Por outro lado, um fator determinante para se firmar como um produtor de algodão, é ter controle de várias etapas da produção, desde o plantio até a separação da fibra e do caroço. Isso faz com que o produtor agregue valor ao produto e, em razão do alto investimento, permanece na cadeia produtiva, mesmo quando se é necessário reduzir em parte a área plantada. A maior volatilidade entre produzir algodão ou apostar em outras culturas como milho e soja, acontece, na sua maior parte, com produtores que não possuem esta estrutura de processamento.

Apesar da capilaridade da cultura, cultivada em 15 estados, cerca de 85% da área plantada de algodão está concentrada em Mato Grosso e Bahia. Particularmente a cultura se desenvolve em regiões onde a agricultura já está consolidada e solos com alta fertilidade, isso acaba concentrando as regiões produtoras. No Mato Grosso, seis municípios detêm aproximadamente 55% da área plantada do estado.

Outro ponto importante a ser abordado neste estado é a migração para o cultivo de algodão segunda safra. Produtores têm apostado no cultivo de variedade de soja super-

precoces, com ciclo inferior a 100 dias com plantio subsequente do algodão. Além da vantagem de evitar a alta pressão da ferrugem-asiática, principal doença da soja, e ter produto disponível no mercado quando as cotações não foram influenciadas pela grande produção do estado, os produtores se valem de um período ideal para o plantio do algodão. Além de alcançar produtividade bem próxima do algodão primeira safra (cerca de 5% menor), ainda evita que o período de abertura do capulho não coincida com o período chuvoso, o que permite uma fibra de melhor qualidade.

O Mato Grosso desenvolveu uma cotonicultura sólida nos últimos anos e se tornou líder no processo produtivo brasileiro, sendo responsável por 57% da produção brasileira de algodão em caroço. Porém, o peso que este estado possui na composição total da produção brasileira faz com que qualquer variação reflita na oferta de algodão do país.

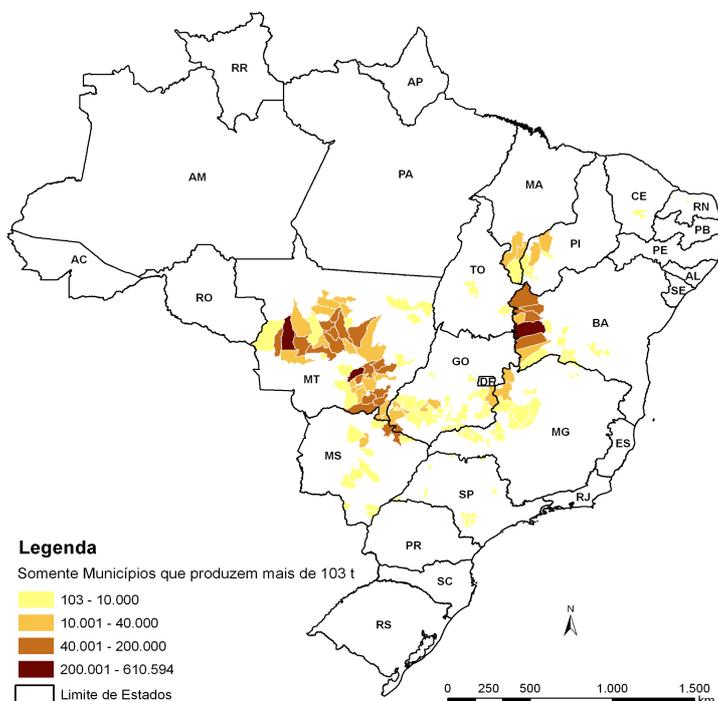
O plantio ocorre em dezembro e janeiro, mas a expectativa é de retração na área plantada. A área do estado está estimada entre 540,2 e 617,4 mil hectares e a produtividade estimada para esta safra é de 4.054 kg/ha (baseada em modelo estatístico) e poderá sofrer alteração em função das condições climáticas no desenvolvimento da cultura.

A Bahia, segundo maior produtor nacional, deve ocupar na safra atual entre 265,1 e 319,4 mil hectares, uma redução que pode chegar a 17% sobre a área cultivada na safra passada 2013/14. A produtividade média estimada é de 4.091 kg/ha.

Em Goiás, a estimativa é que área sofra redução de até 7%, podendo ficar entre 49,8 e 53,6 mil hectares. Devido à alta tecnologia empregada na cultura, a produtividade estimada é de 4.090 kg/ha.

Em Mato Grosso do Sul a área plantada poderá ter redução de até 10%, alcançando entre 33,8 a 37,5 mil hectares.

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 1 – Calendário de plantio e colheita – Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P					C	C	C	
Nordeste												
MA			P	P	P				C	C	C	C
PI			P	P	P				C	C	C	C
CE				P	P	P			C	C	C	
RN	C			P	P	P			C	C	C	C
PB	C				P	P	P	P	C	C	C	C
PE	C	C			P	P	P	P	C	C	C	C
AL	C						P	P	P			C
BA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT			P	P					C	C	C	C
MS		P	P	P			C	C	C	C	C	
GO		P	P	P					C	C	C	
Sudeste												
MG		P	P	P			C	C	C	C	C	
SP	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
Sul												
PR	P	P	P			C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,3	4,8	(10,4)	-	4.020	3.983	(0,9)	19,3	17,1	19,1	(11,4)	(1,0)
TO	4,8	4,3	4,8	(10,0)	-	4.020	3.983	(0,9)	19,3	17,1	19,1	(11,4)	(1,0)
NORDESTE	352,8	299,6	332,5	(15,1)	(5,8)	3.872	4.071	5,1	1.366,2	1.219,0	1.354,0	(10,8)	(0,9)
MA	18,6	19,5	22,7	5,0	22,0	4.140	4.232	2,2	77,0	82,5	96,1	7,1	24,8
PI	12,1	12,3	13,3	2,0	10,0	4.125	3.977	(3,6)	49,9	48,9	52,9	(2,0)	6,0
CE	1,8	1,8	1,8	-	-	780	651	(16,5)	1,4	1,2	1,2	(14,3)	(14,3)
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	3.810	4.042	6,1	1,5	1,6	1,6	6,7	6,7
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	660	622	(5,8)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	540	512	(5,2)	0,2	0,2	0,2	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	480	490	2,1	-	-	-	###	-
BA	319,4	265,1	293,8	(17,0)	(8,0)	3.870	4.091	5,7	1.236,1	1.084,5	1.201,9	(12,3)	(2,8)
CENTRO-OESTE	734,2	620,6	708,5	(15,5)	(3,5)	3.974	4.077	2,6	2.917,6	2.530,1	2.888,0	(13,3)	(1,0)
MT	643,1	540,2	617,4	(16,0)	(4,0)	3.960	4.054	2,4	2.546,7	2.190,0	2.502,9	(14,0)	(1,7)
MS	37,5	33,8	37,5	(10,0)	-	4.275	4.423	3,5	160,3	149,5	165,9	(6,7)	3,5
GO	53,6	46,6	53,6	(13,0)	-	3.930	4.090	4,1	210,6	190,6	219,2	(9,5)	4,1
SUDESTE	28,9	23,0	28,1	(20,4)	(2,8)	3.443	3.568	3,6	99,5	82,3	100,1	(17,3)	0,6
MG	20,9	19,0	20,1	(9,0)	(4,0)	3.469	3.593	3,6	72,5	68,3	72,2	(5,8)	(0,4)
SP	8,0	4,0	8,0	(50,0)	-	3.375	3.488	3,3	27,0	14,0	27,9	(48,1)	3,3
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	2,0	(4,8)	(4,8)
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	2.375	2.179	(8,3)	2,1	2,0	2,0	(4,8)	(4,8)
NORTE/NORDESTE	357,6	303,9	337,3	(15,0)	(5,7)	3.874	4.069	5,0	1.385,5	1.236,1	1.373,1	(10,8)	(0,9)
CENTRO-SUL	764,0	644,5	737,5	(15,6)	(3,5)	3.952	4.055	2,6	3.019,2	2.614,4	2.990,1	(13,4)	(1,0)
BRASIL	1.121,6	948,4	1.074,8	(15,4)	(4,2)	3.927	4.060	3,4	4.404,7	3.850,5	4.363,2	(12,6)	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,3	4,8	(10,4)	-	1.548	1.533	(0,9)	7,4	6,6	7,4	(10,8)	-
TO	4,8	4,3	4,8	(10,0)	-	1.548	1.533	(1,0)	7,4	6,6	7,4	(10,8)	-
NORDESTE	352,8	299,6	332,5	(15,1)	(5,8)	1.515	1.593	5,1	534,6	477,0	529,9	(10,8)	(0,9)
MA	18,6	19,5	22,7	5,0	22,0	1.635	1.672	2,3	30,4	32,6	37,9	7,2	24,7
PI	12,1	12,3	13,3	2,0	10,0	1.629	1.571	(3,6)	19,7	19,3	20,9	(2,0)	6,1
CE	1,8	1,8	1,8	-	-	273	228	(16,5)	0,5	0,4	0,4	(20,0)	(20,0)
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	1.448	1.536	6,1	0,6	0,6	0,6	-	-
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	231	218	(5,6)	-	-	-	###	-
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	189	179	(5,3)	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	168	172	2,4	-	-	-	###	-
BA	319,4	265,1	293,8	(17,0)	(8,0)	1.513	1.600	5,8	483,3	424,0	470,0	(12,3)	(2,8)
CENTRO-OESTE	734,2	620,6	708,5	(15,5)	(3,5)	1.569	1.610	2,6	1.152,2	999,2	1.140,6	(13,3)	(1,0)
MT	643,1	540,2	617,4	(16,0)	(4,0)	1.564	1.601	2,4	1.005,9	865,0	988,7	(14,0)	(1,7)
MS	37,5	33,8	37,5	(10,0)	-	1.689	1.747	3,4	63,3	59,1	65,5	(6,6)	3,5
GO	53,6	46,6	53,6	(13,0)	-	1.548	1.611	4,1	83,0	75,1	86,4	(9,5)	4,1
SUDESTE	28,9	23,0	28,1	(20,4)	(2,8)	1.349	1.395	3,4	39,0	32,1	39,2	(17,7)	0,5
MG	20,9	19,0	20,1	(9,0)	(4,0)	1.353	1.401	3,5	28,3	26,6	28,2	(6,0)	(0,4)
SP	8,0	4,0	8,0	(50,0)	-	1.333	1.378	3,4	10,7	5,5	11,0	(48,6)	2,8
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	889	778	(12,5)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	903	828	(8,3)	0,8	0,7	0,7	(12,5)	(12,5)
NORTE/NORDESTE	357,6	303,9	337,3	(15,0)	(5,7)	1.516	1.592	5,0	542,0	483,6	537,3	(10,8)	(0,9)
CENTRO-SUL	764,0	644,5	737,5	(15,6)	(3,5)	1.560	1.601	2,6	1.192,0	1.032,0	1.180,5	(13,4)	(1,0)
BRASIL	1.121,6	948,4	1.074,8	(15,4)	(4,2)	1.546	1.598	3,4	1.734,0	1.515,6	1.717,8	(12,6)	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,8	4,3	4,8	(10,4)	-	2.472	2.450	(0,9)	11,9	10,5	11,7	(11,8)	(1,7)
TO	4,8	4,3	4,8	(10,0)	-	2.472	2.450	(0,9)	11,9	10,5	11,7	(11,8)	(1,7)
NORDESTE	352,8	299,6	332,5	(15,1)	(5,8)	2.357	2.477	5,1	831,6	742,0	824,1	(10,8)	(0,9)
MA	18,6	19,5	22,7	5,0	22,0	2.505	2.560	2,2	46,6	49,9	58,2	7,1	24,9
PI	12,1	12,3	13,3	2,0	10,0	2.496	2.406	(3,6)	30,2	29,6	32,0	(2,0)	6,0
CE	1,8	1,8	1,8	-	-	507	423	(16,6)	0,9	0,8	0,8	(11,1)	(11,1)
RN	0,4	0,4	0,4	-	-	2.362	2.506	6,1	0,9	1,0	1,0	11,1	11,1
PB	0,1	0,1	0,1	-	-	429	404	(5,8)	0,1	0,1	0,1	-	-
PE	0,3	0,3	0,3	-	-	351	333	(5,1)	0,1	0,1	0,1	-	-
AL	0,1	0,1	0,1	-	-	312	319	2,2	-	-	-	###	-
BA	319,4	265,1	293,8	(17,0)	(8,0)	2.357	2.491	5,7	752,8	660,5	731,9	(12,3)	(2,8)
CENTRO-OESTE	734,2	620,6	708,5	(15,5)	(3,5)	2.404	2.467	2,6	1.765,4	1.530,9	1.747,4	(13,3)	(1,0)
MT	643,1	540,2	617,4	(16,0)	(4,0)	2.396	2.453	2,4	1.540,8	1.325,0	1.514,2	(14,0)	(1,7)
MS	37,5	33,8	37,5	(10,0)	-	2.586	2.676	3,5	97,0	90,4	100,4	(6,8)	3,5
GO	53,6	46,6	53,6	(13,0)	-	2.382	2.479	4,1	127,6	115,5	132,8	(9,5)	4,1
SUDESTE	28,9	23,0	28,1	(20,4)	(2,8)	2.096	2.173	3,7	60,5	50,2	60,9	(17,0)	0,7
MG	20,9	19,0	20,1	(9,0)	(4,0)	2.116	2.192	3,6	44,2	41,7	44,0	(5,7)	(0,5)
SP	8,0	4,0	8,0	(50,0)	-	2.042	2.110	3,3	16,3	8,5	16,9	(47,9)	3,7
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,3	1,3	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	1.473	1.351	(8,3)	1,3	1,3	1,3	-	-
NORTE/NORDESTE	357,6	303,9	337,3	(15,0)	(5,7)	2.359	2.477	5,0	843,5	752,5	835,8	(10,8)	(0,9)
CENTRO-SUL	764,0	644,5	737,5	(15,6)	(3,5)	2.392	2.454	2,6	1.827,2	1.582,4	1.809,6	(13,4)	(1,0)
BRASIL	1.121,6	948,4	1.074,8	(15,4)	(4,2)	2.381	2.461	3,4	2.670,7	2.334,9	2.645,4	(12,6)	(0,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.1.1. Oferta e demanda

O primeiro levantamento de intenção de plantio da safra 2014/15, realizado pela Conab, aponta para um intervalo de produção entre 1.515,6 mil e 1.717,8 mil toneladas de algodão em pluma. Desta feita, foi adotado o valor médio de 1.616,7 mil toneladas como expectativa de produção que compõe o quadro de suprimento de 2015, com uma redução de 6,8% em comparação à safra precedente. Cabe destacar que a justificativa para o declínio na produção é fundamentada pelo menor preço do algodão no mercado mundial e doméstico.

A Conab eleva em 1,15% sua previsão de consumo doméstico para a safra, esperando que 880 mil toneladas sejam utilizadas ao longo de 2015. Por outro lado, as estimativas em relação ao comércio internacional sofreram maiores alterações. Dessa forma, a previsão de importação de pluma em 2015 é de 18 mil toneladas, ou seja, 43,75% menor que o esperado para 2014. É importante observar que o menor investimento realizado pela indústria têxtil brasileira em 2014 deverá refletir negativamente na procura pela pluma, reduzindo, assim, as entradas do algodão estrangeiro. Espera-se que as exportações alcancem um volume de 680 mil toneladas, número 3,03% superior ao previsto para 2014, e que se fundamenta no ligeiro aumento dos contratos de exportação para entrega futura, já realizados em 2014.

Considerando a atual conjuntura, a configuração do quadro de suprimento estimado para 2014 passa a ser a seguinte: oferta total do produto (estoque inicial + produção + importação) situa-se em 2.175,8 mil toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) é estimada em 1.560 mil toneladas.

Com a redução da produção, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2015 é de 615,8 mil toneladas de pluma, ou seja, quantidade suficiente para abastecer a indústria nacional e honrar compromissos de exportação por um período ligeiramente superior a quatro meses.

10.1.2. Amendoim

10.1.2.1. Amendoim primeira safra

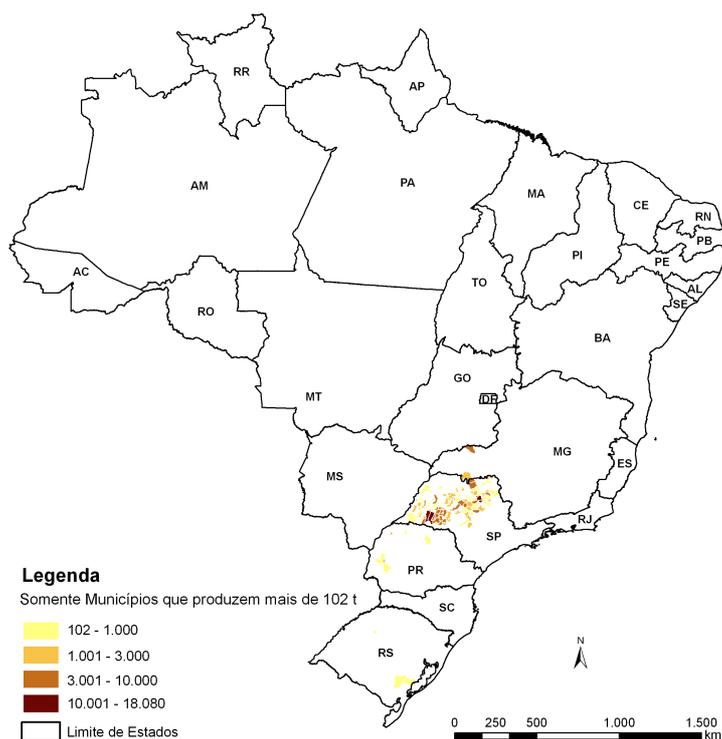
Quadro 2 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			P	P	P	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C					P
RS	P	P	P		C	C	C					

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

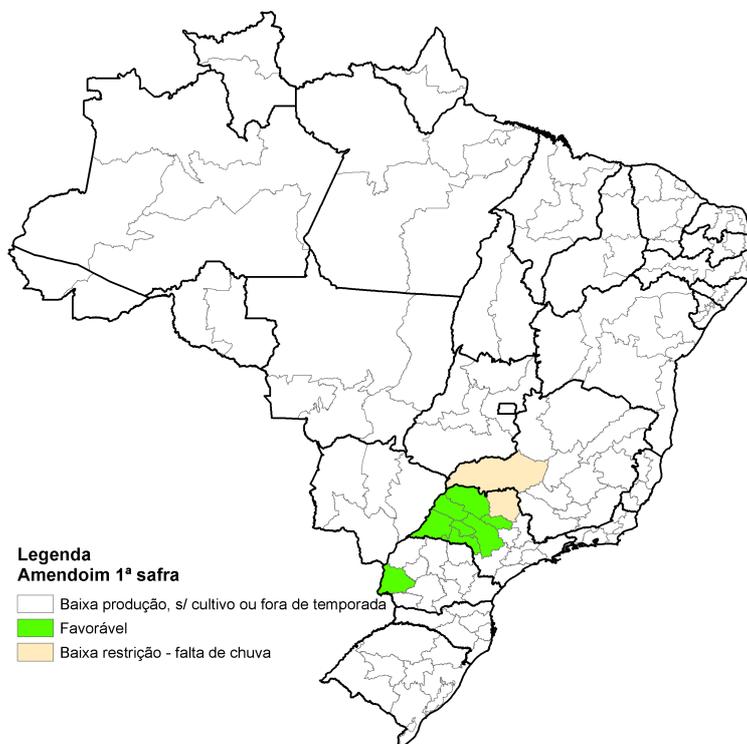
Fonte: Conab.

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 17 – Condição hídrica geral nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014.



Fonte: Conab.

Tabela 11 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Amendoim safra 1ª	oeste do PR (PP) noroeste do RS (PP) centro-oeste de SP (PP)			Triângulo MG (PP) norte de SP (PP)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim primeira safra

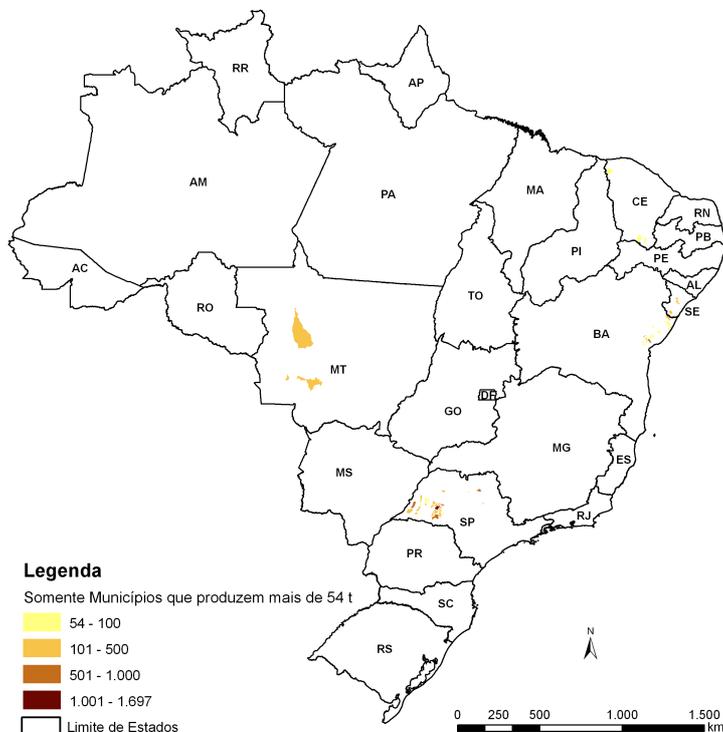
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
SUDESTE	88,8	75,3	88,6	(15,2)	(0,2)	3.162	3.765	19,1	280,8	283,5	333,6	1,0	18,8
MG	2,6	2,5	2,6	(4,0)	-	3.680	3.809	3,5	9,6	9,5	9,9	(1,0)	3,1
SP	86,2	72,8	86,0	(15,5)	(0,2)	3.146	3.764	19,6	271,2	274,0	323,7	1,0	19,4
SUL	5,4	5,7	6,3	5,6	16,7	1.998	2.096	4,9	10,8	11,9	13,2	10,2	22,2
PR	2,2	2,8	3,2	28,6	44,5	2.408	2.451	1,8	5,3	6,9	7,8	30,2	47,2
RS	3,2	2,9	3,1	(9,1)	(2,8)	1.716	1.741	1,5	5,5	5,0	5,4	(9,1)	(1,8)
CENTRO-SUL	94,2	81,0	94,9	(14,0)	0,7	3.666	3.652	(0,4)	291,6	295,4	346,8	1,3	18,9
BRASIL	94,2	81,0	94,9	(14,0)	0,7	3.666	3.652	(0,4)	291,6	295,4	346,8	1,3	18,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.2.2. Amendoim segunda safra

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 3 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P			C	C				
Nordeste												
CE				P	P	P		C	C	C		
PB							P	P			C	C
SE		P	P				C	C				
BA		P	P				C	C				
Centro-Oeste												
MT					P	P		C	C			
Sudeste												
SP				P	P	P	P	C	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

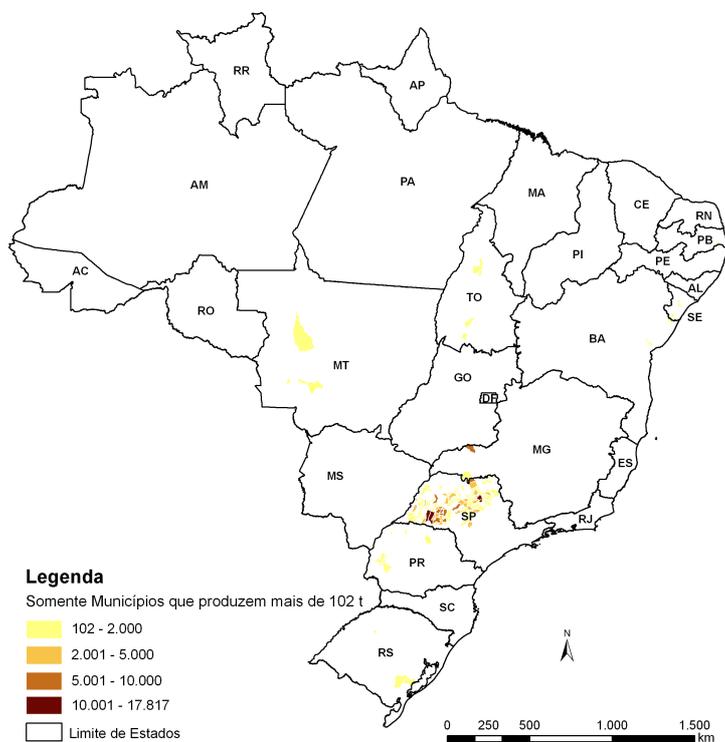
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	0,8	0,8	0,8	-	-	3.556	3.743	5,3	2,8	3,0	3,0	7,1	7,1
TO	0,8	0,8	0,8	-	-	3.556	3.743	5,3	2,8	3,0	3,0	7,1	7,1
NORDESTE	3,9	3,9	3,9	-	-	1.215	783	(35,6)	4,8	3,1	3,1	(35,4)	(35,4)
CE	1,0	1,0	1,0	-	-	1.154	139	(88,0)	1,2	0,1	0,1	(91,7)	(91,7)
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	319	550	72,4	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
SE	1,3	1,3	1,3	-	-	1.740	1.220	(29,9)	2,3	1,6	1,6	(30,4)	(30,4)
BA	1,3	1,3	1,3	-	-	945	895	(5,3)	1,2	1,2	1,2	-	-
CENTRO-OESTE	0,4	0,4	0,4	-	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	1,1	10,0	10,0
MT	0,4	0,4	0,4	-	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	1,1	10,0	10,0
SUDESTE	6,0	6,0	6,0	-	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	16,0	2,6	2,6
SP	6,0	6,0	6,0	-	-	2.600	2.674	2,8	15,6	16,0	16,0	2,6	2,6
NORTE/NORDESTE	4,7	4,7	4,7	-	-	1.450	1.287	(11,3)	7,6	6,1	6,1	(19,7)	(19,7)
CENTRO-SUL	6,4	6,4	6,4	-	-	2.594	2.671	3,0	16,6	17,1	17,1	3,0	3,0
BRASIL	11,1	11,1	11,1	-	-	2.179	2.085	(4,3)	24,2	23,2	23,2	(4,1)	(4,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.2.3. Amendoim total

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)						
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(g/f)	(h/f)	(g/f)	(h/f)				
NORTE	0,8	0,8	0,8	-	-	3.556	3.743	5,3	2,8	3,0	3,0	7,1	7,1
TO	0,8	0,8	0,8	-	-	3.556	3.750	5,5	2,8	3,0	3,0	7,1	7,1
NORDESTE	3,9	3,9	3,9	-	-	1.215	783	(35,6)	4,8	3,1	3,1	(35,4)	(35,4)
CE	1,0	1,0	1,0	-	-	1.154	100	(91,3)	1,2	0,1	0,1	(91,7)	(91,7)
PB	0,3	0,3	0,3	-	-	319	667	109,0	0,1	0,2	0,2	100,0	100,0
SE	1,3	1,3	1,3	-	-	1.740	1.231	(29,3)	2,3	1,6	1,6	(30,4)	(30,4)
BA	1,3	1,3	1,3	-	-	945	923	(2,3)	1,2	1,2	1,2	-	-
CENTRO-OESTE	0,4	0,4	0,4	-	-	2.500	2.632	5,3	1,0	1,1	1,1	10,0	10,0
MT	0,4	0,4	0,4	-	-	2.500	2.750	10,0	1,0	1,1	1,1	10,0	10,0
SUDESTE	94,8	81,3	94,6	(14,2)	(0,2)	3.126	3.691	18,1	296,4	299,5	349,6	1,0	17,9
MG	2,6	2,5	2,6	(3,8)	-	3.680	3.804	3,4	9,6	9,5	9,9	(1,0)	3,1
SP	92,2	78,8	92,0	(14,5)	(0,2)	3.110	3.687	18,5	286,8	290,0	339,7	1,1	18,4
SUL	5,4	5,7	6,3	5,6	16,7	1.998	2.096	4,9	10,8	11,9	13,2	10,2	22,2
PR	2,2	2,8	3,2	27,3	45,5	2.408	2.450	1,7	5,3	6,9	7,8	30,2	47,2
RS	3,2	2,9	3,1	(9,4)	(3,1)	1.716	1.733	1,0	5,5	5,0	5,4	(9,1)	(1,8)
NORTE/NORDESTE	4,7	4,7	4,7	-	-	1.614	1.287	(20,3)	7,6	6,1	6,1	(19,7)	(19,7)
CENTRO-SUL	100,6	87,4	101,3	(13,1)	0,7	3.063	3.585	17,0	308,2	312,5	363,9	1,4	18,1
BRASIL	105,3	92,1	106,0	(12,5)	0,7	2.998	3.476	15,9	315,8	318,6	370,0	0,9	17,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.3. Arroz

O levantamento de safra de arroz realizado pela Conab está situado no intervalo entre 2.249,6 a 2.482 mil hectares, apontando entre uma redução de 5,8% até um acréscimo de 4% para a área plantada em relação à safra 2013/14.

No Rio Grande do Sul, onde se registra a maior área plantada do país, a expectativa é de que a área fique entre 1.052,9 e 1.176,1 mil hectares, representando a possibilidade de um decréscimo de 6% até um incremento de 5% em relação à safra passada. A diminuição se deve à rotação de cultura com a soja e a necessidade do combate ao arroz vermelho. O preparo do solo encontra-se superior a 90% e a área semeada atinge 5%. A Fronteira Oeste é a região com maior índice de semeadura, chegando a 10% da área total a ser cultivada.

A quantidade de água disponível nos mananciais é suficiente para irrigação e o preço do produto no mercado se mantém em nível remunerador. A diminuição de área pode ser maior se as chuvas persistirem por períodos prolongados e não permitir a entrada das máquinas nas áreas mais planas e de fácil alagamento.

O sistema de cultivo pré-germinado tem significância, com municípios (Cachoeira do Sul e Eldorado do Sul) utilizando o sistema em mais de 30% da área cultivada com arroz.

A preocupação dos produtores é quanto à dificuldade de acelerar a semeadura para evitar atraso no estabelecimento da cultura, uma vez que as previsões são de chuvas acima da média. Fora o excesso de umidade, os fatores de produção previstos são favoráveis à lavoura de arroz, projetando uma boa safra.

O clima para o plantio da nova safra do arroz tem sido favorável. Os reservatórios de água estão cheios, bem como os rios que fornecem água para a irrigação possuem volume adequado para fornecimento às lavouras. O crédito de custeio está sendo ofertado de acordo com as necessidades dos produtores, que utilizam financiamento. A oferta de insumos para o plantio está dentro da normalidade. As cooperativas e cerealistas que fornecem os insumos aos produtores estão abastecidas e a demanda acontece de acordo com o ciclo e necessidade da cultura.

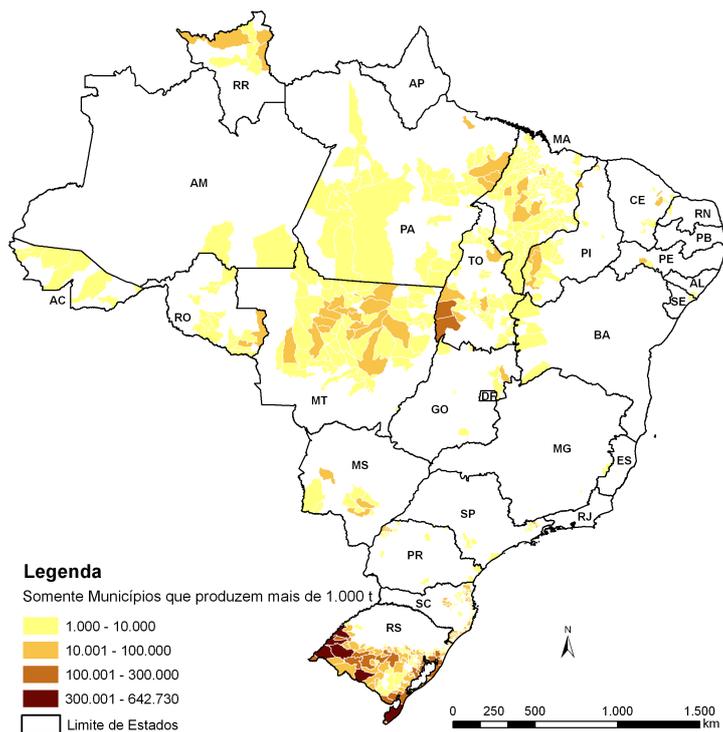
Em Santa Catarina, cerca de 90% da área prevista para o plantio já foi semeada nas regiões do vale do Itajaí e litoral norte do estado, enquanto que na região sul o plantio já chega a 50%, dentro da normalidade para esta época. Os produtores estão otimistas quanto à nova safra, especialmente devido aos preços praticados no mercado do arroz que estão acima dos preços mínimos. A produtividade catarinense é estimada em 7.089 kg/ha, com um decréscimo de 0,3% ao comparar-se com a safra 2013/14.

Na Região Norte, o plantio da lavoura de sequeiro ocorre na sua grande maioria, associando baixos níveis tecnológicos com as adversidades climáticas frequentes e atendem mais às circunstâncias de subsistência, uma vez que os mercados locais são literalmente abastecidos por produtos de melhor qualidade e preços competitivos, oriundos de outras regiões do país.

Em Tocantins, principal produtor da Região Norte, deve ter redução de área de 1 a 5%, uma vez que as lavouras de arroz semeado na safra anterior foram destinadas à melhoria do solo para o cultivo da soja nesta safra. Com estes números verifica-se uma tendência de baixa na área semeada com o arroz cultivado em terras altas (sequeiro), se comparada à safra 2013/14.

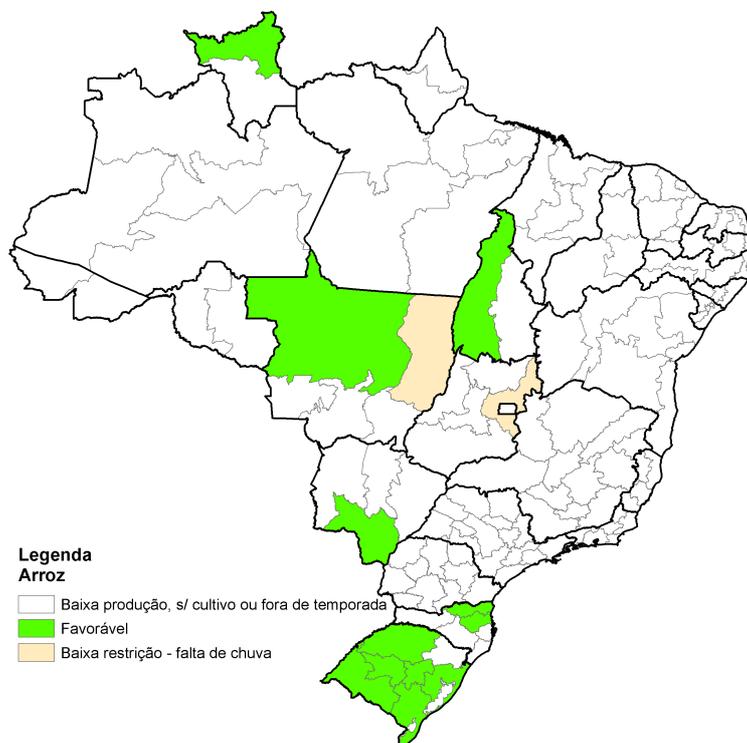
Já para o arroz irrigado, a expectativa dos orizicultores do estado para esta safra é de crescimento da área plantada. Entretanto, com a limitação das áreas a serem expandidas nas localidades de Formoso do Araguaia e Lagoa da Confusão para a semeadura, os índices de crescimento não deverá ser significativo.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 21 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 15 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Arroz	- norte de RR (PP) (irrigado) - oeste do TO (PP) (irrigado) - nordeste de SC (PP) - todo estado do RS (PP) - sudoeste do MS (PP) - parte do norte de MT (PP)			- parte do norte de MT (PP) - leste de GO (PP) - nordeste do MT (PP)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Com esse cenário, o levantamento realizado pela Conab aponta-se decréscimo entre 5,8% e incremento de até 4%, na área plantada com arroz, saindo de 2.386,9 mil hectares na safra 2013/14 para 2.249,6 até 2.482 mil hectares, gerando uma produção de 11.919,7 até 13.222,7 mil toneladas, que representa um decréscimo de 2% até um incremento de 8,7% em relação ao resultado da safra passada que foi de 12.161,7 mil toneladas.

Quadro 4 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR											C	
RO	P	P	P		C	C	C					
AC	P	P	P	C	C	C	C					
AM				C	C	C	C					
AP								C	C	C		
PA					C	C	C	C	C	C		
TO	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA		P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	C	
PI		P	P	P	P	C	C	C	C	C		
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN		C	C	P/C	P			C	C	P/C	P/C	C
PB				P	P			C	C	C	C	
PE						P	P	C	C	C	C	C
AL												C
SE										C	C	
BA	P	P	P		C	C	C	C	C			
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C	C				
MS	P	P	P	C	C	C	C					
GO	P	P	P			C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P			C	C	C				
ES				C	C	C	C					
RJ				C	C	C	C					
SP	P	P	P	C	C	C	C					P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P		C	C	C	C				P	P
RS	P	P	P		C	C	C	C				P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	268,9	257,7	273,8	(4,2)	1,8	3.597	4.031	12,1	967,2	1.030,9	1.111,9	6,6	15,0
RR	12,0	12,0	18,0	-	50,0	6.500	6.709	3,2	78,0	80,5	120,8	3,2	54,9
RO	48,5	43,7	48,5	(10,0)	-	2.819	2.874	2,0	136,7	125,6	139,4	(8,1)	2,0
AC	7,5	6,8	7,5	(10,0)	-	1.201	1.370	14,1	9,0	9,3	10,3	3,3	14,4
AM	3,4	3,4	3,4	-	-	2.261	2.288	1,2	7,7	7,8	7,8	1,3	1,3
AP	2,0	2,0	2,0	-	-	1.218	1.255	3,0	2,4	2,5	2,5	4,2	4,2
PA	81,6	81,6	81,6	-	-	2.326	2.398	3,1	189,8	195,7	195,7	3,1	3,1
TO	113,9	108,2	112,8	(5,0)	(1,0)	4.773	5.633	18,0	543,6	609,5	635,4	12,1	16,9
NORDESTE	539,5	505,2	544,8	(6,4)	1,0	1.695	1.471	(13,2)	914,6	745,8	799,3	(18,5)	(12,6)
MA	389,1	353,7	389,1	(9,1)	-	1.692	1.371	(19,0)	658,4	484,9	533,5	(26,4)	(19,0)
PI	105,9	107,0	111,2	1,0	5,0	1.400	1.160	(17,1)	148,3	124,1	129,0	(16,3)	(13,0)
CE	22,1	22,1	22,1	-	-	1.436	2.417	68,3	31,7	53,4	53,4	68,5	68,5
RN	1,5	1,5	1,5	-	-	3.074	3.215	4,6	4,6	4,8	4,8	4,3	4,3
PB	1,2	1,2	1,2	-	-	817	837	2,4	1,0	1,0	1,0	-	-
PE	0,7	0,7	0,7	-	-	6.923	7.098	2,5	4,8	5,0	5,0	4,2	4,2
AL	3,1	3,1	3,1	-	-	5.858	5.987	2,2	18,2	18,6	18,6	2,2	2,2
SE	7,1	7,1	7,1	-	-	5.570	5.701	2,4	39,5	40,5	40,5	2,5	2,5
BA	8,8	8,8	8,8	-	-	920	1.530	66,3	8,1	13,5	13,5	66,7	66,7
CENTRO-OESTE	243,8	229,0	268,9	(6,1)	10,3	3.504	3.582	2,2	854,2	821,5	961,9	(3,8)	12,6
MT	176,3	176,3	202,7	-	15,0	3.285	3.342	1,7	579,1	589,2	677,4	1,7	17,0
MS	15,5	16,3	17,8	5,0	15,0	6.150	6.322	2,8	95,3	103,0	112,5	8,1	18,0
GO	52,0	36,4	48,4	(30,0)	(7,0)	3.457	3.553	2,8	179,8	129,3	172,0	(28,1)	(4,3)
SUDESTE	34,8	31,2	32,9	(10,3)	(5,5)	2.485	2.593	4,4	86,5	81,2	85,0	(6,1)	(1,7)
MG	19,4	16,1	17,5	(17,0)	(10,0)	2.020	2.079	2,9	39,2	33,5	36,4	(14,5)	(7,1)
ES	0,5	0,5	0,5	-	-	2.557	2.806	9,7	1,3	1,4	1,4	7,7	7,7
RJ	0,9	0,9	0,9	-	-	3.476	3.492	0,5	3,1	3,1	3,1	-	-
SP	14,0	13,7	14,0	(2,0)	-	3.063	3.151	2,9	42,9	43,2	44,1	0,7	2,8
SUL	1.299,9	1.226,5	1.361,6	(5,6)	4,7	7.185	7.536	4,9	9.339,2	9.240,3	10.264,6	(1,1)	9,9
PR	29,7	28,2	29,7	(5,0)	-	5.356	5.566	3,9	159,1	157,0	165,3	(1,3)	3,9
SC	150,1	145,4	155,8	(3,1)	3,8	7.110	7.089	(0,3)	1.067,2	1.030,7	1.104,5	(3,4)	3,5
RS	1.120,1	1.052,9	1.176,1	(6,0)	5,0	7.243	7.648	5,6	8.112,9	8.052,6	8.994,8	(0,7)	10,9
NORTE/NORDESTE	808,4	762,9	818,6	(5,6)	1,3	2.328	2.332	0,2	1.881,8	1.776,7	1.911,2	(5,6)	1,6
CENTRO-SUL	1.578,5	1.486,7	1.663,4	(5,8)	5,4	6.512	6.811	4,6	10.279,9	10.143,0	11.311,5	(1,3)	10,0
BRASIL	2.386,9	2.249,6	2.482,0	(5,8)	4,0	5.095	5.314	4,3	12.161,7	11.919,7	13.222,7	(2,0)	8,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em agosto de 2014, foram importadas 59,05 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,3 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 07 de outubro, não foram disponibilizados os dados referentes a setembro e por esse motivo, agosto é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma redução do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em agosto de 2013, essas aquisições foram de 70,9 mil toneladas, sendo 0,9 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul. Acerca das exportações, estas tiveram uma significativa retração, passando de 159 mil toneladas em agosto de 2013 para 79,6 mil toneladas em agosto de 2014.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado do período comercial 2013/14, obteve-se um superavit de 245,1 mil toneladas, sendo o montante exportado igual a 1.210,8 mil toneladas e o montante importado igual a 965,5 mil toneladas. Nos primeiros meses de análise do período comercial 2014/15, março a agosto de 2014, observou-se

um superavit no montante de 217 mil toneladas. Com estes resultados somados à desvalorização do Real e à diminuição da oferta nacional do grão, estima-se que – para o período safra 2012/13 – a balança comercial do arroz encerre com um superavit de 200 mil toneladas, sendo as exportações estimadas em 1.200 mil toneladas e as importações em 1.000 mil toneladas.

Para a atual safra brasileira 2013/14 de arroz, a produção média deverá ser 2,9% superior em relação à safra 2012/13, atingindo 12.161,7 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido à expansão de área em face do elevado patamar de preços do produto. Sobre o estoque de passagem, na safra 2012/13, o volume consolidado em 28 de fevereiro de 2014 fechou em 1082,1 mil toneladas em face do baixo volume apurado no levantamento de estoques privados (496,1 mil toneladas) e do reduzido estoque em poder do governo federal (586 mil toneladas). Com esses resultados, o consumo da safra 2012/13 é estimado em 12,6 milhões de toneladas. Para a comercialização da safra 2013/14, o consumo é estimado em 12 milhões de toneladas, o que, em conjunto com uma amena redução do superavit em relação ao período anterior, resultará em uma expansão do estoque de passagem para 1.043,8 mil toneladas.

Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2014/15, a projeção média da produção deverá ser 3,4% superior em relação à safra 2013/14, atingindo 12.571,2 mil toneladas. Esse aumento de produção ocorre principalmente devido ao bom patamar de preços e às boas condições atuais de plantio na Região Sul. Logo, com a manutenção do consumo, da exportação e da importação igual ao da safra atual, projeta-se um estoque de passagem de 1.415 mil toneladas.

10.1.4. Feijão

10.1.4.1. Feijão primeira safra

A maior parte do volume da produção de feijão primeira safra é produzida na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2013/14, este volume da região é quase 87% da produção total, destacando-se Paraná, Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina e São Paulo, mesmo ocupando apenas 56,5% das áreas cultivadas com a cultura.

A área de feijão primeira safra está estimada para este primeiro levantamento, entre 1,07 e 1,11 milhão de hectares, o que configura um decréscimo entre 8,3 e 4,3% em relação à safra passada. A maioria dos principais estados produtores indicam plantios de áreas menores do que às cultivadas na safra anterior. A comercialização instável e os riscos climáticos aliados à cultura do feijão, somados à atratividade de outras culturas concorrentes, como soja e milho, derrubam uma maior intenção dos produtores em todo país, nesta temporada.

Aproximadamente 29,33% da área plantada com feijão primeira safra está na Região Sul, considerando a safra 2013/14, com destaque para o Paraná, 20,16% na Região Sudeste, destacando Minas Gerais e São Paulo, 7,03% na Região Centro-Oeste, com destaque para Goiás e 43,13% na Região Nordeste, com destaque para a Bahia e Piauí.

No estado do Paraná, que produziu 32,12% da produção nacional na safra anterior, deverá ocorrer um decréscimo na área, variando entre 15% e 10% nas estimativas atuais, com o cultivo podendo oscilar entre 202,5 a 214,4 mil hectares. Os altos riscos inerentes à produção de feijão, somados às dificuldades na comercialização, têm pesado na hora de decidir o que plantar. O plantio já ocorreu em 44% da área estimada, e a cultura já semeada, encontra-se nas fases de germinação (57%), desenvolvimento vegetativo (41%) e floração (2%).

Em Minas Gerais, o segundo maior produtor de feijão primeira safra (16,7% do volume total na safra anterior), ao contrário do ocorrido em safras passadas, os levantamentos iniciais projetam neste ano uma retração de 13 a 8% na área de plantio do feijão primeira safra, que deve ficar entre 155,6 mil e 164,5 mil hectares, visto que, além dos riscos climáticos e da melhor competitividade dos mercados de milho e soja, a cultura vem exigindo rígido controle, oneroso e difícil, contra os crescentes ataques de mosca branca. Setembro transcorreu predominantemente, com clima seco, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa do ar. A severa escassez de chuvas compromete os níveis dos reservatórios e cursos de água. As operações de preparo de solo nas áreas de plantio convencional ainda são incipientes, mas se espera que intensifique com o início da estação chuvosa que ocorre a partir de outubro, quando são esperadas as primeiras chuvas de verão.

Foram plantadas poucas lavouras sob pivô, mas a maior parte das áreas são de sequeiro e as condições climáticas ainda não viabilizaram o plantio, que deve ocorrer entre outubro e dezembro. Caso as condições climáticas se mostrem favoráveis, possibilitando a obtenção de uma produtividade média de 1.014 kg/ha, a produção pode diminuir de 24,6% a 20,3%, atingindo 157,8 mil a 166,8 mil toneladas.

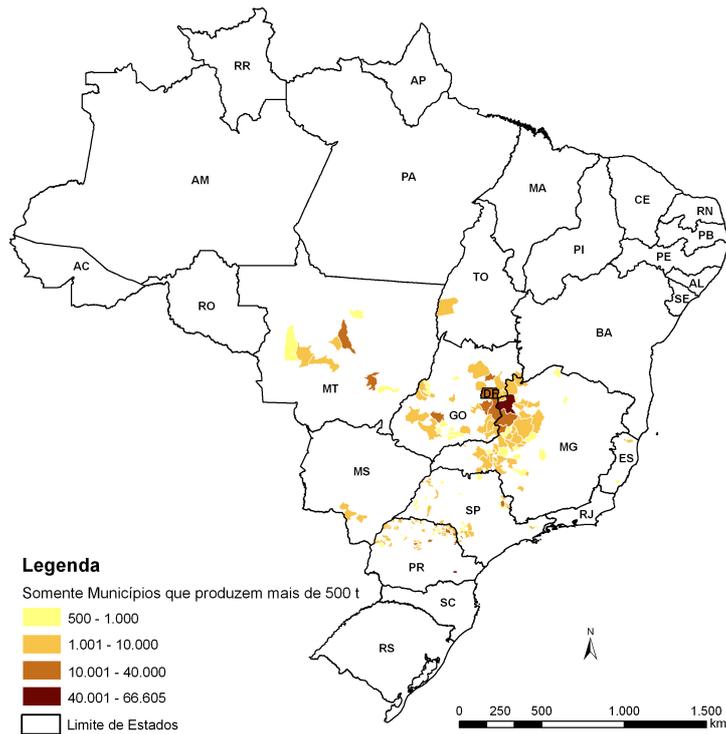
Com relação ao rendimento médio para esta primeira estimativa, a metodologia aplicada é a análise estatística da série histórica das safras anteriores.

Caso se confirme a tendência dos dados apurados, a produção nacional para o feijão da primeira safra é estimada em 1,01 a 1,08 milhão de toneladas, representando um decréscimo entre 19% e 14,1% em relação a safra passada. A área a ser plantada, bem como sua produção, poderá sofrer ajustes no decorrer do período, dependendo do comportamento do clima e dos preços no mercado, uma vez que o plantio do feijão primeira safra, dependendo da região, ocorre até meados de dezembro,

Para o feijão segunda e terceira safras, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foram repetidas as áreas da safra anterior e aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores.

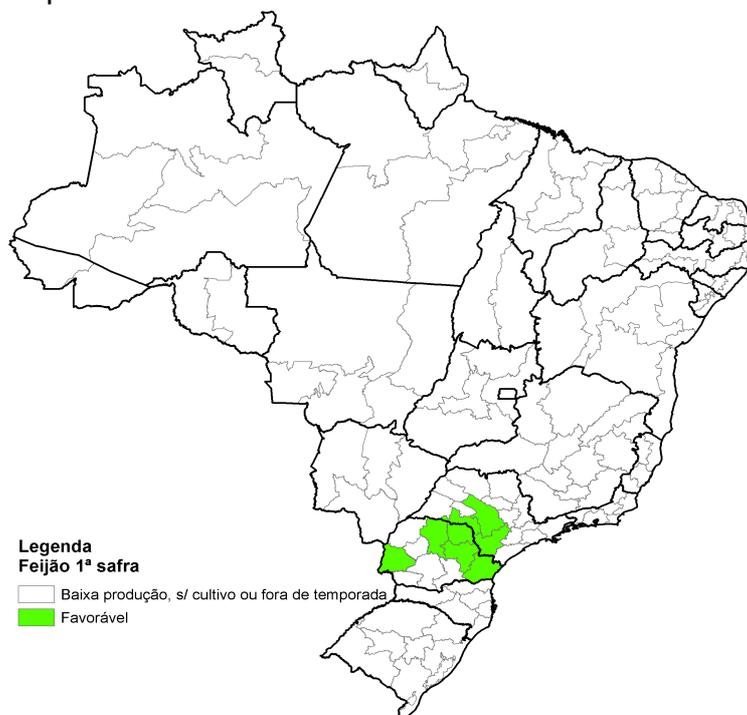
Considerando as três safras, estima-se para esse início de acompanhamento, que a área total de feijão poderá chegar a 3,24 até 3,28 milhões de hectares, menor 2,9% até 1,5% que a safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar entre 3,19 a 3,25 milhões de toneladas e 17,3 a 5,5% menor que a última safra. As previsões de intenção de plantio desta nova safra ainda são preliminares e passíveis de alterações nos próximos levantamentos.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 23 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 17 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 1ª safra	- sul de SP (P/G/DV) - nordeste e oeste do PR (G)			

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	4,0	4,0	4,0	-	-	629	646	2,7	2,5	2,6	2,6	4,0	4,0
TO	4,0	4,0	4,0	-	-	629	646	2,7	2,5	2,6	2,6	4,0	4,0
NORDESTE	501,9	504,0	513,3	0,4	2,3	324	321	(1,0)	162,6	161,3	165,0	(0,8)	1,5
MA	40,8	37,9	39,6	(7,0)	(3,0)	430	464	7,9	17,5	17,6	18,4	0,6	5,1
PI	209,0	209,0	209,0	-	-	242	224	(7,4)	50,6	46,8	46,8	(7,5)	(7,5)
BA	252,1	257,1	264,7	2,0	5,0	375	377	0,5	94,5	96,9	99,8	2,5	5,6
CENTRO-OESTE	81,8	64,6	70,3	(21,0)	(14,1)	2.225	2.087	(6,2)	182,1	134,7	146,7	(26,0)	(19,4)
MT	11,9	11,9	11,9	-	-	1.590	1.654	4,0	18,9	19,7	19,7	4,2	4,2
MS	2,1	1,6	1,8	(25,0)	(15,0)	930	937	0,8	2,0	1,5	1,7	(25,0)	(15,0)
GO	55,8	39,1	44,6	(30,0)	(20,0)	2.315	2.144	(7,4)	129,2	83,8	95,6	(35,1)	(26,0)
DF	12,0	12,0	12,0	-	-	2.665	2.478	(7,0)	32,0	29,7	29,7	(7,2)	(7,2)
SUDESTE	234,6	199,5	213,4	(15,0)	(9,0)	1.389	1.206	(13,1)	325,8	239,5	258,6	(26,5)	(20,6)
MG	178,8	155,6	164,5	(13,0)	(8,0)	1.170	1.014	(13,3)	209,2	157,8	166,8	(24,6)	(20,3)
ES	6,5	6,6	6,8	1,5	4,5	777	768	(1,2)	5,1	5,1	5,2	-	2,0
RJ	1,1	1,1	1,1	-	-	895	903	0,9	1,0	1,0	1,0	-	-
SP	48,2	36,2	41,0	(25,0)	(15,0)	2.293	2.088	(8,9)	110,5	75,6	85,6	(31,6)	(22,5)
SUL	341,3	295,3	312,3	(13,5)	(8,5)	1.698	1.612	(5,0)	579,5	476,2	503,6	(17,8)	(13,1)
PR	238,2	202,5	214,4	(15,0)	(10,0)	1.689	1.591	(5,8)	402,3	322,2	341,1	(19,9)	(15,2)
SC	62,0	49,6	52,7	(20,0)	(15,0)	1.800	1.850	2,8	111,6	91,8	97,5	(17,7)	(12,6)
RS	41,1	43,2	45,2	5,0	10,0	1.596	1.439	(9,8)	65,6	62,2	65,0	(5,2)	(0,9)
NORTE/NORDESTE	505,9	508,0	517,3	0,4	2,3	326	323	(1,0)	165,1	163,9	167,6	(0,7)	1,5
CENTRO-SUL	657,7	559,4	596,0	(14,9)	(9,4)	1.653	1.523	(7,9)	1.087,4	850,4	908,9	(21,8)	(16,4)
BRASIL	1.163,6	1.067,4	1.113,3	(8,3)	(4,3)	1.076	959	(10,9)	1.252,5	1.014,3	1.076,5	(19,0)	(14,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Quadro 5 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

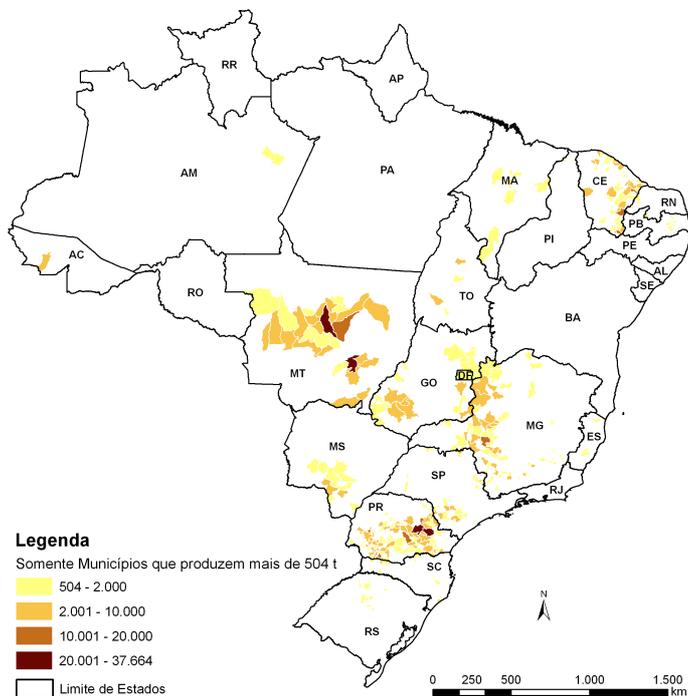
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		P	P		C	C						
Nordeste												
PI		P	P			C	C					
BA	P	P	P	P/C	C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					
MS	P	P		C	C							
GO	P	P	P	C	C	C						
DF	P	P	P		C	C						
Sudeste												
MG	P	P	P/C	C	C	C						
ES		P	P	C	C	C						
RJ	P	P	C	C	C							
SP	P	P/C	C	C	C							P
Sul												
PR	P	P	C	C	C					P	P	
SC	P	P	C	C	C	C	C				P	
RS	P	P	C	C	C	C	C				P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.4.2. Feijão segunda safra

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 6 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							P	P	P	C	C	C
RO					P	P		C	C	C		
AC					P	P		C	C	C		
AM						P	P	P	C	C	C	C
AP							P	P	P	C	C	C
TO				P	P	P	P/C	C	C	C		
Nordeste												
MA					P	P	P/C	C	C	C		
PI				P	P	P	C	C	C			
CE					P	P	P/C	C	C	C		
RN				P	P	P	P	P/C	C	C		
PB						P	P	P	P/C	C	C	
PE					P	P	P/C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C		
MS					P	P	P	C	C	C	C	
GO				P	P	P	C	C	C			
DF				P	P		C	C				
Sudeste												
MG					P	P	P/C	C	C	C	C	
ES					P	P	P	C	C	C		
RJ					P	P	P/C	C	C			
SP				P	P	P/C	P/C	C	C	C		
Sul												
PR				P	P	P/C	C	C	C			
SC				P	P	P/C	C	C	C			
RS				P	P	P/C	C	C	C			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

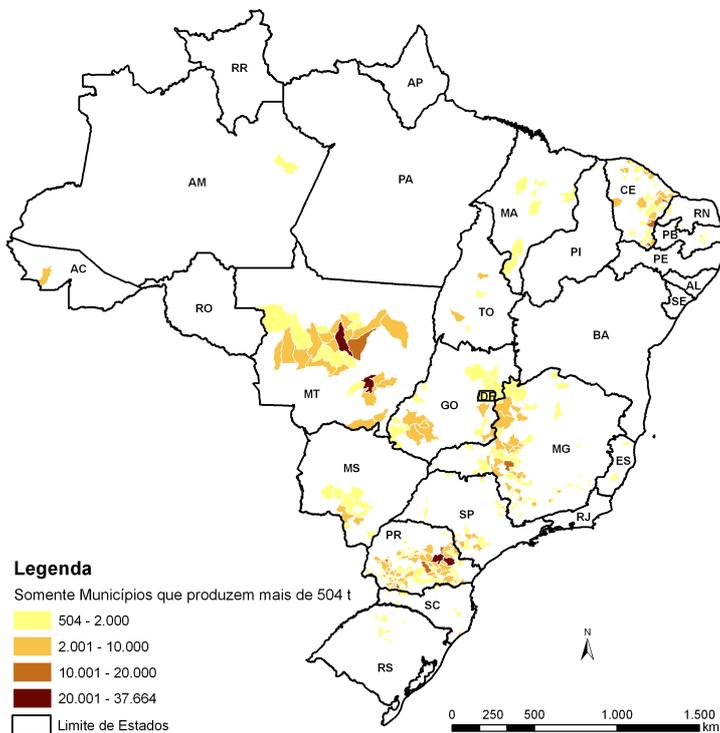
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	67,1	67,1	67,1	-	-	747	732	(2,1)	50,1	49,1	49,1	(2,0)	(2,0)
RR	3,0	3,0	3,0	-	-	667	685	2,7	2,0	2,1	2,1	5,0	5,0
RO	33,0	33,0	33,0	-	-	722	631	(12,6)	23,8	20,8	20,8	(12,6)	(12,6)
AC	10,3	10,3	10,3	-	-	582	548	(5,8)	6,0	5,6	5,6	(6,7)	(6,7)
AM	5,3	5,3	5,3	-	-	1.027	972	(5,4)	5,4	5,2	5,2	(3,7)	(3,7)
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	902	956	6,0	1,2	1,2	1,2	-	-
TO	14,2	14,2	14,2	-	-	825	1.000	21,2	11,7	14,2	14,2	21,4	21,4
NORDESTE	700,2	700,2	700,2	-	-	326	322	(1,2)	228,5	225,6	225,6	(1,3)	(1,3)
MA	52,0	52,0	52,0	-	-	549	559	1,8	28,5	29,1	29,1	2,1	2,1
PI	20,4	20,4	20,4	-	-	756	785	3,8	15,4	16,0	16,0	3,9	3,9
CE	393,8	393,8	393,8	-	-	309	284	(8,1)	121,7	111,8	111,8	(8,1)	(8,1)
RN	33,5	33,5	33,5	-	-	333	356	6,9	11,2	11,9	11,9	6,3	6,3
PB	76,9	76,9	76,9	-	-	277	294	6,1	21,3	22,6	22,6	6,1	6,1
PE	123,6	123,6	123,6	-	-	246	277	12,6	30,4	34,2	34,2	12,5	12,5
CENTRO-OESTE	269,3	269,3	269,3	-	-	1.405	1.403	(0,1)	378,5	377,9	377,9	(0,2)	(0,2)
MT	234,9	234,9	234,9	-	-	1.358	1.358	-	319,0	319,0	319,0	-	-
MS	17,6	17,6	17,6	-	-	1.600	1.436	(10,3)	28,2	25,3	25,3	(10,3)	(10,3)
GO	15,9	15,9	15,9	-	-	1.857	2.013	8,4	29,5	32,0	32,0	8,5	8,5
DF	0,9	0,9	0,9	-	-	2.000	1.826	(8,7)	1,8	1,6	1,6	(11,1)	(11,1)
SUDESTE	150,5	150,5	150,5	-	-	1.351	1.380	2,2	203,3	207,6	207,6	2,1	2,1
MG	121,2	121,2	121,2	-	-	1.355	1.387	2,4	164,2	168,1	168,1	2,4	2,4
ES	8,8	8,8	8,8	-	-	813	845	3,9	7,2	7,4	7,4	2,8	2,8
RJ	1,6	1,6	1,6	-	-	951	1.012	6,4	1,5	1,6	1,6	6,7	6,7
SP	18,9	18,9	18,9	-	-	1.606	1.615	0,6	30,4	30,5	30,5	0,3	0,3
SUL	304,1	304,1	304,1	-	-	1.478	1.465	(0,9)	449,3	445,4	445,4	(0,9)	(0,9)
PR	272,3	272,3	272,3	-	-	1.475	1.456	(1,3)	401,6	396,5	396,5	(1,3)	(1,3)
SC	22,5	22,5	22,5	-	-	1.450	1.486	2,5	32,6	33,4	33,4	2,5	2,5
RS	9,3	9,3	9,3	-	-	1.622	1.669	2,9	15,1	15,5	15,5	2,6	2,6
NORTE/NORDESTE	767,3	767,3	767,3	-	-	363	358	(1,4)	278,6	274,7	274,7	(1,4)	(1,4)
CENTRO-SUL	723,9	723,9	723,9	-	-	1.424	1.424	-	1.031,1	1.030,9	1.030,9	-	-
BRASIL	1.491,2	1.491,2	1.491,2	-	-	878	876	(0,3)	1.309,7	1.305,6	1.305,6	(0,3)	(0,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.4.3. Feijão terceira safra

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 7 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	C							P	P	P	C	C
Nordeste												
CE	C						P	P	P	C	C	C
PE	C						P	P	P/C	C	C	C
AL								P	P		C	C
SE							P	P	P/C	C	C	C
BA							P	P	P/C	C	C	C
Centro-Oeste												
MT							P	P	P/C	C	C	C
MS							P	P		C	C	C
GO							P	P	P/C	C	C	C
DF								P	P		C	C
Sudeste												
MG	C					P	P	P	P/C	C	C	C
SP							P	P	P	C	C	C
Sul												
PR						P	P	P	C	C	C	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

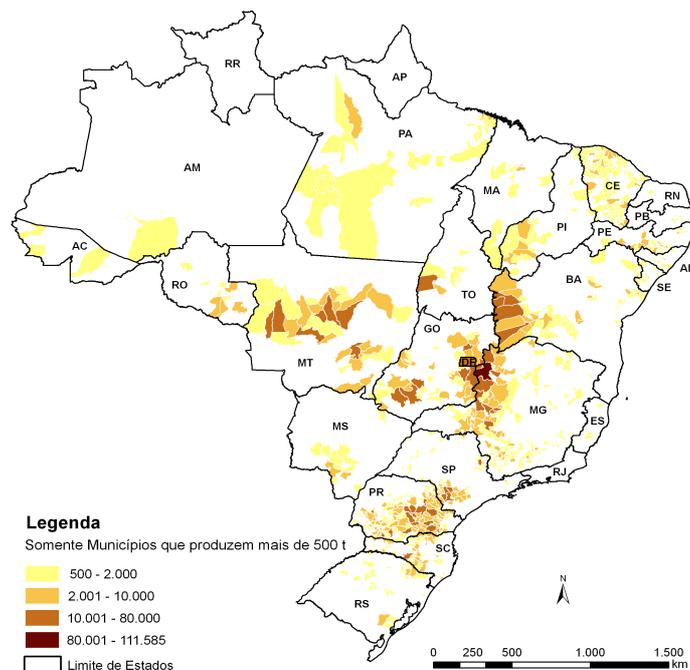
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	30,2	30,2	30,2	-	-	798	846	6,0	24,1	25,5	25,5	5,8	5,8
PA	28,0	28,0	28,0	-	-	760	800	5,3	21,3	22,4	22,4	5,2	5,2
TO	2,2	2,2	2,2	-	-	1.281	1.426	11,3	2,8	3,1	3,1	10,7	10,7
NORDESTE	423,5	423,5	423,5	-	-	654	635	(2,9)	276,8	268,9	268,9	(2,9)	(2,9)
CE	10,3	10,3	10,3	-	-	1.054	1.109	5,2	10,9	11,4	11,4	4,6	4,6
PE	122,1	122,1	122,1	-	-	467	465	(0,4)	57,0	56,8	56,8	(0,4)	(0,4)
AL	47,0	47,0	47,0	-	-	458	482	5,2	21,5	22,7	22,7	5,6	5,6
SE	31,5	31,5	31,5	-	-	746	785	5,2	23,5	24,7	24,7	5,1	5,1
BA	212,6	212,6	212,6	-	-	771	721	(6,5)	163,9	153,3	153,3	(6,5)	(6,5)
CENTRO-OESTE	116,9	116,9	116,9	-	-	2.672	2.589	(3,1)	312,4	302,7	302,7	(3,1)	(3,1)
MT	76,8	76,8	76,8	-	-	2.566	2.414	(5,9)	197,1	185,4	185,4	(5,9)	(5,9)
MS	0,4	0,4	0,4	-	-	1.260	1.380	9,5	0,5	0,6	0,6	20,0	20,0
GO	36,5	36,5	36,5	-	-	2.868	2.914	1,6	104,7	106,4	106,4	1,6	1,6
DF	3,2	3,2	3,2	-	-	3.159	3.221	2,0	10,1	10,3	10,3	2,0	2,0
SUDESTE	103,1	103,1	103,1	-	-	2.558	2.615	2,2	263,7	269,6	269,6	2,2	2,2
MG	85,0	85,0	85,0	-	-	2.600	2.642	1,6	221,0	224,6	224,6	1,6	1,6
SP	18,1	18,1	18,1	-	-	2.359	2.488	5,5	42,7	45,0	45,0	5,4	5,4
SUL	4,9	4,9	4,9	-	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	4,7	(6,0)	(6,0)
PR	4,9	4,9	4,9	-	-	1.013	960	(5,2)	5,0	4,7	4,7	(6,0)	(6,0)
NORTE/NORDESTE	453,7	453,7	453,7	-	-	663	649	(2,2)	300,9	294,4	294,4	(2,2)	(2,2)
CENTRO-SUL	224,9	224,9	224,9	-	-	2.583	2.565	(0,7)	581,1	577,0	577,0	(0,7)	(0,7)
BRASIL	678,6	678,6	678,6	-	-	1.300	1.284	(1,2)	882,0	871,4	871,4	(1,2)	(1,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.4.4. Feijão total

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	101,3	101,3	101,3	-	-	758	762	0,6	76,7	77,2	77,2	0,7	0,7
RR	3,0	3,0	3,0	-	-	667	700	5,0	2,0	2,1	2,1	5,0	5,0
RO	33,0	33,0	33,0	-	-	721	630	(12,6)	23,8	20,8	20,8	(12,6)	(12,6)
AC	10,3	10,3	10,3	-	-	583	544	(6,7)	6,0	5,6	5,6	(6,7)	(6,7)
AM	5,3	5,3	5,3	-	-	1.019	981	(3,7)	5,4	5,2	5,2	(3,7)	(3,7)
AP	1,3	1,3	1,3	-	-	923	923	-	1,2	1,2	1,2	-	-
PA	28,0	28,0	28,0	-	-	761	800	5,2	21,3	22,4	22,4	5,2	5,2
TO	20,4	20,4	20,4	-	-	833	975	17,1	17,0	19,9	19,9	17,1	17,1
NORDESTE	1.625,6	1.627,7	1.637,0	0,1	0,7	411	403	(1,9)	668,0	655,9	659,5	(1,8)	(1,3)
MA	92,8	89,9	91,6	(3,1)	(1,3)	497	518	4,4	46,1	46,7	47,4	1,3	2,8
PI	229,4	229,4	229,4	-	-	288	274	(4,8)	66,0	62,8	62,8	(4,8)	(4,8)
CE	404,1	404,1	404,1	-	-	328	305	(6,9)	132,5	123,3	123,3	(6,9)	(6,9)
RN	33,5	33,5	33,5	-	-	334	355	6,3	11,2	11,9	11,9	6,3	6,3
PB	76,9	76,9	76,9	-	-	277	294	6,1	21,3	22,6	22,6	6,1	6,1
PE	245,7	245,7	245,7	-	-	356	370	4,1	87,4	91,0	91,0	4,1	4,1
AL	47,0	47,0	47,0	-	-	457	483	5,6	21,5	22,7	22,7	5,6	5,6
SE	31,5	31,5	31,5	-	-	746	784	5,1	23,5	24,7	24,7	5,1	5,1
BA	464,7	469,7	477,3	1,1	2,7	556	531	(4,5)	258,5	250,2	253,1	(3,2)	(2,1)
CENTRO-OESTE	468,0	450,8	456,5	(3,7)	(2,5)	1.865	1.810	(2,9)	872,9	815,3	827,3	(6,6)	(5,2)
MT	323,6	323,6	323,6	-	-	1.653	1.620	(2,0)	535,0	524,1	524,1	(2,0)	(2,0)
MS	20,1	19,6	19,8	(2,5)	(1,5)	1.522	1.391	(8,6)	30,6	27,3	27,5	(10,8)	(10,1)
GO	108,2	91,5	97,0	(15,4)	(10,4)	2.434	2.420	(0,6)	263,4	222,2	234,0	(15,6)	(11,2)
DF	16,1	16,1	16,1	-	-	2.727	2.590	(5,0)	43,9	41,7	41,7	(5,0)	(5,0)
SUDESTE	488,2	453,1	467,0	(7,2)	(4,3)	1.624	1.579	(2,8)	792,7	716,7	736,0	(9,6)	(7,2)
MG	385,0	361,8	370,7	(6,0)	(3,7)	1.544	1.515	(1,8)	594,4	550,5	559,5	(7,4)	(5,9)
ES	15,3	15,4	15,6	0,7	2,0	797	813	1,9	12,2	12,5	12,7	2,5	4,1
RJ	2,7	2,7	2,7	-	-	926	963	4,0	2,5	2,6	2,6	4,0	4,0
SP	85,2	73,2	78,0	(14,1)	(8,5)	2.155	2.065	(4,2)	183,6	151,1	161,2	(17,7)	(12,2)
SUL	650,3	604,3	621,3	(7,1)	(4,5)	1.590	1.534	(3,5)	1.033,8	926,3	953,8	(10,4)	(7,7)
PR	515,4	479,7	491,6	(6,9)	(4,6)	1.569	1.509	(3,9)	808,9	723,4	742,3	(10,6)	(8,2)
SC	84,5	72,1	75,2	(14,7)	(11,0)	1.707	1.739	1,9	144,2	125,2	130,9	(13,2)	(9,2)
RS	50,4	52,5	54,5	4,2	8,1	1.601	1.479	(7,6)	80,7	77,7	80,6	(3,7)	(0,1)
NORTE/NORDESTE	1.726,9	1.729,0	1.738,3	0,1	0,7	431	424	(1,7)	744,7	733,1	736,7	(1,6)	(1,1)
CENTRO-SUL	1.606,5	1.508,2	1.544,8	(6,1)	(3,8)	1.680	1.630	(3,0)	2.699,4	2.458,3	2.517,1	(8,9)	(6,8)
BRASIL	3.333,4	3.237,2	3.283,1	(2,9)	(1,5)	1.033	988	(4,3)	3.444,1	3.191,4	3.253,8	(7,3)	(5,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.5. Girassol

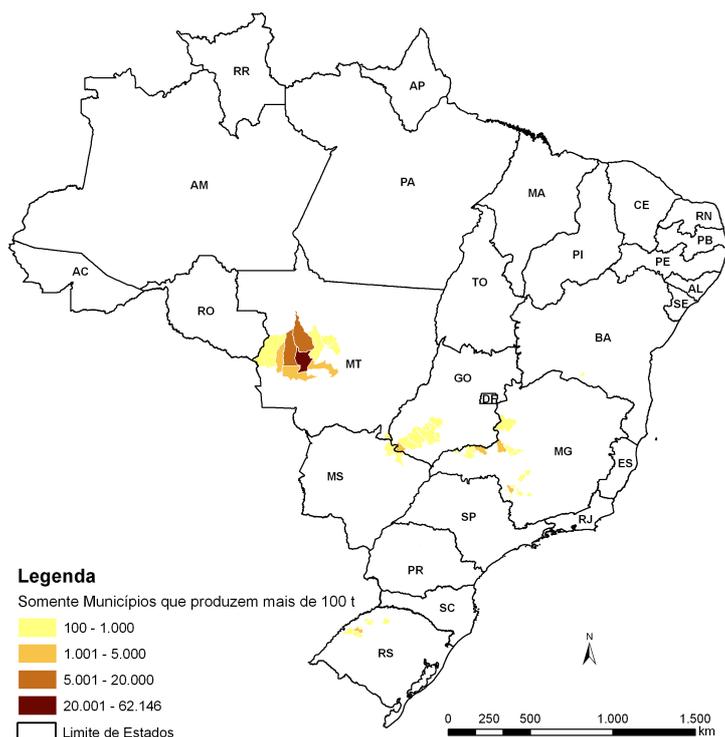
Quadro 8 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							P	P			C	C
BA		P	P			C	C					
Centro-Oeste												
MT					P	P			C	C		
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P			C	C		
Sudeste												
MG						P	P			C	C	
Sul												
RS	P		C	C	C						P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)						
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
CENTRO-OESTE	131,1	131,1	131,1	-	-	1.617	1.428	(11,7)	212,0	187,2	187,2	(11,7)	(11,7)
MT	126,2	126,2	126,2	-	-	1.611	1.428	(11,4)	203,3	180,2	180,2	(11,4)	(11,4)
MS	0,7	0,7	0,7	-	-	1.544	1.316	(14,8)	1,1	0,9	0,9	(18,2)	(18,2)
GO	4,2	4,2	4,2	-	-	1.815	1.455	(19,8)	7,6	6,1	6,1	(19,7)	(19,7)
SUDESTE	11,3	11,3	11,3	-	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	16,4	5,1	5,1
MG	11,3	11,3	11,3	-	-	1.378	1.455	5,6	15,6	16,4	16,4	5,1	5,1
SUL	3,3	3,3	3,3	-	-	1.463	1.390	(5,0)	5,1	4,6	4,6	(9,8)	(9,8)
RS	3,3	3,3	3,3	-	-	1.535	1.390	(9,4)	5,1	4,6	4,6	(9,8)	(9,8)
CENTRO-SUL	145,7	145,7	145,7	-	-	1.597	1.429	(10,5)	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(10,5)
BRASIL	145,7	145,7	145,7	-	-	1.597	1.429	(10,5)	232,7	208,2	208,2	(10,5)	(10,5)

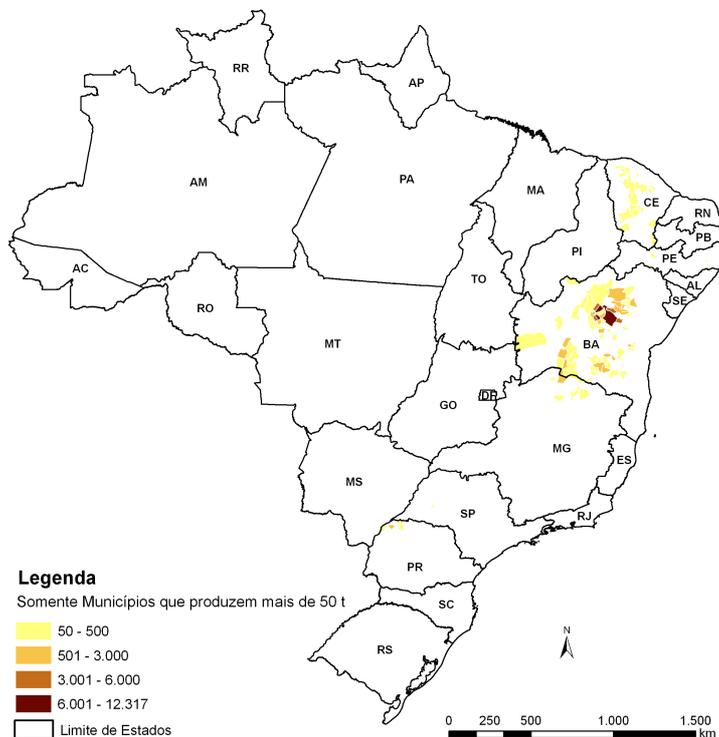
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.6. Mamona

Figura 28 – Mapa da produção agrícola – Mamona

Fonte:



Conab/IBGE.

Quadro 9 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI			P	P					C	C	C	
CE	C					P	P	P		C	C	C
RN								P				C
PE	C			P	P	P	P				C	C
BA	C	P/C	P/C	P						C	C	C
Sudeste												
MG		P	P			C	C	C	C			
SP	P	P	P				C	C				
Sul												
PR				P					C	C		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)				Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)	
NORDESTE	84,4	87,9	98,2	4,1	16,4	436	198	(54,6)	36,8	44,3	49,6	20,4	34,8
PI	1,0	1,0	1,0	-	-	300	389	29,7	0,3	0,4	0,4	33,3	33,3
CE	12,8	12,8	12,8	-	-	284	468	64,8	3,6	6,0	6,0	66,7	66,7
PE	1,4	1,4	1,4	-	-	334	452	35,3	0,5	0,6	0,6	20,0	20,0
BA	69,2	72,7	83,0	5,0	20,0	468	513	9,6	32,4	37,3	42,6	15,1	31,5
SUDESTE	2,1	1,3	1,5	(38,1)	(28,6)	517	387	(25,0)	1,1	1,1	1,3	-	18,2
MG	2,0	1,2	1,4	(40,0)	(30,0)	450	766	70,2	0,9	0,9	1,1	-	22,2
SP	0,1	0,1	0,1	-	-	1.848	1.856	0,4	0,2	0,2	0,2	-	-
SUL	0,9	0,9	0,9	-	-	622	311	(50,0)	0,6	0,6	0,6	-	-
PR	0,9	0,9	0,9	-	-	622	622	-	0,6	0,6	0,6	-	-
NORTE/NORDESTE	84,4	87,9	98,2	4,1	16,4	436	198	(54,6)	36,8	44,3	49,6	20,4	34,8
CENTRO-SUL	3,0	2,2	2,4	(26,7)	(20,0)	548	358	(34,8)	1,7	1,7	1,9	-	11,8
BRASIL	87,4	90,1	100,6	3,1	15,1	440	202	(54,2)	38,5	46,0	51,5	19,5	33,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.7. Milho

10.1.7.1. Milho primeira safra

O comportamento dos preços internacionais de milho no primeiro semestre deste ano apresentava bom suporte, com as cotações na Bolsa de Chicago para os contratos com entrega em julho de 2015, situando-se nos maiores níveis da temporada, no período compreendido entre a segunda quinzena de fevereiro e a segunda quinzena de maio. A partir dessa data, mesmo considerando um forte movimento na demanda internacional, bem aproveitada pelos exportadores norte-americanos e brasileiros, não foi suficiente para frear a forte queda observada nos preços, em função da expectativa daquela ocasião, e agora confirmada, de safra recorde de milho nos Estados Unidos.

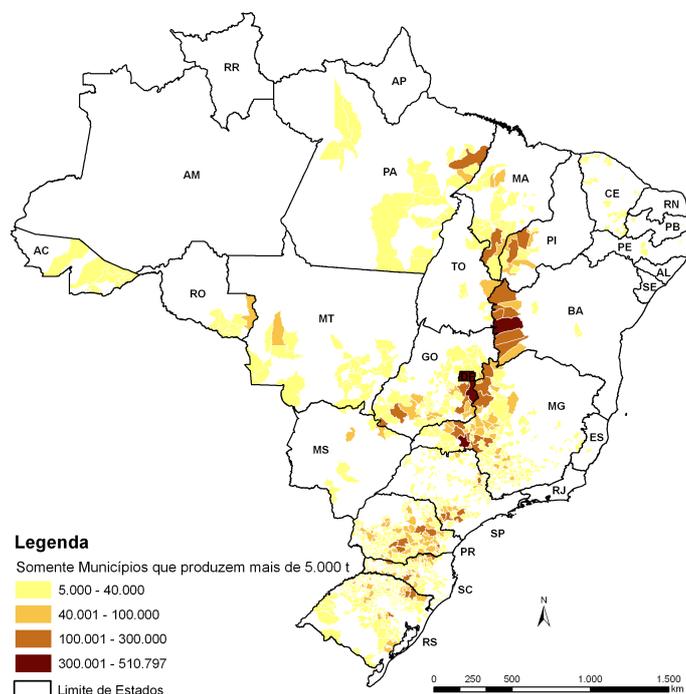
A partir de então, os fatores relevantes que vêm ditando os preços, estão relacionados ao progresso da colheita naquele país, bem como das previsões de clima favorável ao seu avanço, que confirmam a grandiosidade da oferta do cereal, com os seus reflexos nas cotações internacionais. Internamente, o governo brasileiro, através de mecanismos da política de sustentação de renda ao produtor, lançava no mercado os leilões de prêmios equalizadores, na perspectiva de que pudessem auxiliar na diminuição dos excedentes domésticos, atenuando o impacto na redução das cotações, visando impedir que os preços recebidos pelos produtores ficassem abaixo do preço mínimo.

Essas ações não foram suficientes para incentivar o produtor a se lançar no cultivo do cereal, estando previsto forte redução na intenção de plantio do produto da primeira safra para a temporada 2014/15, particularmente, nos importantes estados produtores da Região Sul. No Paraná, a relação mais favorável dos preços de soja em relação ao milho está induzindo a redução no plantio da primeira safra, sendo esperado um decréscimo acentuado, variando de 20 a 10%, quando comparado com o exercício anterior.

No Rio Grande do Sul, a preocupação local em manter o equilíbrio entre oferta e demanda, visto que o consumo médio do estado situa-se em torno de 6 milhões de toneladas, tem contribuído para atenuar a competição por área que a soja exerce nesse período. A semeadura da lavoura teve início em agosto, com aproximadamente 80% da área estimada para o plantio do cereal se encerrando em outubro. Os 20% restantes deverão ser plantados em janeiro de 2015. Chama a atenção, a área prevista a ser semeada com o milho destinado a silagem, devendo superar os 350 mil hectares, cerca

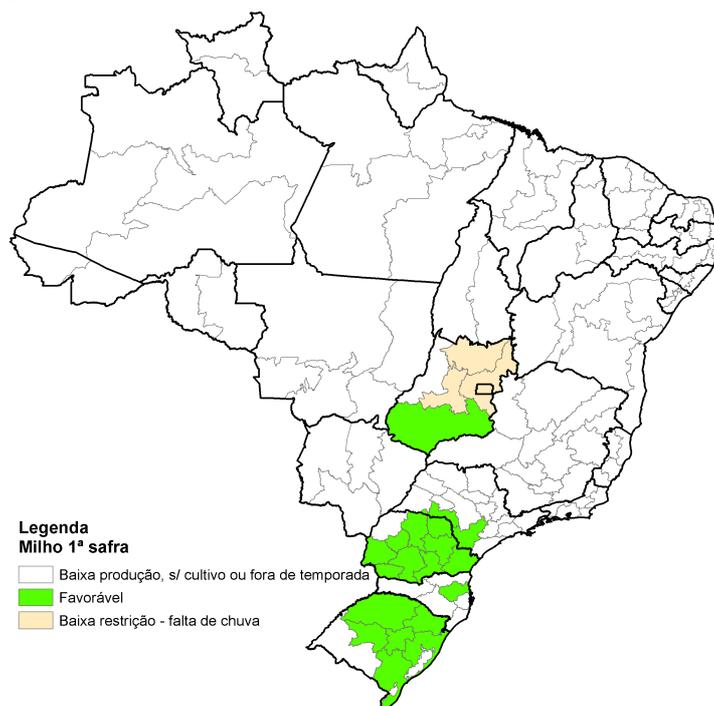
de 35% do plantio estimado para o milho primeira safra no estado.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 30 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 24 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 1ª safra	- todo estado do PR (P) - leste de SC (P) - todo estado do RS (P) - parte do sul de GO (PP) - sul de SP (PP)			- parte do sul e norte de GO (PP) - DF (PP)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 10 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C						P	P	P	
RO	P	P	P		C	C	C	C	C			
AC	P	P	P	P	C	C	C	C	C			
AM	P	P			C	C						
AP			P	P	P		C	C	C			
PA	P	P	P		C	C	C	C	C	C		
TO		P	P		C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA		P	P	P	P			C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE				P	P	P	P	P/C	C	C	C	
RN				P	P	P	P	P/C	C	C	C	C
PB					P	P	P	P	C	C	C	C
PE							P	P	P	C	C	C
BA	P	P	P	P	C	C	C	C	C	C		
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C				
MS	P	P	P		C	C	C					
GO	P	P	P		C	C	C	C	C			
DF	P	P			C	C	C	C				
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C	C			
ES		P	P	P	C	C	C	C	C			
RJ	P	P	P		C	C	C	C	C			
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C			P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, as precipitações que ocorreram regularmente, favoreceram a implantação da cultura cujo período recomendado teve início na segunda quinzena de setembro. A redução na área está relacionada aos elevados custos para implantação das lavouras, maior risco, associado às condições climáticas e ao baixo preço praticado no mercado.

Na Região Norte-Nordeste, a menor redução estimada para o plantio da primeira safra de milho está vinculada à expectativa até certo ponto positiva dos produtores, particularmente, aqueles situados na região do MATOPIBA. Na eventualidade de uma normalização do clima, fenômeno observado nas últimas safras, a possibilidade da região atender prioritariamente a demanda nordestina, cria um atrativo adicional para o cereal, com a expectativa na área plantada variando de -3,6 a 1%, situando-se no intervalo de 3,3 a 3,5 milhões de hectares.

Nesse contexto, a intenção brasileira de plantio do milho primeira safra na temporada 2014/15 deverá situar-se no intervalo de 15,1 a 15,5 milhões de hectares, representando um decréscimo de 4,6 a 1,7%, quando comparado com o observado na atual temporada.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	362,2	358,5	360,8	(1,0)	(0,4)	2.843	2.957	4,0	1.029,7	1.060,9	1.066,4	3,0	3,6
RR	6,5	6,5	6,5	-	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	7,6	26,7	26,7
RO	60,9	60,9	60,9	-	-	2.035	2.164	6,3	123,9	131,8	131,8	6,4	6,4
AC	46,5	42,8	45,1	(8,0)	(3,0)	2.340	2.402	2,6	108,8	102,8	108,3	(5,5)	(0,5)
AM	11,0	11,0	11,0	-	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	29,8	3,1	3,1
AP	2,2	2,2	2,2	-	-	921	979	6,3	2,0	2,2	2,2	10,0	10,0
PA	184,1	184,1	184,1	-	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	555,1	3,4	3,4
TO	51,0	51,0	51,0	-	-	4.378	4.541	3,7	223,3	231,6	231,6	3,7	3,7
NORDESTE	2.113,3	1.993,8	2.148,2	(5,7)	1,7	2.248	2.331	3,7	4.750,0	4.577,1	5.079,5	(3,6)	6,9
MA	379,0	346,4	420,7	(8,6)	11,0	2.266	2.084	(8,0)	858,8	721,9	876,7	(15,9)	2,1
PI	371,6	366,4	392,0	(1,4)	5,5	2.321	2.256	(2,8)	862,5	826,6	884,4	(4,2)	2,5
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	835	892	6,8	401,3	428,7	428,7	6,8	6,8
RN	32,4	32,4	32,4	-	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	15,1	(26,3)	(26,3)
PB	76,6	76,6	76,6	-	-	462	485	5,0	35,4	37,2	37,2	5,1	5,1
PE	228,6	228,6	228,6	-	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	86,4	(8,1)	(8,1)
BA	544,5	462,8	517,3	(15,0)	(5,0)	4.550	5.318	16,9	2.477,5	2.461,2	2.751,0	(0,7)	11,0
CENTRO-OESTE	422,2	353,8	392,1	(16,2)	(7,1)	7.544	7.736	2,6	3.184,9	2.740,9	3.029,4	(13,9)	(4,9)
MT	68,0	68,0	74,8	-	10,0	6.209	6.381	2,8	422,2	433,9	477,3	2,8	13,1
MS	27,0	16,2	18,9	(40,0)	(30,0)	8.350	8.616	3,2	225,5	139,6	162,8	(38,1)	(27,8)
GO	288,2	230,6	259,4	(20,0)	(10,0)	7.500	7.706	2,7	2.161,5	1.777,0	1.998,9	(17,8)	(7,5)
DF	39,0	39,0	39,0	-	-	9.634	10.011	3,9	375,7	390,4	390,4	3,9	3,9
SUDESTE	1.552,0	1.351,7	1.432,3	(12,9)	(7,7)	5.194	5.522	6,3	8.060,9	7.453,3	7.920,3	(7,5)	(1,7)
MG	1.098,0	1.005,8	1.043,1	(8,4)	(5,0)	5.230	5.369	2,7	5.742,5	5.400,1	5.600,4	(6,0)	(2,5)
ES	22,3	21,0	21,6	(6,0)	(3,0)	2.711	2.495	(8,0)	60,5	52,4	53,9	(13,4)	(10,9)
RJ	4,4	4,4	4,4	-	-	2.332	2.324	(0,3)	10,3	10,2	10,2	(1,0)	(1,0)
SP	427,3	320,5	363,2	(25,0)	(15,0)	5.260	6.211	18,1	2.247,6	1.990,6	2.255,8	(11,4)	0,4
SUL	2.168,3	1.840,8	2.010,3	(15,1)	(7,3)	6.746	6.183	(8,4)	14.627,4	11.368,0	12.441,7	(22,3)	(14,9)
PR	665,2	532,2	598,7	(20,0)	(10,0)	8.156	7.851	(3,7)	5.425,4	4.178,3	4.700,4	(23,0)	(13,4)
SC	471,9	401,1	424,7	(15,0)	(10,0)	7.385	6.739	(8,7)	3.485,0	2.703,0	2.862,1	(22,4)	(17,9)
RS	1.031,2	907,5	986,9	(12,0)	(4,3)	5.544	4.944	(10,8)	5.717,0	4.486,7	4.879,2	(21,5)	(14,7)
NORTE/NORDESTE	2.475,5	2.352,3	2.509,0	(5,0)	1,4	2.335	2.424	3,8	5.779,7	5.638,0	6.145,9	(2,5)	6,3
CENTRO-SUL	4.142,5	3.546,3	3.834,7	(14,4)	(7,4)	6.246	6.090	(2,5)	25.873,2	21.562,2	23.391,4	(16,7)	(9,6)
BRASIL	6.618,0	5.898,6	6.343,7	(10,9)	(4,1)	4.783	4.635	(3,1)	31.652,9	27.200,2	29.537,3	(14,1)	(6,7)

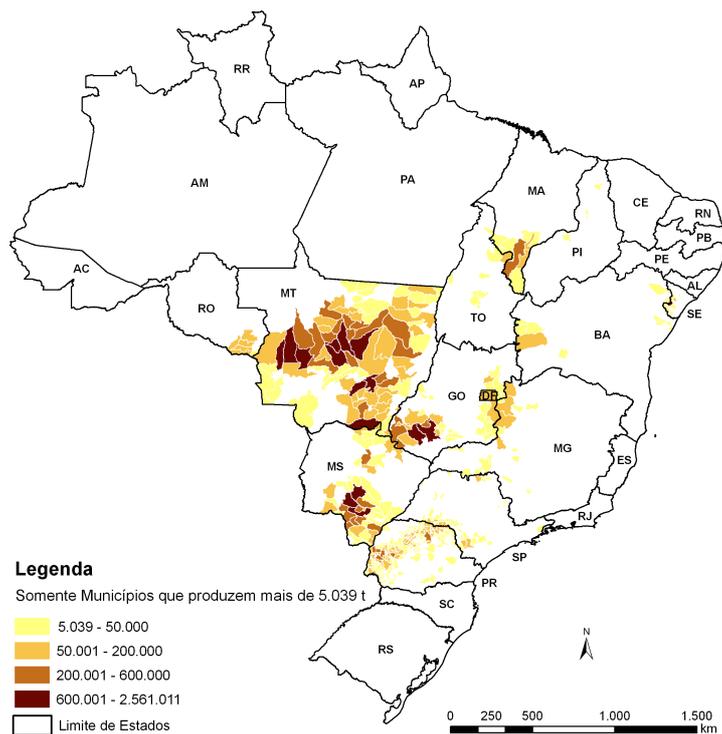
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.7.2. Milho segunda safra

Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas para este produto, foram repetidas as informações relativas às áreas estaduais da safra anterior. Com relação à produtividade, a Conab estará utilizando, a partir dessa temporada, uma nova metodologia que contempla as especificidades dos diversos produtos e na aplicação de um rendimento médio baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. O método se encontra no item produtividade deste boletim.

Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 32 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 26 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra Safra 13/14			- todo estado de SE (C) - todo estado de AL (C) - nordeste da BA (C) - centro-leste de PE (C)	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

A estimativa total da área de milho para a temporada 2014/15, contemplando-se tanto a primeira quanto a segunda safra, nessa primeira intenção de plantio, apontou para uma redução variando de -4,6 a -1,7%, quando comparado com o exercício passado, situando o total da área plantada entre 15,1 a 15,5 milhões de hectares. A depender das condições do clima que irão homologar ou não, as produtividades estimadas, prevê-se uma redução na produção variando de -4,1 a -1,2%, totalizando um intervalo de 76,6 a 78,9 milhões de toneladas.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)				PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)					
	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14	Safra 14/15	VAR. %	Safra 13/14	Safra 14/15		VAR. %	
	(a)	Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	189,3	189,3	189,3	-	-	4.183	4.183	-	791,8	791,8	791,8	-	-
RO	88,4	88,4	88,4	-	-	3.751	3.751	-	331,6	331,6	331,6	-	-
TO	100,9	100,9	100,9	-	-	4.561	4.561	-	460,2	460,2	460,2	-	-
NORDESTE	786,4	786,4	786,4	-	-	3.592	3.624	0,9	2.824,5	2.850,0	2.850,0	0,9	0,9
MA	227,4	227,4	227,4	-	-	3.813	3.813	-	867,1	867,1	867,1	-	-
PI	33,4	33,4	33,4	-	-	4.998	4.998	-	166,9	166,9	166,9	-	-
AL	31,0	31,0	31,0	-	-	887	887	-	27,5	27,5	27,5	-	-
SE	226,6	226,6	226,6	-	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	1.058,2	-	-
BA	268,0	268,0	268,0	-	-	2.630	2.725	3,6	704,8	730,3	730,3	3,6	3,6
CENTRO-OESTE	5.751,5	5.751,5	5.751,5	-	-	5.516	5.714	3,6	31.722,5	32.864,1	32.864,1	3,6	3,6
MT	3.230,2	3.230,2	3.230,2	-	-	5.457	5.632	3,2	17.627,2	18.192,5	18.192,5	3,2	3,2
MS	1.519,0	1.519,0	1.519,0	-	-	5.140	5.408	5,2	7.807,7	8.214,8	8.214,8	5,2	5,2
GO	952,3	952,3	952,3	-	-	6.130	6.321	3,1	5.837,6	6.019,5	6.019,5	3,1	3,1
DF	50,0	50,0	50,0	-	-	9.000	8.747	(2,8)	450,0	437,4	437,4	(2,8)	(2,8)
SUDESTE	554,5	554,5	554,5	-	-	4.810	4.976	3,4	2.667,4	2.759,3	2.759,3	3,4	3,4
MG	228,0	228,0	228,0	-	-	5.265	5.542	5,3	1.200,4	1.263,6	1.263,6	5,3	5,3
SP	326,5	326,5	326,5	-	-	4.493	4.581	2,0	1.467,0	1.495,7	1.495,7	2,0	2,0
SUL	1.901,0	1.901,0	1.901,0	-	-	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	10.145,6	10.145,6	(1,0)	(1,0)
PR	1.901,0	1.901,0	1.901,0	-	-	5.390	5.337	(1,0)	10.246,4	10.145,6	10.145,6	(1,0)	(1,0)
NORTE/NORDESTE	975,7	975,7	975,7	-	-	3.706	3.733	0,7	3.616,3	3.641,8	3.641,8	0,7	0,7
CENTRO-SUL	8.207,0	8.207,0	8.207,0	-	-	5.439	5.577	2,5	44.636,3	45.769,0	45.769,0	2,5	2,5
BRASIL	9.182,7	9.182,7	9.182,7	-	-	5.255	5.381	2,4	48.252,6	49.410,8	49.410,8	2,4	2,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Quadro 11 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

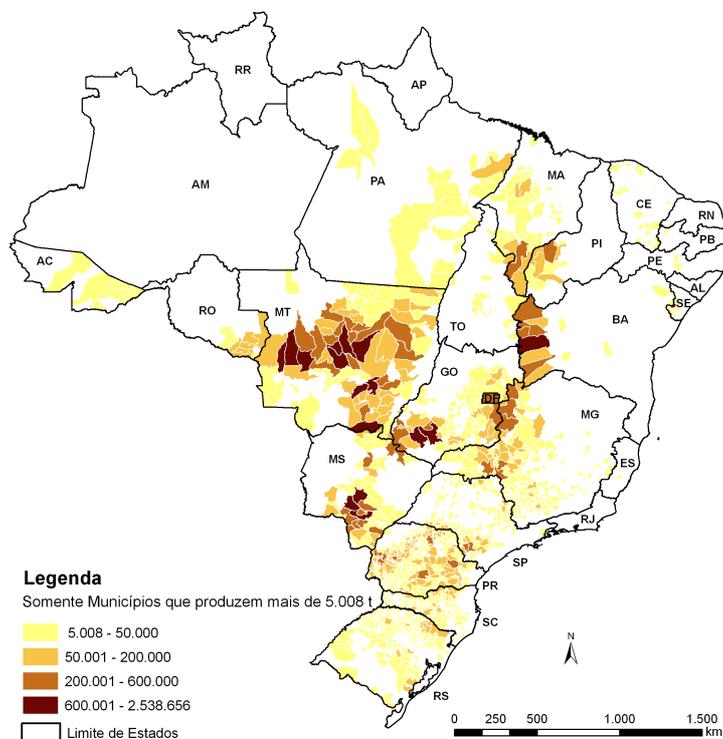
UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C						P	P	P		C	C
RO				P	P	P			C	C	C	
AM							P	P			C	C
TO					P	P				C		
Nordeste												
MA					P	P			C	C		
PI					P	P	P	C	C	C		
PE	C	C					P	P	P	P	C	C
AL	C	C					P	P	P	P	C	C
SE	C	C						P	P	P	C	C
BA	C	C	C					P	P	P		C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P			C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P			C	C	C	
SP				P	P	P		C	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

10.1.7.3. Milho total

Figura 33 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total (primeira e segunda safras)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safra 13/14 (a)	Safra 14/15		VAR. %		Safra 13/14 (d)	Safra 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safra 13/14 (f)	Safra 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	551,5	547,8	550,1	(0,7)	(0,3)	3.303	3.380	2,3	1.821,5	1.852,7	1.858,2	1,7	2,0
RR	6,5	6,5	6,5	-	-	923	1.174	27,2	6,0	7,6	7,6	26,7	26,7
RO	149,3	149,3	149,3	-	-	3.051	3.104	1,7	455,5	463,4	463,4	1,7	1,7
AC	46,5	42,8	45,1	(8,0)	(3,0)	2.340	2.402	2,6	108,8	102,8	108,3	(5,5)	(0,5)
AM	11,0	11,0	11,0	-	-	2.627	2.709	3,1	28,9	29,8	29,8	3,1	3,1
AP	2,2	2,2	2,2	-	-	921	979	6,3	2,0	2,2	2,2	10,0	10,0
PA	184,1	184,1	184,1	-	-	2.916	3.015	3,4	536,8	555,1	555,1	3,4	3,4
TO	151,9	151,9	151,9	-	-	4.500	4.554	1,2	683,5	691,8	691,8	1,2	1,2
NORDESTE	2.899,7	2.780,2	2.934,6	(4,1)	1,2	2.612	2.687	2,9	7.574,5	7.427,1	7.929,5	(1,9)	4,7
MA	606,4	573,8	648,1	(5,4)	6,9	2.846	2.728	(4,2)	1.725,9	1.589,0	1.743,8	(7,9)	1,0
PI	405,0	399,8	425,4	(1,3)	5,0	2.542	2.478	(2,5)	1.029,4	993,5	1.051,3	(3,5)	2,1
CE	480,6	480,6	480,6	-	-	835	892	6,8	401,3	428,7	428,7	6,8	6,8
RN	32,4	32,4	32,4	-	-	633	465	(26,5)	20,5	15,1	15,1	(26,3)	(26,3)
PB	76,6	76,6	76,6	-	-	462	485	5,0	35,4	37,2	37,2	5,1	5,1
PE	228,6	228,6	228,6	-	-	411	378	(8,0)	94,0	86,4	86,4	(8,1)	(8,1)
AL	31,0	31,0	31,0	-	-	887	887	-	27,5	27,5	27,5	-	-
SE	226,6	226,6	226,6	-	-	4.670	4.670	-	1.058,2	1.058,2	1.058,2	-	-
BA	812,5	730,8	785,3	(10,1)	(3,3)	3.917	4.401	12,4	3.182,3	3.191,5	3.481,3	0,3	9,4
CENTRO-OESTE	6.173,7	6.105,3	6.143,6	(1,1)	(0,5)	5.654	5.837	3,2	34.907,3	35.605,0	35.893,6	2,0	2,8
MT	3.298,2	3.298,2	3.305,0	-	0,2	5.473	5.648	3,2	18.049,4	18.626,4	18.669,8	3,2	3,4
MS	1.546,0	1.535,2	1.537,9	(0,7)	(0,5)	5.196	5.445	4,8	8.033,1	8.354,3	8.377,6	4,0	4,3
GO	1.240,5	1.182,9	1.211,7	(4,6)	(2,3)	6.448	6.604	2,4	7.999,1	7.796,5	8.018,4	(2,5)	0,2
DF	89,0	89,0	89,0	-	-	9.278	9.301	0,2	825,7	827,8	827,8	0,3	0,3
SUDESTE	2.106,5	1.906,2	1.986,8	(9,5)	(5,7)	5.093	5.367	5,4	10.728,4	10.212,6	10.679,6	(4,8)	(0,5)
MG	1.326,0	1.233,8	1.271,1	(7,0)	(4,1)	5.236	5.400	3,1	6.943,0	6.663,7	6.864,0	(4,0)	(1,1)
ES	22,3	21,0	21,6	(5,8)	(3,1)	2.711	2.495	(8,0)	60,5	52,4	53,9	(13,4)	(10,9)
RJ	4,4	4,4	4,4	-	-	2.332	2.324	(0,3)	10,3	10,2	10,2	(1,0)	(1,0)
SP	753,8	647,0	689,7	(14,2)	(8,5)	4.928	5.415	9,9	3.714,6	3.486,3	3.751,5	(6,1)	1,0
SUL	4.069,3	3.741,8	3.911,3	(8,0)	(3,9)	6.113	5.762	(5,7)	24.873,8	21.513,6	22.587,3	(13,5)	(9,2)
PR	2.566,2	2.433,2	2.499,7	(5,2)	(2,6)	6.107	5.913	(3,2)	15.671,8	14.323,9	14.846,0	(8,6)	(5,3)
SC	471,9	401,1	424,7	(15,0)	(10,0)	7.385	6.739	(8,7)	3.485,0	2.703,0	2.862,1	(22,4)	(17,9)
RS	1.031,2	907,5	986,9	(12,0)	(4,3)	5.544	4.944	(10,8)	5.717,0	4.486,7	4.879,2	(21,5)	(14,7)
NORTE/NORDESTE	3.451,2	3.328,0	3.484,7	(3,6)	1,0	2.723	2.799	2,8	9.396,0	9.279,8	9.787,7	(1,2)	4,2
CENTRO-SUL	12.349,5	11.753,3	12.041,7	(4,8)	(2,5)	5.709	5.736	0,5	70.509,5	67.331,2	69.160,5	(4,5)	(1,9)
BRASIL	15.800,7	15.081,3	15.526,4	(4,6)	(1,7)	5.057	5.082	0,5	79.905,5	76.611,0	78.948,2	(4,1)	(1,2)

Fonte: Conab.

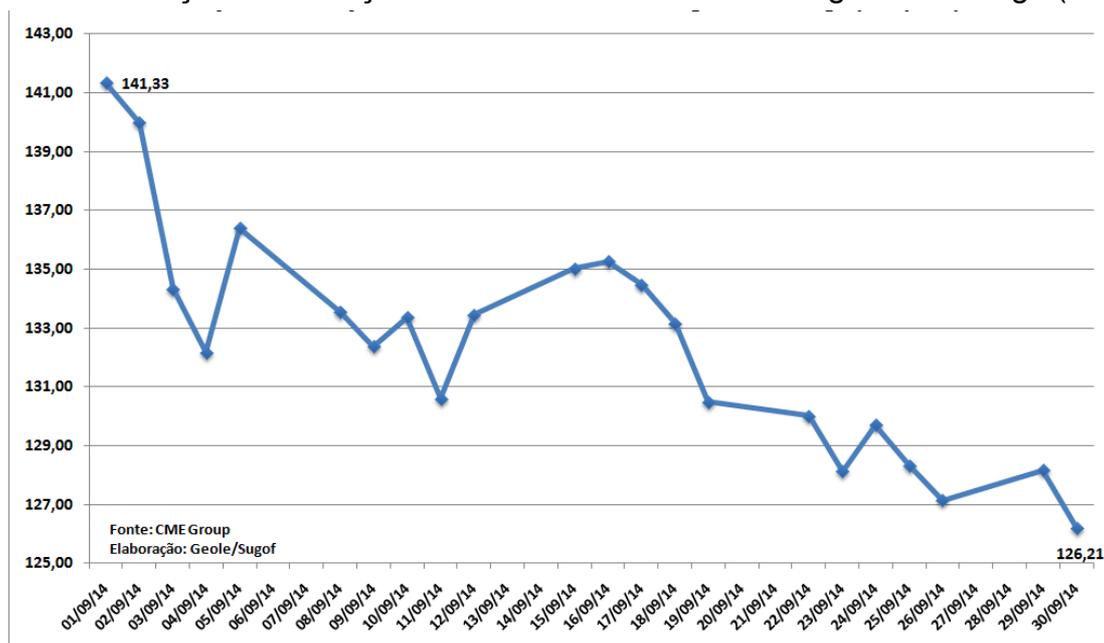
Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.7.4. Oferta e demanda

As cotações de milho na Bolsa de Chicago sofreram fortes quedas ao longo do de setembro, visto que o excesso de oferta do grão advindo de uma excelente safra nos Estados Unidos, cerca de 365,7 milhões de toneladas, de acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) foi o principal fundamento baixista do mês, não havendo outros que pudessem causar um movimento contrário nos preços internacionais.

Assim, as cotações que iniciaram o mês em US\$ 3,59/bushel (US\$ 141,33/ton) despencaram para US\$ 3,20/bushel (US\$ 126,31/ton).

Gráfico 23 – Evolução das cotações de milho na Bolsa de Chicago – 1ª entrega (US\$/t)

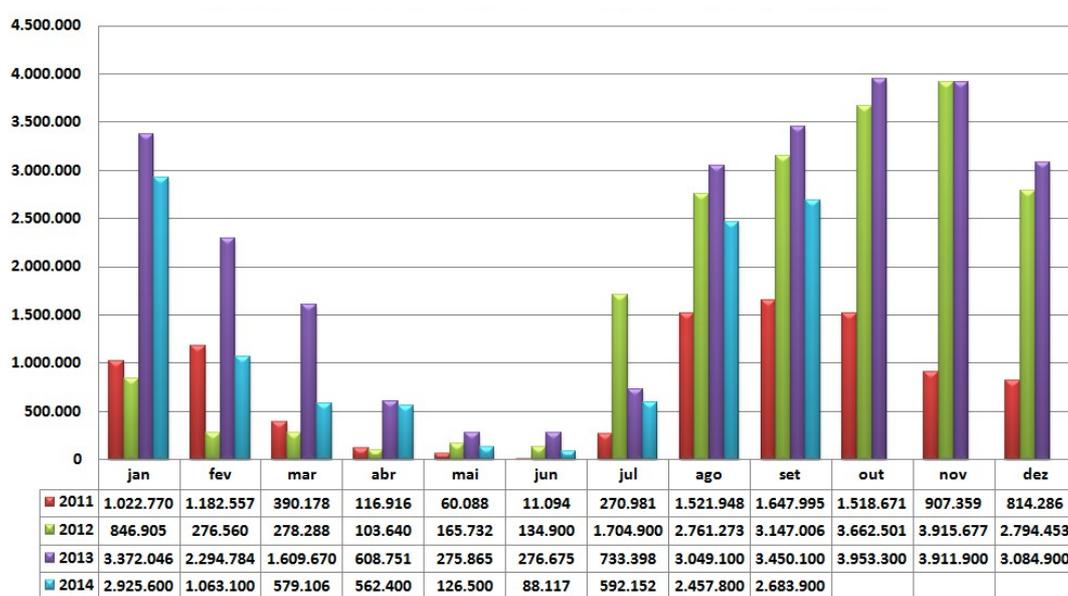


Mesmo com uma redução na produção chinesa – de 222 para 217 milhões de toneladas – devido à seca que atingiu a China nos últimos meses, o excesso de oferta não permitiu recuperação nos preços.

Evidentemente que esta queda das cotações em Chicago prejudicou bastante o andamento das exportações de milho do Brasil, já que nessas condições a paridade de exportação não se torna atrativa ao produtor nacional que tem preferido reter o milho, dispondo, inclusive, de silos bag para armazenamento da produção.

Nesse sentido, a exportação de setembro chegou a 2,7 milhões de toneladas, ou seja, aquém do que se esperava, ficando 22,28% abaixo do registrado em setembro de 2013.

Gráfico 24 – Exportações brasileiras de milho de jan/2011 a set/2014 (toneladas)



Fonte: SECEX

Este cenário levou à alteração da expectativa de exportação de milho para a safra 2013/14, de 21 para 19,5 milhões de toneladas, considerando, ainda, a expectativa do mercado diante dos line ups dos portos, variando entre 2,5 e 3 milhões de toneladas por mês até janeiro de 2015, isto por que a alta do dólar tem favorecido um pouco este movimento exportador e os Estados Unidos enfrentando dificuldade na colheita, devido ao clima frio de parte do Cinturão do Milho, bem como a possibilidade de estrangulamento logístico diante desta super safra, tanto de milho, quanto de soja, vez que o Rio Mississipi, principal via de escoamento do país, também serve para escoar outros produtos, tais como o petróleo.

Em relação ao mercado interno, destaca-se a diminuição da área da primeira safra de 2014/15 – fato que já era previsto – podendo ficar abaixo de 30 milhões de toneladas, devido à diminuição da área plantada, já que os preços internos permanecem baixos e sem expectativas de recuperação no curto prazo.

Para 2014/15 há uma expectativa de aumento do consumo interno em torno de 2% apenas, chegando a 55 milhões de toneladas, já que o setor de produção animal ainda não está refletindo os embargos da Rússia em relação às relações comerciais com os Estados Unidos e Europa.

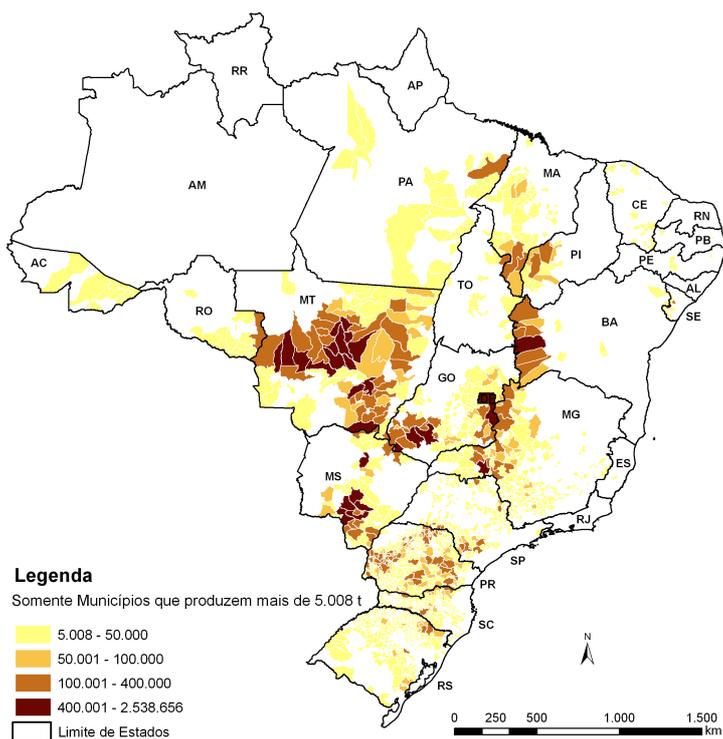
Contudo, diante de tal cenário, os estoques finais, tanto da safra 2013/14 quanto da 2014/15, deverão permanecer altos, exercendo influência sobre as cotações domésticas, e podendo, por consequência, influenciar na tomada de decisão do produtor no plantio do milho segunda safra, vez que tal informação somente será percebida a partir do quint levantamento da safra 2014/15.

10.1.8. Soja

Os produtos agrícolas, de uma maneira geral, encerraram em setembro com uma forte redução dos seus preços nos mercados futuros, sendo acompanhados no mercado interno, num momento de coincidência com o período de plantio da safra 2014/15 na Região Centro-Sul, principal produtora do país. Os preços em Chicago para contratos futuros a ser entregues em meados de março de 2015, variaram positivamente, do final de fevereiro até junho deste ano. No entanto, a partir desse período, houve uma forte redução das cotações em função da oferta americana, quando cristalizou-se a certeza na dimensão da sua safra de grãos, afastando em definitivo, a expectativa de eventuais problemas na oferta, decorrente de riscos climáticos.

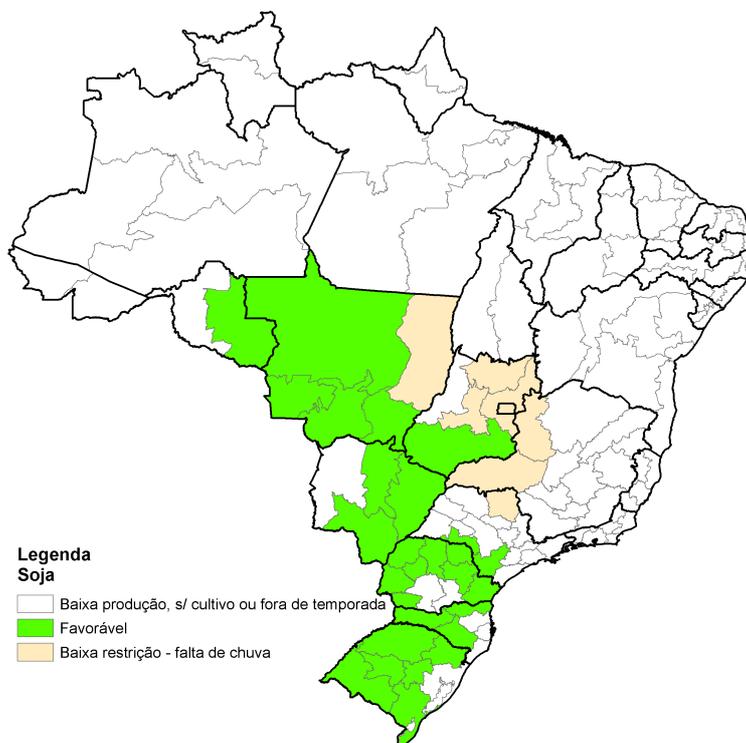
Além do impacto causado na expectativa do produtor brasileiro em continuar aumentando a área plantada em cerca de 3,5% com a oleaginosa, contra uma média de 6% da safra 2000/01 até agora, este quadro está criando um complicador para o cenário da comercialização. Neste mesmo período, em anos normais, as vendas antecipadas, que representam uma importante estratégia adotada pelo produtor no cadenciamento das suas vendas, situavam-se em média, no intervalo entre 25 e 30% do total da safra e nesta temporada até essa data, atingem no máximo 10%. A possibilidade de que essas vendas se concentrem com a proximidade da colheita, está sendo visto com preocupação pelos agentes de mercado.

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 35 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 29 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- leste de RO (PP) - sul de SP, exceto norte (PP) - todo estado do PR (P) - todo estado de SC (PP) - todo estado do RS (PP) - parte do norte e sul de MT (PP) - todo estado de MS (PP) - parte do sul de GO (PP)			- Triângulo e noroeste de MG (PP) - norte de SP (PP) - parte do norte, do sul e nordeste do MT (PP) - norte e parte do sul de GO (PP) - DF (PP)

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Região Centro-Sul

Apesar de nesse momento, os preços não apresentarem bom suporte para a safra que será iniciada, os produtores consideram que o plantio da oleaginosa ainda é a melhor opção, frente às demais concorrentes. Colocam como atrativo, uma certa manutenção dos valores relacionados aos custos de produção, capitaneada pelo comportamento dos preços dos fertilizantes, oportunidade bastante aproveitada pelos produtores, que providenciaram um grande volume de compras antecipadas, nesse primeiro semestre. Adicionalmente, o dólar continua apresentando valorização ante o real, tornando a queda observada nos preços internos mais amena do que nas cotações internacionais do produto. Esses fatos deverão contribuir para o incremento do plantio, representado pela anexação de áreas outrora destinadas para o milho, feijão cores e pastagens.

De uma maneira geral, as chuvas iniciadas na primeira quinzena de setembro, nos estados da Região Sul, já possibilitaram o adiantamento no calendário de plantio em importantes áreas de produção. Fato idêntico se observa nos estados do Centro-Oeste, com a incidência de chuvas também nesse período, mas especialmente, devido ao aumento do plantio da oleaginosa sob pivô, em função do solo ainda não se apresentar totalmente apto para o plantio em todas as regiões do estado. Esse cenário no Mato Grosso fez com que o mês de setembro apresentasse o maior incremento de área semeada nos últimos anos. São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul são os que apresentam as maiores intenções de aumento. Para a Região Centro-Sul, a área estimada na primeira intenção de plantio da safra 2014/15, deverá situar-se no intervalo de crescimento variando de 1,1% a 5,1%, atingindo o montante de 26,7 a 27,7 milhões de hectares.

Região Norte-Nordeste

O plantio da safra 2014/15 na região só deverá ocorrer a partir de dezembro, com o início do período chuvoso. A safra recentemente colhida foi obtida dentro de um quadro climático bastante melhorado, quando comparado com o observado nas últimas três safras, e este desempenho, tem servido de estímulo ao produtor local, que pretende ampliar sua área plantada. Na região do MATOPIBA, a prática produtiva se inicia com a produção de arroz como forma de correção do solo para posterior plantio da soja. No entanto, desde a safra passada, mesmo nas áreas novas, observa-se entre a maioria dos produtores o plantio direto com a oleaginosa. Nessas regiões é onde acontecerá o maior incremento na intenção de plantio da nova safra para a Região Norte-Nordeste, com as expectativas situando-se nos intervalos de 3,6 a 8,4%, atingindo uma área que irá variar de 3,9 a 4,1 milhões de hectares.

O somatório dessas expectativas indica para a oleaginosa uma continuada tendência de crescimento da área plantada no Brasil, situando-se no intervalo de 1,4 a

5,5%, que irá proporcionar um montante variando de 30,6 a 31,8 milhões de hectares.

Quadro 12 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR								P	P			C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA		P	P	P	C	C	C	C				
PI		P	P	P	C	C	C	C				
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C					
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C	C				P
SC	P	P	P	P	C	C	C	C				
RS	P	P	P		C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14 (d)	Safr 14/15 (e)	VAR. % (e/d)	Safr 13/14 (f)	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)					Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	1.178,9	1.192,1	1.237,2	1,1	4,9	2.877	3.151	9,5	3.391,3	3.756,2	3.898,8	10,8	15,0
RR	18,0	18,0	18,0	-	-	3.120	2.798	(10,3)	56,2	50,4	50,4	(10,3)	(10,3)
RO	191,1	196,8	204,5	3,0	7,0	3.180	3.349	5,3	607,7	659,1	684,9	8,5	12,7
PA	221,4	221,4	221,4	-	-	3.020	3.102	2,7	668,6	686,8	686,8	2,7	2,7
TO	748,4	755,9	793,3	1,0	6,0	2.751	3.122	13,5	2.058,8	2.359,9	2.476,7	14,6	20,3
NORDESTE	2.602,2	2.724,6	2.861,8	4,7	10,0	2.544	2.814	10,6	6.620,9	7.663,2	8.055,2	15,7	21,7
MA	662,2	668,8	715,2	1,0	8,0	2.754	3.068	11,4	1.823,7	2.051,9	2.194,2	12,5	20,3
PI	627,3	677,5	702,6	8,0	12,0	2.374	2.464	3,8	1.489,2	1.669,4	1.731,2	12,1	16,3
BA	1.312,7	1.378,3	1.444,0	5,0	10,0	2.520	2.860	13,5	3.308,0	3.941,9	4.129,8	19,2	24,8
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.144,5	14.596,4	1,7	4,9	3.005	3.100	3,2	41.800,5	43.855,6	45.253,6	4,9	8,3
MT	8.615,7	8.788,0	9.046,5	2,0	5,0	3.069	3.128	1,9	26.441,6	27.488,9	28.297,5	4,0	7,0
MS	2.120,0	2.151,8	2.236,6	1,5	5,5	2.900	2.974	2,6	6.148,0	6.399,5	6.651,6	4,1	8,2
GO	3.101,7	3.132,7	3.241,3	1,0	4,5	2.900	3.106	7,1	8.994,9	9.730,2	10.067,5	8,2	11,9
DF	72,0	72,0	72,0	-	-	3.000	3.291	9,7	216,0	237,0	237,0	9,7	9,7
SUDESTE	1.989,9	2.029,7	2.127,0	2,0	6,9	2.520	2.971	17,9	5.015,3	6.029,0	6.320,4	20,2	26,0
MG	1.238,2	1.263,0	1.300,1	2,0	5,0	2.687	2.933	9,2	3.327,0	3.704,4	3.813,2	11,3	14,6
SP	751,7	766,7	826,9	2,0	10,0	2.246	3.032	35,0	1.688,3	2.324,6	2.507,2	37,7	48,5
SUL	10.492,7	10.509,0	11.014,3	0,2	5,0	2.792	2.621	(6,1)	29.292,8	27.530,6	28.878,2	(6,0)	(1,4)
PR	5.010,4	5.010,4	5.291,0	-	5,6	2.950	2.905	(1,5)	14.780,7	14.555,2	15.370,4	(1,5)	4,0
SC	542,7	559,0	586,1	3,0	8,0	3.030	2.826	(6,7)	1.644,4	1.579,7	1.656,3	(3,9)	0,7
RS	4.939,6	4.939,6	5.137,2	-	4,0	2.605	2.307	(11,4)	12.867,7	11.395,7	11.851,5	(11,4)	(7,9)
NORTE/NORDESTE	3.781,1	3.916,7	4.099,0	3,6	8,4	2.648	2.916	10,1	10.012,2	11.419,4	11.954,0	14,1	19,4
CENTRO-SUL	26.392,0	26.683,2	27.737,7	1,1	5,1	2.884	2.901	0,6	76.108,6	77.415,2	80.452,2	1,7	5,7
BRASIL	30.173,1	30.599,9	31.836,7	1,4	5,5	2.854	2.903	1,7	86.120,8	88.834,6	92.406,2	3,2	7,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.1.8.1. Oferta e demanda

Em setembro o Departamento de Agricultura Americano (USDA) divulgou que a produção de soja em grãos nos Estados Unidos seria de 106,49 milhões de toneladas, ou seja, 15,95% maior que da safra anterior, e que os estoques finais deste país seriam de 12,93 milhões de toneladas; o maior dos últimos 10 anos.

Com isto, os preços primeira entrega (spot) na Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT) que estavam cotados acima de UScents 1.200/bu (US\$ 440,92/t), até agosto, em setembro chegaram a UScents 910,20 (US\$ 334,44/t), menor valor desde fevereiro de 2010.

Os preços futuros para março de 2015 também estão na faixa dos UScents 935,69/bu (US\$ 343,81/t) levando a acreditar que os preços futuros para este período devem ser superiores aos praticados em setembro de 2014.

O mercado nacional, apesar da baixa nos preços internos da saca de 60kg, não teve desvalorização igual ao mercado internacional, devido à alta do dólar frente ao real e o pouco produto no mercado interno.

As exportações brasileiras de soja em grão, segundo a Secretaria do Comércio Exterior (Secex) ficaram em aproximadamente 2,67 milhões de toneladas e a um valor médio de US\$ 518,4/t, ou seja, 2,89% menor que o mesmo período do ano passado (US\$ 533,7/t).

Para a próxima safra, a Conab vislumbra uma produção média de 90,62 milhões de toneladas. Já para 2015 a perspectiva é de que o consumo interno total de grãos seja de 42,2 milhões de toneladas, com aumento de aproximadamente 5,4% em relação ao consumo do ano de 2014, devido aos baixos preços nacionais estimados, em função do aumento dos percentuais de biodiesel de 5% para 6% em julho e 7% em setembro deste exercício e aos baixos preços internacionais.

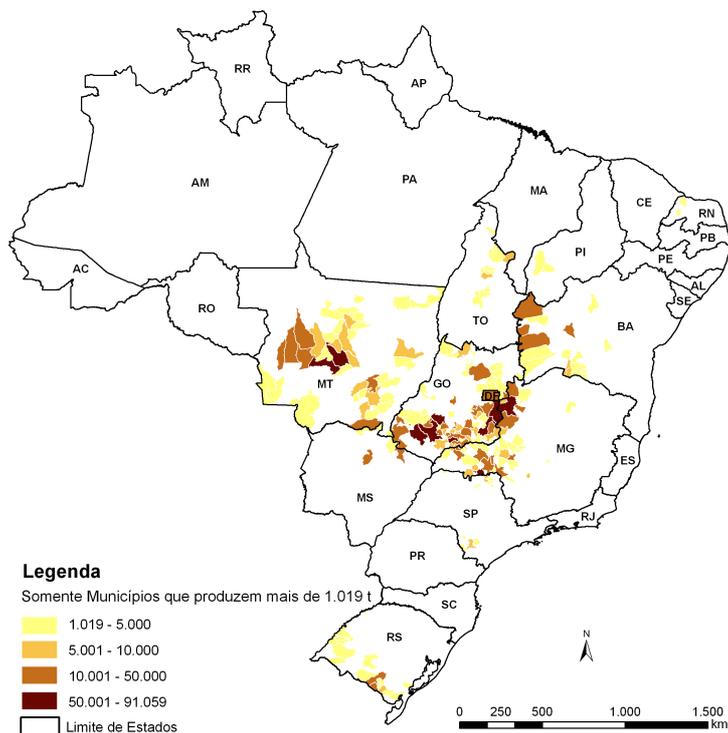
Apesar dos baixos preços no mercado de futuro, as exportações brasileiras de soja em grãos para 2015 foram estimadas em 48,5 milhões de toneladas; um crescimento de 4% em relação à safra anterior. Este aumento advém de um crescimento das importações chinesas estimado em aproximadamente 74 milhões de toneladas para o próximo ano. Os estoques de passagem foram estimados em 1,59 milhões de toneladas para safra 2014/15.

Com o aumento dos esmagamentos nacionais, a perspectiva é de que a produção de farelo de soja seja de aproximadamente 30 milhões de toneladas, com um consumo interno de 14,5 milhões de toneladas, uma exportação de 14 milhões de toneladas e um estoque de passagem de aproximadamente 3 milhões de toneladas.

Finalmente, para o óleo de soja, a estimativa é de uma produção de 7,6 milhões de toneladas, um consumo interno de 6,1 milhões toneladas e exportação de 1,3 milhões de toneladas.

10.1.9. Sorgo

Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			P	P			C					
Nordeste												
PI			P				C					
CE				P	P	P		C	C			
RN				P	P	P		C	C	C		
PB				P	P	P		C	C			
PE					P	P	P	P	C	C	C	C
BA		P	P	P			C	C	C			
Centro-Oeste												
MT					P	P	P		C	C	C	
MS					P	P	P		C	C	C	
GO					P	P	P		C	C	C	
DF						P	P		C	C	C	
Sudeste												
MG					P	P	P		C	C	C	
SP					P	P	P		C	C	C	C
Sul												
RS	P	P	P	P	C	C	C	C				

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)					PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)				
	Safr 13/14 (a)	Safr 14/15		VAR. %		Safr 13/14	Safr 14/15	VAR. %	Safr 13/14	Safr 14/15		VAR. %	
		Lim Inf (b)	Lim Sup (c)	(b/a)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	Lim Inf (g)	Lim Sup (h)	(g/f)	(h/f)
NORTE	20,4	20,4	20,4	-	-	1.880	1.931	2,7	38,4	39,4	39,4	2,6	2,6
TO	20,4	20,4	20,4	-	-	1.880	1.931	2,7	38,4	39,4	39,4	2,6	2,6
NORDESTE	148,7	148,7	148,7	-	-	922	938	1,7	137,0	139,4	139,4	1,8	1,8
PI	7,7	7,7	7,7	-	-	1.819	1.176	(35,3)	14,0	9,1	9,1	(35,0)	(35,0)
CE	0,7	0,7	0,7	-	-	2.442	1.489	(39,0)	1,7	1,0	1,0	(41,2)	(41,2)
RN	1,2	1,2	1,2	-	-	955	921	(3,6)	1,1	1,1	1,1	-	-
PB	0,2	0,2	0,2	-	-	1.500	1.012	(32,5)	0,3	0,2	0,2	(33,3)	(33,3)
PE	1,8	1,8	1,8	-	-	560	820	46,4	1,0	1,5	1,5	50,0	50,0
BA	137,1	137,1	137,1	-	-	867	923	6,5	118,9	126,5	126,5	6,4	6,4
CENTRO-OESTE	363,7	363,7	363,7	-	-	3.096	3.008	(2,8)	1.126,0	1.094,0	1.094,0	(2,8)	(2,8)
MT	139,5	139,5	139,5	-	-	2.526	2.406	(4,8)	352,4	335,6	335,6	(4,8)	(4,8)
MS	9,1	9,1	9,1	-	-	3.300	2.894	(12,3)	30,0	26,3	26,3	(12,3)	(12,3)
GO	206,9	206,9	206,9	-	-	3.420	3.398	(0,6)	707,6	703,0	703,0	(0,7)	(0,7)
DF	8,2	8,2	8,2	-	-	4.392	3.551	(19,1)	36,0	29,1	29,1	(19,2)	(19,2)
SUDESTE	183,0	183,0	183,0	-	-	3.003	2.990	(0,4)	549,6	547,1	547,1	(0,5)	(0,5)
MG	170,2	170,2	170,2	-	-	2.974	2.975	0,1	506,1	506,3	506,3	-	-
SP	12,8	12,8	12,8	-	-	3.400	3.191	(6,1)	43,5	40,8	40,8	(6,2)	(6,2)
SUL	15,2	15,2	15,2	-	-	2.645	2.249	(15,0)	40,2	34,2	34,2	(14,9)	(14,9)
RS	15,2	15,2	15,2	-	-	2.645	2.249	(15,0)	40,2	34,2	34,2	(14,9)	(14,9)
NORTE/NORDESTE	169,1	169,1	169,1	-	-	1.037	1.057	2,0	175,4	178,8	178,8	1,9	1,9
CENTRO-SUL	561,9	561,9	561,9	-	-	3.054	2.982	(2,3)	1.715,8	1.675,3	1.675,3	(2,4)	(2,4)
BRASIL	731,0	731,0	731,0	-	-	2.587	2.537	(2,0)	1.891,2	1.854,1	1.854,1	(2,0)	(2,0)

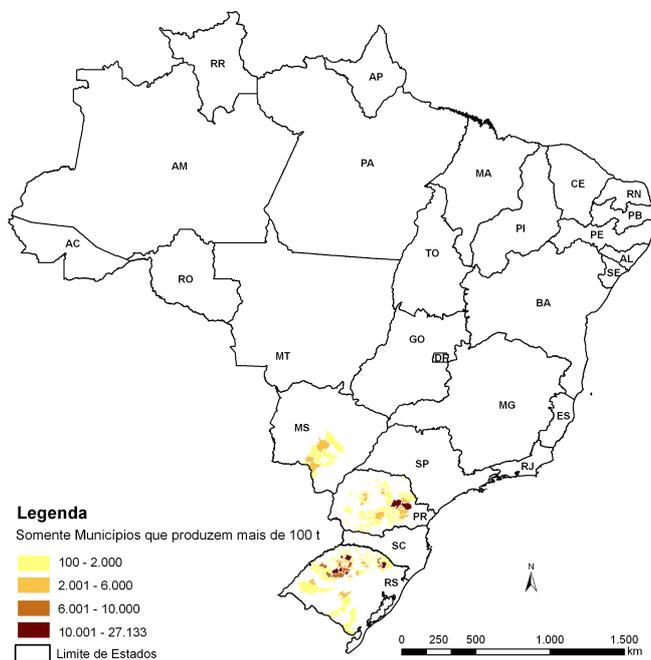
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.2. Culturas de inverno

10.2.1. Aveia

Figura 37 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 38 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 32 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	- centro e leste do PR (FR/M/C) - todo estado do RS, exceto noroeste (F/FR)	- noroeste do RS (F/FR)		

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						P	P	P		C	C	C
Sul												
PR		C					P	P	P	P	C	C
RS	C	C						P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

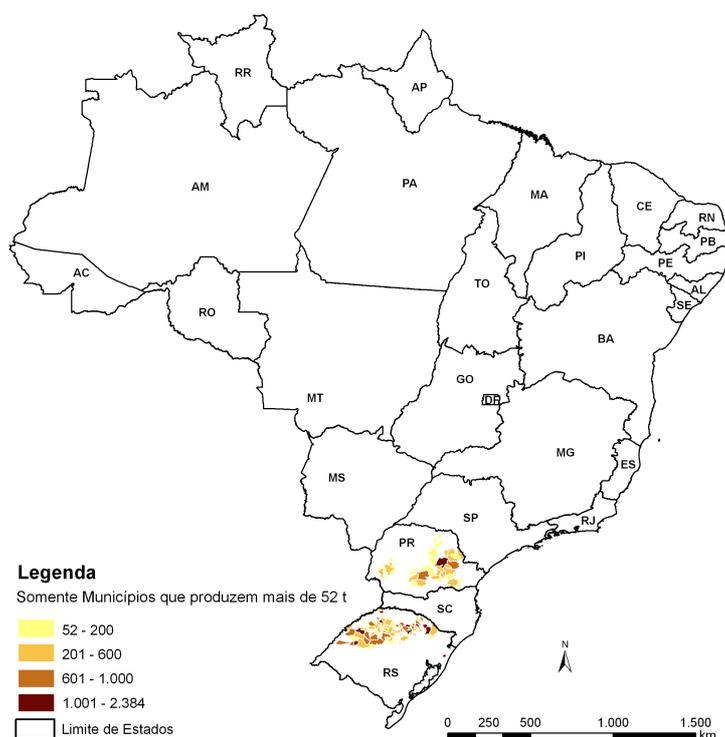
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	5,9	7,6	28,8	1.695	1.474	(13,0)	10,0	11,2	12,0
MS	5,9	7,6	28,8	1.694	1.470	(13,2)	10,0	11,2	12,0
SUL	164,2	146,9	(10,5)	2.362	2.772	17,4	387,9	407,2	5,0
PR	61,7	58,4	(5,3)	1.831	2.427	32,6	113,0	141,7	25,4
RS	102,5	88,5	(13,7)	2.682	3.000	11,9	274,9	265,5	(3,4)
CENTRO-SUL	170,1	154,5	(9,2)	2.339	2.708	15,8	397,9	418,4	5,2
BRASIL	170,1	154,5	(9,2)	2.339	2.708	15,8	397,9	418,4	5,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.2.2. Canola

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C						P	P	P		C	C
SC	C						P	P	P		C	C
RS	C						P	P	P		C	C

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	45,5	45,2	(0,7)	1.330	1.527	14,8	60,5	69,0	14,0
PR	15,2	6,2	(59,2)	813	1.696	108,6	12,4	10,5	(15,3)
RS	30,3	39,0	28,7	1.587	1.500	(5,5)	48,1	58,5	21,6
CENTRO-SUL	45,5	45,2	(0,7)	1.330	1.527	14,8	60,5	69,0	14,0
BRASIL	45,5	45,2	(0,7)	1.330	1.527	14,8	60,5	69,0	14,0

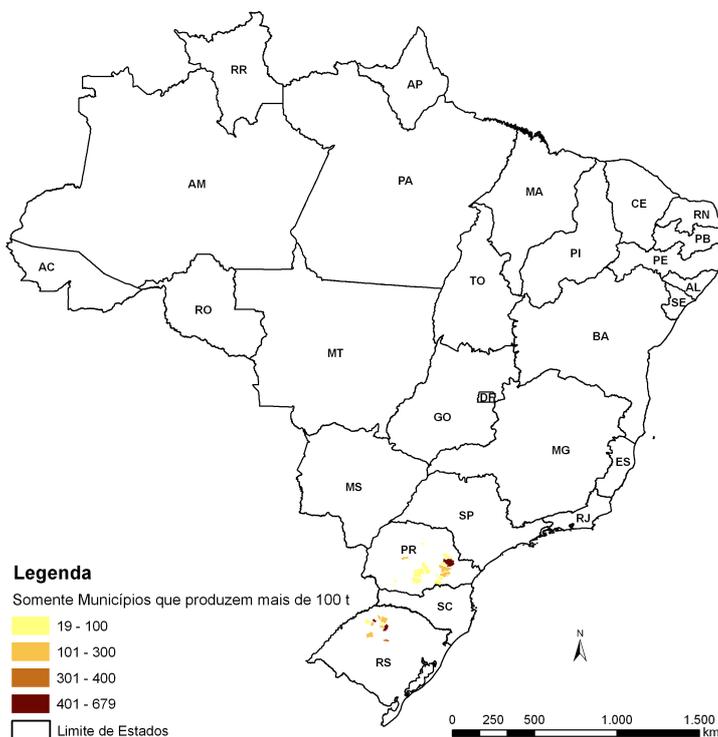
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.2.3. Centeio

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Centeio

Fonte:



Conab/IBGE.

Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR				C	C						P	P
RS			C	C						P	P	

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

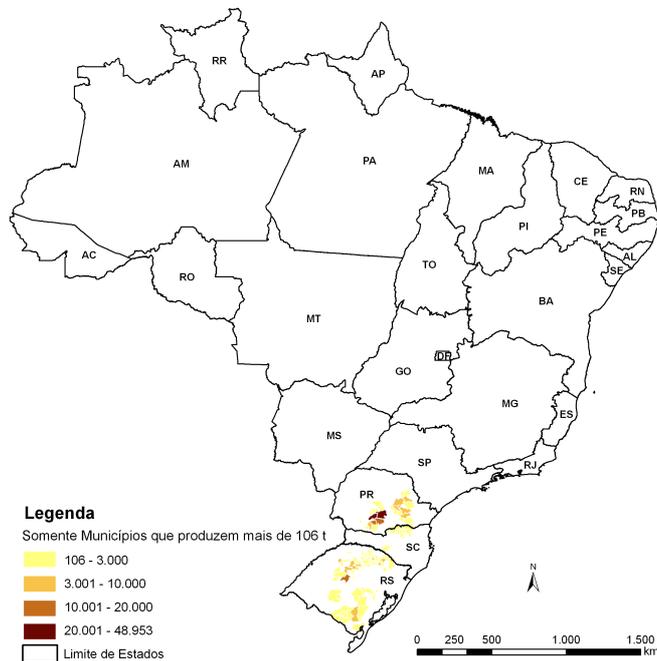
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	2.000	11,1	2,7	3,6	33,3
PR	1,0	1,3	30,0	1.904	2.167	13,8	1,9	2,8	47,4
RS	0,5	0,5	-	1.500	1.500	-	0,8	0,8	-
CENTRO-SUL	1,5	1,8	20,0	1.800	2.000	11,1	2,7	3,6	33,3
BRASIL	1,5	1,8	20,0	1.800	2.000	11,1	2,7	3,6	33,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

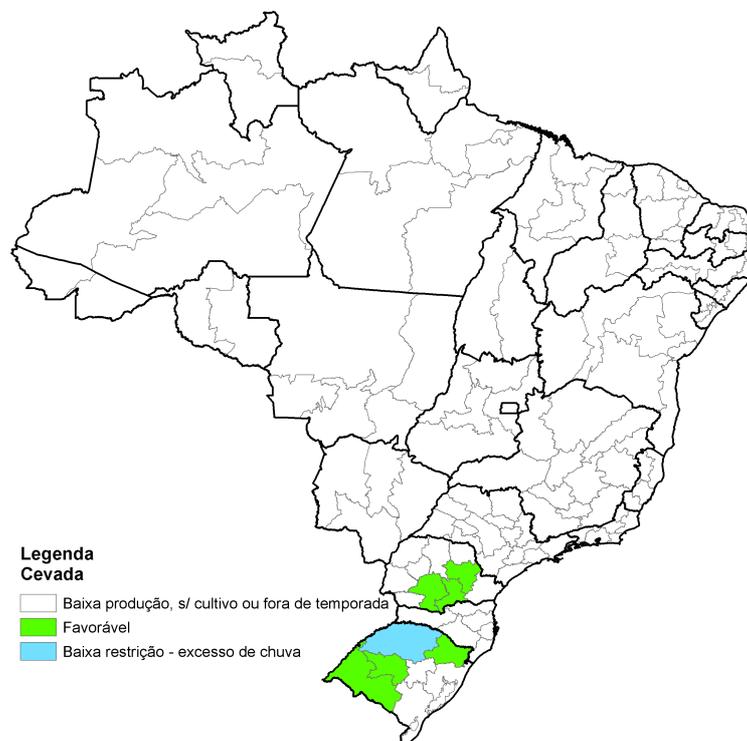
10.2.4. Cevada

Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 42 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 36 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	nordeste do PR (FR) todo estado do RS, exceto noroeste (F/FR)	noroeste do RS (F/FR)		

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C						P	P	P		
SC		C							P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	102,9	118,1	14,8	3.510	3.528	0,5	361,2	416,6	15,3
PR	43,7	54,2	24,0	4.157	4.150	(0,2)	181,7	224,9	23,8
SC	1,8	0,9	(50,0)	3.300	3.000	(9,1)	5,9	2,7	(54,2)
RS	57,4	63,0	9,7	3.024	3.000	(0,8)	173,6	189,0	8,9
CENTRO-SUL	102,9	118,1	14,8	3.510	3.528	0,5	361,2	416,6	15,3
BRASIL	102,9	118,1	14,8	3.510	3.528	0,5	361,2	416,6	15,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.2.5. Trigo

A previsão para a safra brasileira é de que a área tenha um aumento de 22,1% em relação a 2013, o que corresponde a 488,7 mil hectares, alcançando 2.698,5 mil hectares. O aumento previsto para essa safra tem relação com a demanda que, assim como na safra anterior, continua aquecida, visto que o país é um grande importador. A produção do país nas últimas seis safras tem sido, em média, 5,7 milhões de toneladas, enquanto o nosso consumo chega a 10,7 milhões de toneladas. Nesta safra, apesar da expectativa de produção de 7,7 milhões de toneladas, a demanda deve chegar a 12,2 milhões de toneladas, ou seja, ainda que esta produção se consolide, ainda será necessário importar 5,5 milhões de toneladas.

A área semeada com trigo no Rio Grande do Sul ficou em 1.140,5 mil hectares, com crescimento de 9,8% em relação à safra anterior, podendo sofrer ainda pequenos reajustes. A semeadura da safra de trigo 2014 começou na primeira quinzena de maio na fronteira noroeste do estado e encerrou em 30 de julho, devido ao prolongamento autorizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), através das Portarias nº11 e nº 12, publicadas no Diário Oficial da União (DOU) do dia 17 de julho de 2014. A cultura tinha apresentado boa recuperação, após um período de intensas chuvas de final de junho a início de julho. Os tratamentos culturais ajudaram no realinhamento da lavoura, principalmente com a aplicação da adubação nitrogenada e o controle de pragas e doenças que atingiram boa parte da lavoura à época.

Atualmente, o estágio da lavoura se diferencia em relação à evolução do ciclo reprodutivo. Na Fronteira Oeste as lavouras estão mais adiantadas e as primeiras áreas semeadas em maio começam a ser colhidas. Nas regiões das missões e noroeste do estado o desenvolvimento é intermediário e na região norte/nordeste gaúcha predomina o estágio de floração.

Entre os dias 27 e 29 de setembro a região produtora de trigo da fronteira oeste e nordeste foi atingida por chuvas torrenciais, acompanhadas de ventos fortes e ocorrência de granizo de fraca intensidade em alguns pontos. O evento provocou acamamento de parte das lavouras, o que seguramente provocará prejuízos no enchimento de grãos, além de dificultar a colheita, com perdas na barra de corte da colheitadeira. Ainda não é possível quantificar os prejuízos porque os efeitos do ocorrido podem se estender por mais tempo, dependendo das condições climáticas dos próximos dias. É possível que aumente a disseminação de doenças fúngicas pelo ambiente favorável apresentado, como falta de luminosidade, umidade e temperaturas altas, ideais para a propagação dos agentes de contaminação. Já nas demais regiões produtoras, onde as chuvas foram de menor intensidade, os efeitos imediatos foram menores, com as lavouras apresentando um bom estado no momento, não sendo possível, contudo, avaliar o impacto no potencial produtivo das plantas.

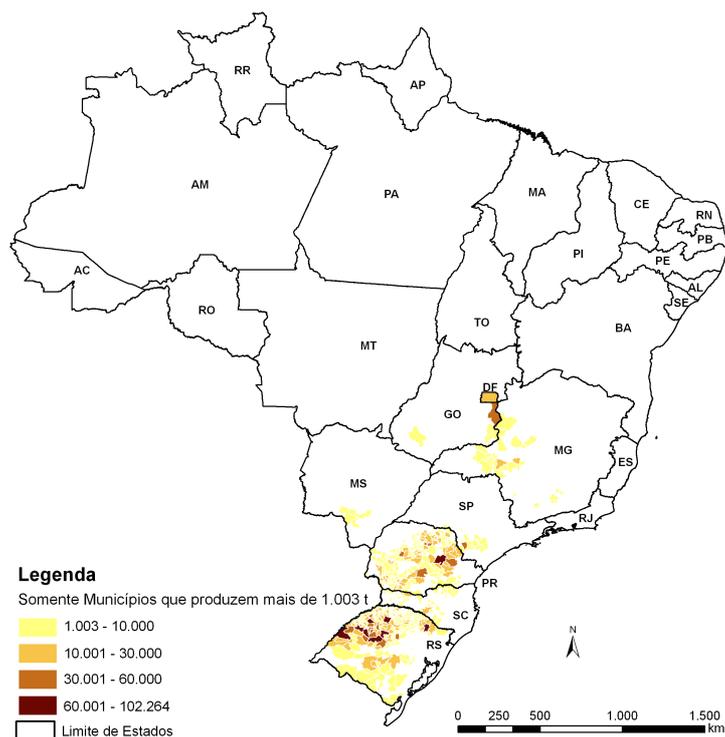
No dia 5 de outubro foram registradas, novamente, a ocorrência de chuvas pesadas que prejudicaram significativamente as lavouras de trigo, em especial àquelas que estavam em ponto de colheita, ocasionando a perda do peso específico do grão e afetando a qualidade do produto. A produtividade esperada, de acordo com os fatores de produção ainda ativos, é de 2.700 kg/ha, com possibilidade de baixa por conta da persistência de fatores climáticos adversos. A produção de trigo do estado se mantém em torno de 3 milhões de toneladas, com possibilidade de baixa qualidade do produto.

No Paraná a cultura deve ocupar uma área de 1.354,2 mil hectares, representando um incremento de 36,4% em relação à safra anterior, sendo que a semeadura já foi concluída e a colheita atingiu 41% da área total. O restante da área atravessa as fases de desenvolvimento vegetativo (4%), floração (13%), frutificação (37%) e maturação (47%). A produtividade média do estado, que foi de 1.856 kg/ha na safra 2013, está estimativa em 2.950 kg/ha para esta safra, em função de uma recuperação prevista, uma vez que a lavoura foi duramente castigada em função das geadas e excesso de chuvas em junho de 2013, que promoveu o aparecimento de doenças fúngicas, comprometendo a produtividade. Por essa razão, a produção que foi de 1.842,6 mil toneladas em 2013, deve apresentar um aumento de 116,8%, estimada nesta safra em 3.994,9 mil toneladas.

Em Santa Catarina a previsão é de aumento de 4,3% na área a ser plantada na safra atual. O clima mostrou-se favorável durante grande parte do ciclo da cultura. Chuvas regulares e com volumes satisfatórios garantiram o bom desenvolvimento das plantas. As temperaturas, apesar de serem mais amenas que as registradas na safra passada, favoreceram a cultura, que se apresenta com boa sanidade. A grande parte das lavouras está em floração (60%), mas ainda há 7% em desenvolvimento vegetativo e o restante estão na fase de formação de grão e maturação, com 32% e 1%, respectivamente.

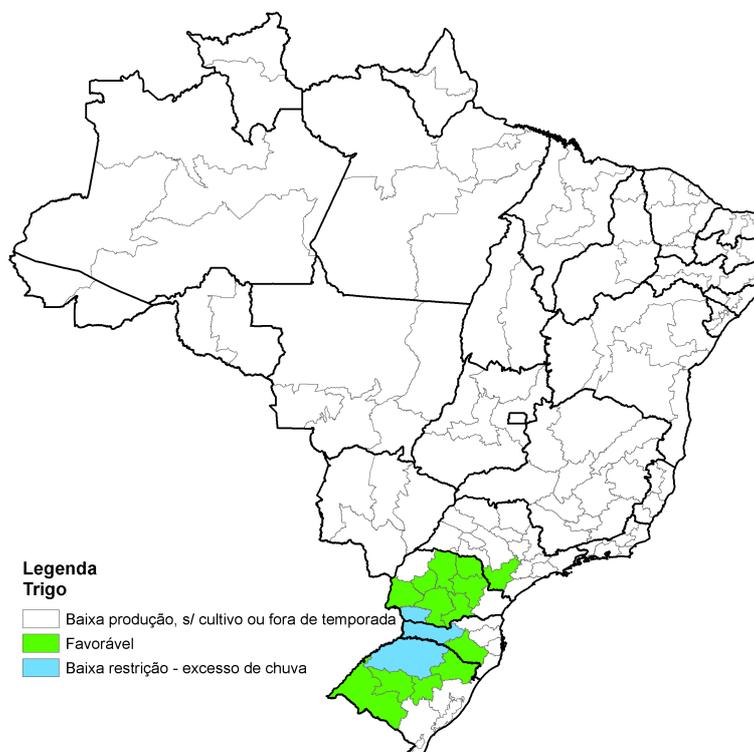
As lavouras estão em bom estado, mas as chuvas ocorridas na última semana de setembro podem afetar a qualidade do grão futuramente, pois neste estágio o excesso de umidade pode favorecer o ataque de doenças, principalmente a giberela, principal doença da fase reprodutiva, além do oídio.

Figura 43 – Mapa da produção agrícola – Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 44 – Condição hídrica geral para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil em setembro de 2014



Fonte: Conab.

Tabela 38 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em setembro

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas favoráveis (C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	- sul do PR, exceto sudoeste (FR) - sul de SC (F/FR) - todo estado do RS, exceto noroeste (F/FR)	- sudoeste do PR (FR) - oeste de SC (F/FR) - noroeste do RS (F/FR)	- sul de SP (C) - norte e oeste do PR (C)	

Legenda: *(PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.
Fonte: Conab.

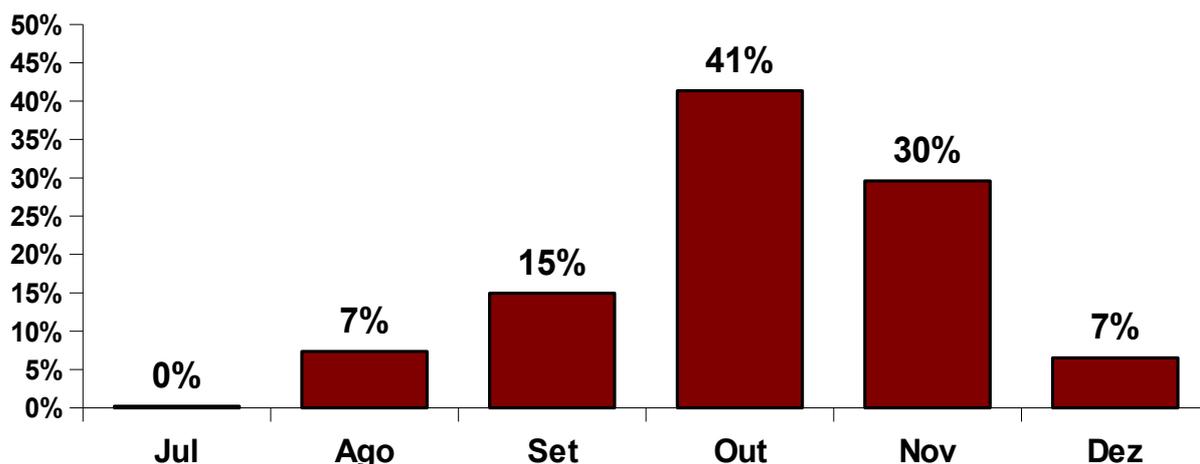
No Mato Grosso do Sul, além do aumento significativo (41,2%) de área em relação à safra passada, influenciada pelo comportamento atual do mercado e pelas expectativas de bons preços, o trigo recuperou a produtividade do ano passado e alcançar 2.000 kg/ha, um acréscimo significativo de 122,2% em comparação à safra 2013, em função das boas condições climáticas que favoreceram ao bom desenvolvimento da cultura nesta safra, sem ocorrência de geadas. A cultura encontra-se com colheita encerrada no estado.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P	P	C	C	C
GO	C						P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P	P		C	C
SP	C						P	P	P		C	C
Sul												
PR	C	C					P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.
Fonte: Conab.

Gráfico 25 – Distribuição mensal da colheita – Trigo



Fonte: Conab.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	17,6	23,3	32,4	3.386	3.682	8,7	59,6	85,8	44,0
MS	8,5	12,0	41,2	900	2.000	122,2	7,7	24,0	211,7
GO	7,3	9,9	35,6	5.390	5.397	0,1	39,3	53,4	35,9
DF	1,8	1,4	(22,2)	7.000	6.000	(14,3)	12,6	8,4	(33,3)
SUDESTE	88,1	104,8	19,0	2.390	2.733	14,4	210,6	286,4	36,0
MG	36,2	57,9	59,9	3.309	3.030	(8,4)	119,8	175,4	46,4
SP	51,9	46,9	(9,7)	1.749	2.366	35,3	90,8	111,0	22,2
SUL	2.104,1	2.570,4	22,2	2.499	2.841	13,7	5.257,7	7.301,4	38,9
PR	992,8	1.354,2	36,4	1.856	2.950	58,9	1.842,6	3.994,9	116,8
SC	72,6	75,7	4,3	3.260	3.000	(8,0)	236,7	227,1	(4,1)
RS	1.038,7	1.140,5	9,8	3.060	2.700	(11,8)	3.178,4	3.079,4	(3,1)
CENTRO-SUL	2.209,8	2.698,5	22,1	2.502	2.844	13,7	5.527,9	7.673,6	38,8
BRASIL	2.209,8	2.698,5	22,1	2.502	2.844	13,7	5.527,9	7.673,6	38,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

10.2.5.1. Oferta e demanda

O levantamento de safra referente a outubro detectou uma produção de 7,67 milhões de toneladas, praticamente mantendo o volume de produção da estimativa anterior de 7,66 milhões de toneladas. Em relação ao ano de 2013, a evolução foi de 38,8%, representando um acréscimo de 2,14 milhões de toneladas.

A estimativa de moagem industrial está avaliada em 11,8 milhões de toneladas, ou seja, 5,3% acima da moagem de 2013. Dessa forma, o consumo de trigo em grão no país, medido pelo processamento industrial, é de 983 mil toneladas/mês.

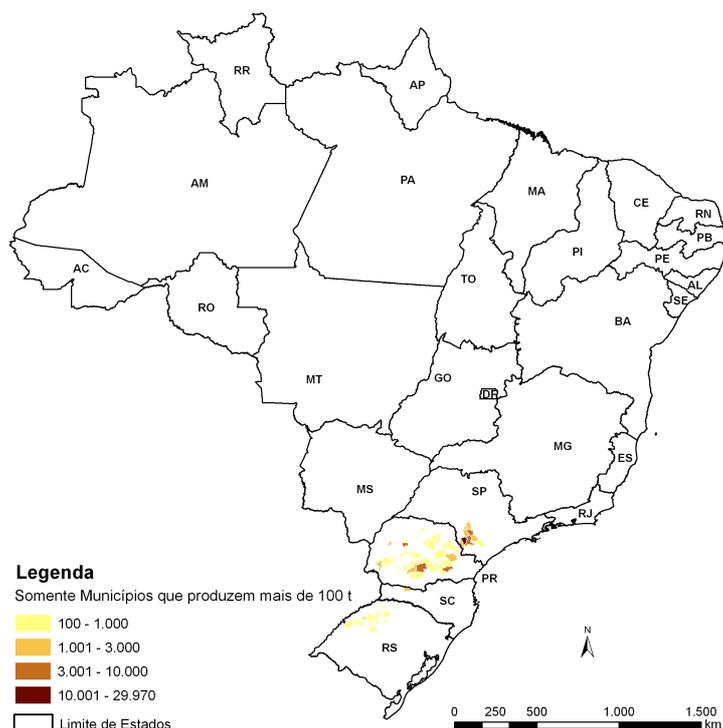
Quanto às importações manteve-se a previsão anterior de 5,5 milhões de toneladas, contra 6,64 e 7,01 milhões de toneladas em 2013 e 2012, respectivamente. A qualidade da safra nacional será decisiva para se ter esse reduzido volume de importações esperado para 2014/15.

As exportações com destino à países da África, atualmente abastecidos por países produtores e exportadores do Mar Negro, em situação de conflito geopolítico, foram mantidas em 650 mil toneladas, podendo ser maiores, dependendo do desempenho do Pepro.

Para uso como sementes, foram estimadas 404,7 mil toneladas, restando um estoque de passagem de 1,25 milhão de toneladas, 27% acima do volume requerido para um mês de consumo industrial avaliado em 983 mil toneladas. Dessa forma, a demanda nacional por trigo em grão será de 12,2 milhões de toneladas, 5,8% maior que em 2013.

10.2.6. Triticale

Figura 45 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR	C	C					P	P	P	P		C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C						P	P			

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e colheita.

Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %	Safra 2013	Safra 2014	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	20,0	20,0	-	2.760	2.760	-	55,2	55,2	-
SP	20,0	20,0	-	2.762	2.762	-	55,2	55,2	-
SUL	22,8	18,8	(17,5)	2.175	2.638	21,3	49,6	49,6	-
PR	16,9	13,3	(21,3)	2.200	2.867	30,3	37,2	38,1	2,4
SC	0,7	0,6	(14,3)	2.710	2.600	(4,1)	1,9	1,6	(15,8)
RS	5,2	4,9	(5,8)	2.015	2.015	-	10,5	9,9	(5,7)
CENTRO-SUL	42,8	38,8	(9,3)	2.449	2.701	10,3	104,8	104,8	-
BRASIL	42,8	38,8	(9,3)	2.449	2.701	10,3	104,8	104,8	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

14. Balanço de oferta e demanda

Tabela 41 – Tabela do balanço de oferta e demanda de algodão, arroz, feijão, milho, complexo soja e trigo

Em 1.000 toneladas								
PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
ALGODÃO EM PLUMA	2009/10	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	32,0	2.071,1	870,0	660,0	541,1
	2014/15	541,1	1.616,7	18,0	2.175,8	880,0	680,0	615,8
ARROZ EM CASCA	2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.161,7	1.000,0	14.243,8	12.000,0	1.200,0	1.043,8
	2014/15	1.043,8	12.571,2	1.000,0	14.615,0	12.000,0	1.200,0	1.415,0
FEIJÃO	2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.444,1	100,0	3.673,3	3.350,0	45,0	278,3
	2014/15	278,3	3.222,6	100,0	3.600,9	3.350,0	45,0	205,9
MILHO	2009/10	7.112,8	56.018,1	391,9	63.522,8	46.967,6	10.966,1	5.589,1
	2010/11	5.589,1	57.406,9	764,4	63.760,4	48.485,5	9.311,9	5.963,0
	2011/12	5.963,0	72.979,5	774,0	79.716,5	51.888,6	22.313,7	5.514,2
	2012/13	5.514,2	81.505,7	911,4	87.931,3	53.498,3	26.174,1	8.258,9
	2013/14	8.258,9	79.905,5	500,0	88.664,4	53.905,6	19.500,0	15.258,8
	2014/15	15.258,8	77.779,6	300,0	93.338,4	55.000,0	20.000,0	18.338,4
SOJA EM GRÃOS	2009/10	674,4	68.688,2	117,8	69.480,4	37.800,0	29.073,2	2.607,2
	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.524,0	42.791,9	910,3
	2013/14	910,3	86.120,8	889,0	87.920,1	39.935,8	46.565,0	1.419,3
	2014/15	1.419,3	90.620,4	250,0	92.289,7	42.200,0	48.500,0	1.589,7
FARELO DE SOJA	2009/10	1.903,2	26.719,0	39,5	28.661,7	12.944,0	13.668,6	2.049,1
	2010/11	2.049,1	29.298,5	24,8	31.372,4	13.758,0	14.355,0	3.259,4
	2011/12	3.259,4	26.026,0	5,0	29.290,4	14.051,0	14.289,0	950,4
	2012/13	950,4	27.258,0	3,9	28.212,3	14.000,0	13.333,5	878,8
	2013/14	878,8	28.336,0	1,0	29.215,8	14.100,0	13.579,4	1.536,4
	2014/15	1.536,4	30.030,0	1,0	31.567,4	14.500,0	14.000,0	3.067,4
ÓLEO DE SOJA	2009/10	302,2	6.766,5	16,2	7.084,9	4.980,0	1.563,8	541,1
	2010/11	541,1	7.419,8	0,1	7.961,0	5.528,0	1.741,0	692,0
	2011/12	692,0	6.591,0	1,0	7.284,0	5.328,0	1.757,1	198,9
	2012/13	198,9	6.903,0	5,0	7.106,9	5.500,0	1.362,5	244,4
	2013/14	244,4	7.176,0	1,0	7.421,4	5.500,0	1.373,5	547,9
	2014/15	547,9	7.605,0	1,0	8.153,9	6.100,0	1.350,0	703,9
TRIGO	2009	2.706,7	5.026,2	5.922,2	13.655,1	9.614,2	1.170,4	2.870,5
	2010	2.870,5	5.881,6	5.771,9	14.524,0	10.242,0	2.515,9	1.766,1
	2011	1.766,1	5.788,6	6.011,8	13.566,5	10.444,9	1.901,0	1.220,6
	2012	1.220,6	4.379,5	7.010,2	12.610,3	10.584,3	1.683,8	342,2
	2013	342,2	5.527,9	6.642,3	12.512,4	11.531,4	47,4	933,6
	2014	933,6	7.673,6	5.500,0	14.107,2	12.204,7	650,0	1.252,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em outubro/2014.

Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho

SUREG AC

Felomeno Gomes de Freitas
Travessa do Icó, 180
Estação Experimental
69.901-180, Rio Branco (AC)
Fone: (68) 3227-7959
ac.sureg@conab.gov.br

SUREG AL

Elizeu José Rego
Rua Senador Mendonça, 148
Edifício Walmap, 8º e 9º andar
57.020-030, Maceió (AL)
Fone: (82) 3358-6145
al.sureg@conab.gov.br

SUREG AM

Thomaz Antônio Periz da Silva
Avenida Ministro Mário Andreazza, 2196
Distrito Industrial
69.075-830, Manaus (AM)
Fone: (92) 3182-2404
am.sureg@conab.gov.br

SUREG AP

Asdrúbal Silva de Oliveira
Avenida Hamilton Silva, 1500
Bairro Central
68.900-068, Macapá (AP)
Fone: (96) 3222-5975/ 8118-6003
ap.sureg@conab.gov.br

SUREG BA/SE

Rose Edna Mata Vianna Pondé
Avenida Antônio Carlos Magalhães, 3840
4º andar Bl. A – Ed. Capemi Bairro Pituba
41.821-900, Salvador (BA)
Fone: (71) 3417-8630
ba.sureg@conab.gov.br

SUREG CE

Francisco Agenor Pereira
Rua Antônio Pompeu, 555
Bairro José Bonifácio
60.040-001, Fortaleza (CE)
Fone: (85) 3252-1722
ce.sureg@conab.gov.br

SUREG DF

Sebastião Pereira Gomes
Setor Indústria e Abastecimento Sul
Quadra 5
71.200-000, Brasília (DF)
Fone: (61) 3363-2502
df.sureg@conab.gov.br

SUREG ES

Bricio Alves Santos Júnior
Avenida Princesa Isabel, 629, sala 702
Ed. Vitória Center, Centro
29.010-904, Vitória (ES)
Fone: (27) 3041-4005
es.sureg@conab.gov.br

SUREG GO

Eurípedes Malaquias de Souza
Avenida Meia Ponte, 2748
Setor Santa Genoveva
74.670-400, Goiânia (GO)
Fone: (62) 3269-7400
go.sureg@conab.gov.br

SUREG MA

Margareth de Cassia Oliveira Aquino
Rua das Sabias, 4, Quadra 5
Lote 4 e 5. Bairro Jardim Renascença
65.071-750, São Luiz (MA)
Fone: (98) 2109-1301
ma.sureg@conab.gov.br

SUREG MS

Antônio Benedito Dota
Avenida Mato Grosso, 1022
Centro
79.002-232, Campo Grande (MS)
Fone: (67) 3383-4566
ms.sureg@conab.gov.br

SUREG MT

Ovídio Costa Miranda
Rua Padre Jerônimo Botelho, 510
Edifício Everest, Bairro Dom Aquino
78015-240, Cuiabá (MT)
Fone: (65) 3616-3803
mt.sureg@conab.gov.br

SUREG MG

Oswaldo Teixeira de Souza
Rua Prof. Antônio Aleixo, 756
Bairro de Lourdes
30.180-150, Belo Horizonte (MG)
Fone: (31) 3290-2800
mg.sureg@conab.gov.br

SUREG PA

Moacir da Cruz Rocha
Rua Joaquim Nabuco, 23
Bairro Nazaré
66.055-300, Belém (PA)
Fone: (91) 3224-2374
pa.sureg@conab.gov.br

SUREG PB

Gustavo Guimarães Lima
Rua Coronel Estevão D'Ávila Lins, s/n
Bairro Cruz das Armas
58.085-010, João Pessoa (PB)
Fone: (83) 3242-5864
pb.sureg@conab.gov.br

SUREG PE

Roberto Pereira Lins
Estrada do Barbalho, 960
Bairro Iputinga
50.690-000, Recife (PE)
Fone: (81) 3271-4291
pe.sureg@conab.gov.br

SUREG PI

Manuel Araújo da Rocha
Rua Honório de Paiva, 475
Sul – Piçarra
64.017-112, Teresina (PI)
Fone: (86) 3194-5400
pi.sureg@conab.gov.br

SUREG PR

Erlí de Pádua Ribeiro
Rua Mauá, 1.116
Bairro Alto da Glória
80.030-200, Curitiba (PR)
Fone: (41) 3313-3209
pr.sureg@conab.gov.br

SUREG RJ

Luís Roberto Pires Domingues
Rua da Alfândega, nº 91
11º, 12º e 14º andares
20.010-001, Rio de Janeiro (RJ)
Fone: (21) 2509-7416
rj.sureg@conab.gov.br

SUREG RN

Luís Domingues
Avenida Jerônimo Câmara, 1814
Bairro Lagoa Nova
59.060-300, Natal (RN)
Fone: (84) 4006-7619
rn.sureg@conab.gov.br

SUREG RO

Everaldo da Silva Santos
Avenida Farquar, 3305
Bairro Pedrinhas
78.904-660, Porto Velho (RO)
Fone: (69) 3216-8420
ro.sureg@conab.gov.br

SUREG RR

Zelia Olanda Mar
Av. Venezuela nº 1.120 – Portão A
Anexo I, II e IV – Bairro Mecejana
69.309-690, Boa Vista (RR)
Fone: (95) 3224-7599
rr.sureg@conab.gov.br

SUREG RS

Glauto Lisboa Melo Junior
Rua Quintino Bocaiuva, 57
Bairro Floresta
90.440-051, Porto Alegre (RS)
Fone: (51) 3326-6400
rs.sureg@conab.gov.br

SUREG SC

Sione Lauro de Souza
Rua Francisco Pedro Machado, s/n
Bairro Barreiros
88.117-402, São José (SC)
Fone: (48) 3381-7270
sc.sureg@conab.gov.br

SUREG SP

Alfredo Luiz Brienza Coli
Alameda Campinas, 433, Térreo, 2º, 3º,
4º e 5º andar, Bairro Jardim Paulista
01.404-901, São Paulo (SP)
Fone: (11) 3264-4800
sp.sureg@conab.gov.br

SUREG TO

Vilmondes de Castro Macedo
601 Sul – Avenida Teotônio Segurado
Conjunto 01, Lote 02, Plano Diretor Sul
77.016-330, Palmas (TO)
Fone: (63) 3218-7401
to.sureg@conab.gov.br

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277/6264/2210/6230
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento